



Novas terras, diferentes flores

A vida missionária da reverenda Higuchi

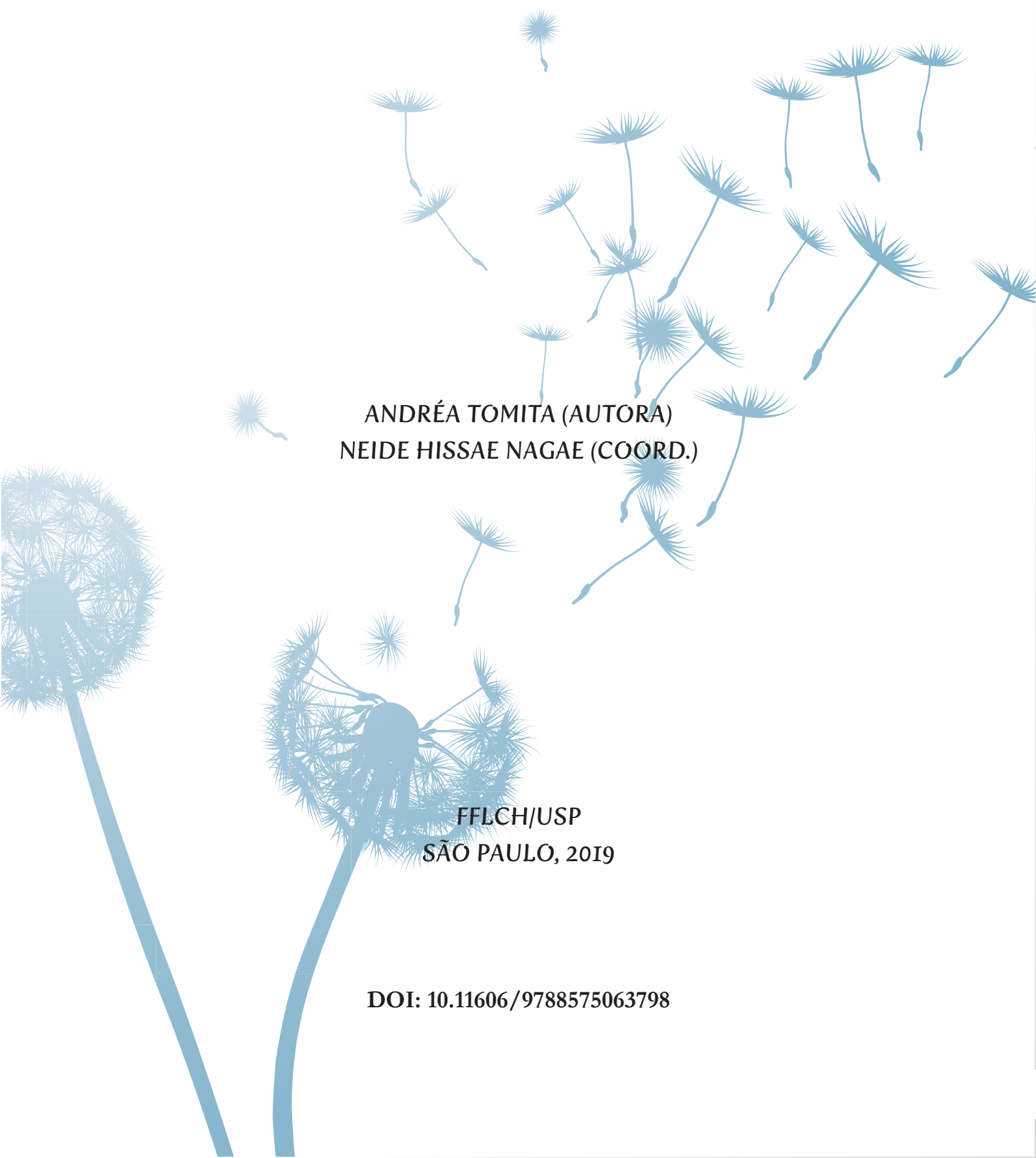
Andréa Tomita

**NOVAS TERRAS, DIFERENTES FLORES:
A VIDA MISSIONÁRIA DA REVERENDA HIGUCHI**

**ANDRÉA TOMITA (AUTORA)
NEIDE HISSAE NAGAE (COORD.)**

**FFLCH/USP
SÃO PAULO, 2019**

DOI: 10.11606/9788575063798



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Vice-Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

Chefe: Profa. Dra. Safa Alferd Abou Chahla Jubran

Vice-Chefe: Profa. Dra. Shirlei Lica Ichisato Hashimoto

Habilitação em Língua e Literatura Japonesa do Curso de Letras
Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa

Revisão: Ivna Maia Fuchigami e Amanda Cuba

Preparação de texto: Amanda Cuba

Capa/Diagramação: Rogério Luiz da Camara

Prefácio: Jung Mo Sung

Posfácio: Neide Hissae Nagae

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria,
proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Catálogo na Publicação (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
Maria Imaculada da Conceição – CRB-8/6409

T657 Tomita, Andréa.
Novas terras, diferentes flores [recurso eletrônico] : a vida
missionária da reverenda Higuchi / Andréa Tomita ; coordenação:
Neide Hissae Nagae. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2019.
3.448 Kb ; PDF.

ISBN 978-85-7506-379-8
DOI: 10.11606/9788575063798

1. Religiões orientais. 2. Igreja Messiânica Mundial – Havaí. 3.
Missões religiosas. I. Título. II. Higuchi, Kiyoko (1905-1989). III.
Nagae, Neide Hissae, coord.

CDD 299.56

1ª edição, 95 p.



Figura 1 – Reverenda Kiyoko Higuchi (1905-1989) (HIGUCHI, 1994).

Agradecimentos

Não há palavras que traduzam minha gratidão.

Primeiramente, agradeço ao Supremo Deus a oportunidade de ter conhecido a trajetória de alguém tão corajosa como foi a reverenda Kiyoko Higuchi.

Meu encanto e respeito por sua missão pioneira no Havaí e Estados Unidos vêm de longa data, ambos impulsionados por um antigo interesse em compreender a dinâmica de difusão dos ensinamentos de Meishu-Sama fora do Japão. Seu espírito de servir levou muitos americanos a ingressarem numa religião desconhecida e singular em vários aspectos. Como e por que ela foi tão bem sucedida em sua missão? Nesta pesquisa, dentre outros pontos, foi possível evidenciar seu pioneirismo na tradução cultural da fé messiânica em âmbito mundial. Fonte de inspiração para a comunidade messiânica, trazer à luz a vida e obra da reverenda Higuchi é, para mim, motivo de imensa honra, gratidão e alegria.

Agradeço aos familiares, amigos e alunos que tanto me apoiaram para a concretização deste projeto. Em especial, aos meus pais Ivan e Zélia; ao meu esposo Choiti e nossos filhos Marina, Natália e Henrique. Aos amigos Marco Antonio Negrão, Vinicius Carvalho da Silva, Amanda Cuba e Ivna Maia Fuchigami, que colaboraram com preciosas considerações e revisões. Ao Naohito Miura, pela apresentação de referências inéditas em língua japonesa; ao Alexandre Guedes, por um diálogo despretenso que inspirou o título desta obra; ao Breno Magalhães e Francisco Marcondes pela sensibilidade em resgatar fotografias raras e, finalmente, ao Nicholas Viana pela ajuda com os últimos manuscritos. Estendo aos colegas tradutores Geórgia Raffo, Anna Michele Sakaguti, Amadeus Valdrigue, Vania Dias Mendonça e Veronica Hayako Nagae, que colaboraram na tradução de significativas orientações da reverenda Higuchi publicadas na *Izunome*, edição japonesa, e ainda aos vários colaboradores da tradução não editada do livro *The Light of Jobrei*.

Manifesto minha gratidão aos dirigentes da Igreja Messiânica e coligadas, que incentivaram esta pesquisa em suas diferentes etapas – desde a coleta de materiais junto à responsável do Departamento de Doutrina da Sede Geral, sra. Yoshie Takeda.

À professora Neide Nagae, expresso meus agradecimentos especiais por todo incentivo e colaboração com vistas à disponibilização da presente obra no Portal de Livros Abertos da USP. É antiga nossa amizade e parceria nos estudos que inter-relacionam cultura, religião japonesa e tradução. Contar com suas amistosas palavras no posfácio muito me anima a perseverar diante dos contínuos desafios da vida profissional e acadêmica.

Por fim, agradeço ao professor Jung Mo Sung, pois, sem sua indicação, não teria aprofundado os estudos sobre a cativante obra missionária da reverenda Higuchi. Na verdade, creio que tudo foi fruto do Espírito. Essas coisas que chamamos de afinidades espirituais.

Sumário

Prefácio	7
Introdução	9
Capítulo 1 – Pioneirismo da reverenda Kiyoko Higuchi no exterior	11
Missão e Tradução Cultural: do que se trata?	11
Tradução cultural: o encontro com o novo	12
Vida e missão da reverenda Higuchi: primeira teóloga messiânica no exterior	17
Missão com americanos: diálogo e interação de saberes	21
Enriquecimento intercultural e missão baseada no amor amplo	24
Capítulo 2 – Desafios e descobertas	34
Barreiras culturais no âmbito do encontro de religiões	34
De “religião supersticiosa” a movimento de iluminação do mundo	38
Aproximações com a religião cristã: orações e Bíblia	41
Citações bíblicas na perspectiva messiânica	44
Capítulo 3 – Conhecendo o coração do outro	48
Problemática do livro <i>Os Novos Tempos</i>	48
Tradução da seção “Bibliography” do livro <i>Fragments from the Teachings of Meishu-Sama</i>	53
Seção “Bibliography”	55
Para corresponder à Vontade Divina - 1ª parte– por Kiyoko Higuchi	58
Para corresponder à Vontade Divina - 2ª parte – por Kiyoko Higuchi	64
Para corresponder à Vontade Divina - 3ª parte – por Kiyoko Higuchi	70
Considerações finais	78
Anexo 1 – Resumo biográfico	84
Anexo 2 – O último culto no Valley Center	85
Referências	88
Lista de figuras.....	92
Pós-fácio	93

Prefácio

Jung Mo Sung^I

Há pessoas que revelam a presença e a ação de Deus no mundo. Suas vidas, seu agir e seu modo de ser, mostram que há algo de diferente e especial nelas. Não apenas boas qualidades humanas, mas uma força espiritual que parece vir de fora, para além delas mesmas.

Na minha vida, eu tive a felicidade de conhecer algumas pessoas assim. Cada uma delas tinha características diferentes, fazia coisas diferentes e tinha também diferentes opções religiosas ou espirituais. Mas todas elas tinham algumas características em comum. A primeira delas é que elas são movidas por uma força que as leva a dedicar-se a outras pessoas, como se estivessem em uma missão divina, tomadas por um espírito que as move em direção à solidariedade e amor para com outras pessoas.

Nem todas as pessoas que se dedicam a trabalhos religiosos, sociais ou de solidariedade são assim. Essas pessoas movidas por “Espírito” sabem que o motivo fundamental do seu compromisso não é o seu desejo pessoal, qualquer que seja esse desejo, nem da instituição religiosa ou político-social a que pertencem, mas sim um chamado. Isso fica claro quando elas perseveram na missão mesmo contra seus instintos de sobrevivência, defesa do interesse próprio, vaidade ou egoísmo. Isto é, esse chamado as leva a travar uma batalha interior entre o seu desejo pessoal e esse senso de missão. Por isso, essas pessoas percebem que essa força que as mantém perseverando na caminhada não é algo que vem de dentro delas mesmas, mas sim de fora. Por isso, usando linguagem religiosa, explicam essa experiência como a de ser movida por Espírito de Deus, ou por outras expressões semelhantes.

Uma segunda característica é que elas conseguem ver a diferença entre essa experiência espiritual e a forma concreta cultural que esse chamado é explicado e colocado em prática. Toda experiência humana só pode ser compreendida, explicada e mantida na memória do indivíduo e do grupo social através de elementos da cultura dentro da qual ocorre essa experiência. Por exemplo, se uma pessoa que vive dentro só da cultura budista é tocada por uma experiência espiritual profunda, ela só pode entender e explicar essa experiência através dos elementos culturais e da linguagem budista. No início ela não vai conseguir diferenciar a “essência” da experiência da forma cultural pela qual essa experiência é vivida e compreendida. Mas quando ela se defronta com pessoas de outra cultura e procura lhes comunicar essa experiência surgem dificuldades e problemas. Isso é muito comum especialmente em trabalhos de missão. A resposta humana mais comum é a de manter a identificação entre o espírito e a cultura e impor ao outro o “pacote” por completo. Assim, as regras e doutrinas religiosas

¹ Graduado em Filosofia, com doutorado em Ciências da Religião (UMESP) e estudos pós-doutorais em Educação (UNIMEP). Estudou também Teologia e Administração de Empresas. Atualmente é professor titular da Universidade Metodista de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

construídas em um determinado tempo e lugar cultural passam a ser vistas como universais e válidas para todos os lugares e tempos. E, geralmente, esse procedimento é justificado com o argumento de que essa é a “revelação” de Deus, portanto, de validade eterna.

Entretanto, as pessoas “especiais”, pessoas que procuram seguir o espírito e ver o mundo a partir do “olhar de Deus”, percebem que a revelação de Deus está acima de qualquer e toda cultura ou sistema religioso. Elas aprendem na prática que “em novas terras, diferentes flores florescem”, que “é um engano desejar que as mesmas flores floresçam em todos os lugares” (Meishu-Sama). Por isso, são capazes de ouvir, dialogar e até aprender com as pessoas do novo lugar para que a missão possa produzir verdadeiros frutos. Assim, descobrem que a religião, enquanto instituição, é necessária e importante, mas que o espírito de Deus vai além.

Essa aprendizagem verdadeiramente espiritual leva, quase que necessariamente, a conflitos com autoridades religiosas que dão muita importância a doutrinas e regras estabelecidas, ou com autoridades civis que reprimem tudo o que questiona seus poderes. E, na maioria das vezes, as autoridades vencem e fazem calar essas pessoas movidas por Espírito de Deus. Aqui entra a terceira característica: a humildade. Elas não se deixam levar por sua vaidade de líderes missionários e aceitam a diminuição do seu papel, mas continuam perseverantes na sua missão, mesmo que de forma quase “escondida” ou tornada invisível. Isso porque o espírito que lhes move é mais forte.

Quando ouvi falar da reverenda Higuchi e li o seu livro *A Luz do Jobrei*, eu tive a convicção de que ela era uma dessas pessoas “especiais”. Nessa época, eu, um teólogo de tradição cristã católica, estava colaborando como professor na Faculdade de Teologia da Igreja Messiânica, em São Paulo, e participando de um grupo de estudo do pensamento de Meishu-Sama e da teologia messiânica. Foi a Andréa Tomita, autora deste livro, que me falou da vida da reverenda e me indicou esse livro. Eu o li em um só fôlego e fiquei encantado. Desde então tenho dialogado com A. Tomita sobre o processo do diálogo intercultural de uma religião que fez o caminho inverso das missões modernas: do Oriente ao Ocidente.

Este livro, que o leitor tem nas mãos e que tenho prazer de apresentar, assumiu o desafio de articular teorias sociais que lidam com o tema da interculturalidade na perspectiva dos subalternos, dos que foram derrotados ou culturalmente submetidos no processo de expansão do Ocidente no mundo moderno, com reflexões teológicas que nos ajudam a reconhecer onde e como Deus está agindo no mundo por meio de pessoas. Afinal, como disse a reverenda Higuchi, “é por meio do ser humano que Deus se manifesta”.

Para pessoas de fé messiânica, seguidoras de Meishu-Sama, este livro é uma grande contribuição para pensar, a partir de uma vida concreta de uma missionária, o desafio de anunciar ao mundo uma religião forjada no Japão.

Para pessoas interessadas em Teologia e Ciências da Religião, de uma forma geral, este livro traz reflexões importantes sobre como entender as especificidades da cultura japonesa na formação de uma religião e as dificuldades no encontro com a cultura ocidental, no caso específico a dos Estados Unidos.

Acima de tudo, este é um belo livro que vale a pena ser lido. Se não por interesses religiosos ou teóricos, por apresentar a vida de uma pessoa especial que merece ser conhecida.

Introdução

Meu interesse pelas religiões, em especial a religião japonesa, é antigo. Em termos de vivência da fé, ganhou forma nos idos de 1980 quando minha família conheceu a religião messiânica. Devo dizer, porém, que já me encantava com a religiosidade popular presente em minha família.

Antes dessa “virada cultural e religiosa” para uma religião oriental, costumava acompanhar minha mãe às sessões de terreiro no subúrbio carioca. D. Zélia era também muito afeita a participar de festas nos dias de santos católicos. Até hoje não perde uma festa de São Jorge. Poucas são minhas lembranças das missas católicas na paróquia do bairro. Mais fortes são as recordações da época de Cosme e Damião, em que preparávamos e distribuíamos saquinhos de doces para as crianças da vizinhança.

Hoje percebo que muito do meu interesse pelas interações culturais surgiu a partir dessas experiências de incursões em diferentes religiões e culturas desde a infância. Naturalmente, minha vivência messiânica na adolescência, a escolha pela carreira missionária aos 18 anos, os estudos universitários no Japão, a profissão de tradutora/intérprete da língua japonesa e o casamento intercultural, foram cruciais para a afinidade com o mundo das fronteiras e os intercâmbios frutíferos.

Contudo, por vezes, esses encontros interculturais resultam em grandes desafios cotidianos e cicatrizes doloridas. Admito que já enfrentei vários deles: tanto numa fase longa e difícil de vivência no exterior, quanto numa época em que cheguei a questionar a postura religiosa de meus familiares, que “misturavam” práticas de diferentes matrizes religiosas.

Suspeito que a ilusória fase em que cheguei a considerar possível a identificação do grau de pureza de uma religião, tenha sido impulsionada pela visão estreita e equivocada sobre a constituição das religiões, aliada ao típico apartamento do mundo em que vivem os religiosos profissionais. Na maioria das vezes, tais posturas discriminatórias são exemplos de imaturidade (e perigos fundamentalistas) de quem vive a religião com intensidade além do normal, como foi o meu caso no início da carreira missionária. Misto de incipiente reflexão teológica aliada ao ímpeto juvenil.

Felizmente, superei tal visão limitada e hoje percebo que o encontro e a interação entre religiões suscitam processos dinâmicos e criativos, que necessitam ser compreendidos e traduzidos, sobretudo no caso do contato entre religiões com matrizes culturais distintas.

Hoje estou convicta de que estudar a religião a partir de uma perspectiva lúcida e racional pode ser muito mais útil do que se imagina. Por que não dizer que serviria como uma espécie de antídoto para o veneno dos diversos fundamentalismos entranhados em todos nós? Isso sem mencionar a força da razão diante das eventuais crises decorrentes da dificuldade de se articular fé e outros saberes, dentre os quais o saber científico ou mesmo o popular.

Ora, se a fé abrange algum tipo de conteúdo da revelação, por si só ela já contém alguma forma de conhecimento. Mesmo no que diz respeito à fé, não haveria variações de abrangência conforme a

articulação do discurso religioso? Fé mais aberta e acolhedora. Fé mais restrita e individualista. Qual modo de articulação do discurso religioso propriamente dito favoreceria uma manifestação religiosa mais autêntica e, portanto, uma missão mais inclusiva, amorosa e efetiva?

Esse foi o mote principal dos estudos que empreendi sobre a tradução cultural e a missão realizada pela reverenda Kiyoko Higuchi² no Havaí e na Califórnia, nos EUA. Isso sem mencionar que, há muitos anos, sou encantada com sua fé aberta, sapiencial e amorosa.

Antes de sua partida para o Havaí em 1953, a reverenda Higuchi desenvolveu atividades pioneiras em diferentes localidades no Japão. Após atuar na Igreja Shizuoka, partiu para servir na Igreja Kamakura, numa região próxima a Tóquio. Ela conta que, devido à sua imaturidade, na nova Igreja, deparou-se com várias dificuldades e um dia buscou orientação com Meishu-Sama. Na ocasião, as seguintes palavras marcaram sua alma: “Em novas terras, diferentes flores florescem. É um engano desejar que as mesmas flores floresçam em todos os lugares” (HIGUCHI, 1961: 104).

Após receber essa orientação de Meishu-Sama, ela passou a ver as pessoas da nova localidade com outros olhos e, sobretudo enquanto serviu na missão nos EUA, tomou esse ensinamento como uma grande inspiração. Em situações graves, quando ela buscava orientação, Meishu-Sama costumava dizer que todos participam no Grande Drama Divino. Ele a advertia que bastaria colocar-se como uma espectadora. Haveria momentos de aborrecimento, mas depois viria a compreensão do significado das dificuldades. Por esse motivo, ela deveria ver tudo sem preocupações.

Movida pela segurança e tranquilidade transmitidas por Meishu-Sama, a reverenda Higuchi passou a ver as dificuldades de forma objetiva, ou seja, como etapas de amadurecimento necessárias à Obra de Construção.

Embora sem ter conhecido pessoalmente a reverenda Higuchi ou visitado as Igrejas no Havaí e na Califórnia, onde talvez ainda pudesse me encontrar com pioneiros de sua época, sinto-me profundamente agradecida pela oportunidade de conhecê-la por meio de seus textos. Esta foi a maior motivação para a publicação deste livro: estender seu espírito missionário ao maior número possível de pessoas.

Dentre as várias descobertas desta pesquisa, destaco sua capacidade de articulação de elementos da fé messiânica, viabilizando um paradigma missionário transreligioso que não reduz a mensagem de Meishu-Sama exclusivamente à religião. Ao contrário, a missão desenvolvida pela reverenda Higuchi possibilita a vivência da fé no cotidiano e o cultivo do amor amplo em busca da elevação da espiritualidade e sintonia com a Era do Dia.

Afinal, como a própria reverenda Higuchi (1994) nos exorta no início do seu livro *The Light of Jobrei*: “Que o mundo da luz comece com cada um de nós!”

² Daqui em diante, vou me referir à missionária Kiyoko Higuchi como reverenda Higuchi.

Capítulo I

Pioneirismo da reverenda Kiyoko Higuchi no exterior

Missão e tradução cultural: do que se trata?

Missão diz respeito ao mundo que se encontra além dos limites da igreja. [...] Missão significa servir, curar e reconciliar uma humanidade dividida e machucada. (BOSCH, 2014: 589)

A interação da religião messiânica com as religiosidades presentes nas localidades onde foi introduzida e se expandiu – a exemplo dos EUA, Brasil, Tailândia e outros países – tem impulsionado uma série de ressignificações marcadas por processos criativos singulares, evidenciados por meio de narrativas de missionários/as que engendram a teologia prática messiânica.

Nos estudos de doutorado, debrucei-me sobre a análise da Igreja Messiânica Mundial do Brasil (IMMB). Dentre outros aspectos, analisei o conceito de ultrarreligião³ proposto pelo Fundador Meishu-Sama e apresentei brevemente a história da missão messiânica a fim de compreender seu processo de integração religiosa e cultural em terras brasileiras (TOMITA, 2016).

Observei que o estudo das narrativas de missionários/as japoneses/as no exterior contribui para a compreensão da natureza da “história da missão” da religião messiânica. Em japonês, “história da missão” corresponde a *dendoushi* (伝道史) – uma expressão especificamente cristã, à qual fui apresentada por um dos mais importantes interlocutores de teologia messiânica brasileira, a quem sou imensamente grata: o reverendo Katsumi Yamamoto – um teólogo prático nato, fervoroso missionário da IMMB, vindo do Japão para o Brasil na década de 1960.

Teologia prática ou “doutrina prática” (实践教学 *jissen kyogaku*), inclusive, foi outra expressão significativa que o reverendo Yamamoto me ensinou em japonês. Demorei a entender o significado da expressão visto que, no Ocidente, em geral, diz-se “teologia prática” para designar uma área de conhecimento criada para atender à necessidade de aplicação dos dogmas religiosos ao mundo prático. Em tese, essa dicotomia inexisteria na gênese da religião messiânica conforme pensada por seu Fundador Meishu-Sama – de cunho pragmático, relacionada à vida prática e avessa a dogmas. Refletindo sobre a postura de missionários como a reverenda Higuchi e o reverendo Yamamoto, entre outros, finalmente, creio ter captado o sentido do que seria um teólogo prático em contexto messiânico. Missionários que vivem a

³ Daqui em diante, em vez do termo “ultrarreligião” e variações utilizadas na IMMB, optarei pelo neologismo “transreligião” para definir a religião messiânica como movimento que transcende a religião ou vai além da religião no sentido moderno do termo. Nesse caso, meu intuito é escapar do significado corrente em língua portuguesa para o prefixo ultra- que pode ensejar interpretações equivocadas de que a religião messiânica seria superior às demais ou mesmo contivesse excesso de elementos religiosos.

missão sem se alienar do mundo que os cerca; que buscam criar pontes para facilitar a comunicação de suas mensagens de fé. Em outras palavras, teólogos que combinam – na medida certa – fé e razão, produzindo sínteses substanciais capazes de conectar mundos religiosos distintos. Empenham-se em práticas que geram interação e diálogo entre Religião, Ciência e Arte. Buscam transmitir a mensagem da religião messiânica da maneira mais abrangente e universal possível para gerar transformação efetiva com base na Verdade ensinada por Meishu-Sama. Nesse sentido, a teologia prática de missionários messiânicos pioneiros fundamentar-se-ia numa espécie de tradução cultural que buscarei apresentar neste livro.

Tradução cultural: o encontro com o novo

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do *continuum* de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. (BHABHA, 1998: 27)

Ao longo dos estudos sobre a religião messiânica e de minha experiência como tradutora/intérprete da língua japonesa, vim constatando a importância da tradução cultural realizada pelos/as missionários/as pioneiros/as e a carência de reflexão sistemática de caráter teológico no campo das novas religiões japonesas (NRJ) em missão no Ocidente.

Na religião messiânica e, portanto, em sua teologia, a temática do estudo das missões é praticamente inexplorada. Pesquisar a atuação dos/as seus/suas missionários/as foi, essencialmente, uma maneira de compreender como ocorreu a tradução cultural da religião messiânica no Ocidente, a partir da missão no Havaí e na Califórnia, ambos nos EUA, na década de 1950.

Assim sendo, a metodologia empregada inicialmente foi a revisão de bibliografia disponível, sobretudo em língua japonesa. No Departamento de Doutrina da Igreja no Japão, em dezembro de 2014, detive-me à coleta de materiais bibliográficos com vistas à compreensão do contexto e dos processos de tradução cultural ocorridos na fase inicial de desenvolvimento da religião messiânica no Ocidente. Na sequência, procedi à tradução de trechos em língua japonesa sobre a missão messiânica nos EUA, com a finalidade de elucidar a contribuição da reverenda Higuchi.

A partir de visitas ao Setor de Tradução da Igreja Messiânica no Brasil, obtive acesso a arquivos digitais referentes ao livro *Os Novos Tempos* (ed. brasileira), que possui estreita relação com a experiência missionária da reverenda Higuchi nos EUA, visto que ela foi a responsável por sua elaboração em língua inglesa, a partir dos ensinamentos de Meishu-Sama.

Por outro lado, em língua portuguesa, as poucas referências a que se tem acesso sobre o trabalho de missões da religião messiânica estão contidas na coleção *Luz do Oriente*, que apresenta muito superficialmente e apenas a partir do viés biográfico o fato de que o Fundador enviou dois missionários ao exterior a fim de difundir a religião fora do Japão: a reverenda Kiyoko Higuchi e o reverendo Harutami Ajiki ao Havaí, em 11 de fevereiro de 1953.

Embora escassos, existem alguns relatos de experiências missionárias publicados em forma de livros que, em sua maioria, permanecem com exclusivo acesso em língua japonesa. Uma exceção é a coletânea intitulada *Cem histórias de minha fé* (1986), do reverendíssimo Katsuiti Watanabe, traduzida do japonês e publicada no Brasil pela Fundação Mokiti Okada. Com edição esgotada, há o livro *O médico e o missionário* (2003), de autoria da ministra religiosa Laís Tinoco Guarçoni, o qual descreve a experiência de seu esposo, médico e missionário messiânico, no interior do estado do Maranhão na década de 1960. Em dezembro de 2015, foi lançado um livro póstumo, intitulado *O cultivo da felicidade*, sobre os relatos missionários do reverendíssimo Tetsuo Watanabe, que atuou no Brasil ao longo de mais de quatro décadas.

Em inglês, há o livro *The Light of Jobrei* (1994), que traz textos escritos pela reverenda Higuchi – alvo do presente estudo. Devo mencionar que, no fim da década de 1990, enquanto atuava como tradutora no Setor de Tradução da Igreja Messiânica em São Paulo, coordenei um grupo de voluntários que traduziu e revisou *The Light of Jobrei*, ainda sem edição oficial em língua portuguesa. Entre outros pontos, vários textos do referido livro, em que a reverenda Higuchi reflete sobre o próprio trabalho de tradução dos ensinamentos de Meishu-Sama da língua japonesa para a língua inglesa, foram de fundamental importância para a minha reflexão sobre tradução cultural da religião messiânica.

Os artigos em língua japonesa publicados em periódicos da religião messiânica e a análise dos textos do livro *Os Novos Tempos* foram fontes de consulta relevantes. Considero de suma importância a obra do reverendo Harutami (Henry) Ajiki, intitulada *Soul Evolution (A evolução da alma*, 2011, sem tradução), que apresenta elementos fundamentais para a compreensão da realidade histórica da missão da reverenda Higuchi nos EUA.

Finalmente, devo mencionar que me chegou às mãos um livreto de autoria da reverenda Higuchi que se configura como referência fundamental para a confirmação do que considero a grande contribuição desta pesquisa: o (re)conhecimento de que – além de tradutora pioneira da IMM – Higuchi produziu uma teologia intercultural que alicerçou a difusão mundial da religião messiânica a partir da segunda metade do século XX. Trata-se do livro intitulado *Sekai Meshiya-kyo no Tebiki: Kaigai Nyushinsha no Tame ni (Introdução à Igreja Messiânica Mundial: guia para ingressantes no exterior)* escrito pela reverenda e publicado pela Igreja Messiânica em 1º de agosto de 1953 com o propósito de ser utilizado na missão no exterior. Na apresentação, ela afirma que o surgimento de centenas de novas religiões japonesas no pós-guerra demonstra o quanto o mundo de então estava imerso em sofrimentos, em busca do verdadeiro estado de paz e tranquilidade. E ainda que a maioria das religiões tradicionais tinha viés ideológico e não dava conta de libertar as pessoas dos infortúnios da vida real. Em um *box* na contracapa, ela assina a autoria do livro, expressando seu sentimento quanto ao objetivo daquele singelo material para fins missionários: “Organizei, por conta própria, este livreto dirigido às pessoas do Havá e outros países. Gostaria de contar com sua compreensão diante das possíveis inadequações. Ficarei profundamente feliz se puder colaborar na salvação pela religião messiânica” (HIGUCHI, 1953).

O esforço da reverenda Higuchi em transmitir a mensagem messiânica no exterior por meio da produção escrita foi um dos elementos que caracterizaram uma parte da natureza de sua missão. À vista disso, a partir da leitura de seus escritos, busquei identificar o processo de tradução cultural da religião messiânica na perspectiva dos estudos pós-coloniais.

Desde os anos 1980, um vasto campo de estudos se constituiu em torno das culturas chamadas subalternas ou pós-coloniais (as dos grupos “minoritários”, dos colonizados de outrora). Elas deslocam o olhar da “racionalidade da razão” para um outro nível de racionalidade, o das ações efetivas, das emoções e das sensibilidades. Elas contribuem para subtrair as visões do mundo ao domínio do universalismo do lógos ocidental. Esse descentramento se deu simultaneamente à reabilitação das sensibilidades indissociáveis dos lugares, das situações geoculturais onde se dá a tensão entre o nacional e a esfera transnacional. (MATTELART; NEVEU, 2004: 173)

Para uma análise lúcida do processo do encontro intercultural, Walter Mignolo (2003) propõe o des-locamento do *locus* de enunciação dos centros do sistema moderno-colonial para suas margens, bem como a emergência de novos mapas linguísticos distintos dos mapas nacionais. Na nova configuração pós-colonial, o pensar na fronteira, ou seja, o pensamento liminar, rompe com o monolinguajamento colonial e nacional e aponta para uma superação da subalternização de saberes, línguas, culturas e povos.

A opção pela perspectiva pós-colonial neste estudo mostrou-se apropriada por, no mínimo, dois motivos. Em primeiro lugar, a própria escolha da missão da reverenda Higuchi já representa um deslocamento de olhar quanto à missão messiânica do século XX, em geral, abordada exclusivamente a partir da visão masculina. Em segundo lugar, porque a missão da reverenda Higuchi nos EUA originou-se no Oriente, ou seja, no Japão do pós-guerra (tido como subalterno ao resto do mundo), e tinha como propósito a expansão de uma denominação japonesa no Ocidente majoritariamente cristão.

Como consequência desses múltiplos deslocamentos e superações, foi possível identificar elementos de uma teologia intercultural que ultrapassa tempos, espaços e povoa a narrativa de messiânicos até os dias atuais, a exemplo da imagem da religião messiânica como uma construção possuidora de uma ampla fachada:

[...] mais do que uma religião, trata-se de um empreendimento cultural de ampla escala e que pode ser tido como uma grande revolução da cultura. Por conseguinte, a religião messiânica possui uma fachada ampla. Ou seja, por ser uma obra de salvação (救いの業), é possível acessá-la por meio de diferentes “entradas”. Até mesmo quem detesta religião, por ocasião do sofrimento com doenças, pode conhecer o nosso princípio da doença e receber *Johrei*. No início, mesmo sem acreditar, obterá bons resultados. Os agricultores também podem constatar-la por meio das pesquisas agrícolas. (HIGUCHI, 1953: 11-12)

A partir da perspectiva dos estudos pós-coloniais, foi possível verificar como a realidade do Fundador da Igreja Messiânica Mundial (IMM) e a posterior atuação missionária da reverenda Higuchi

(e demais missões no Ocidente) se relacionam, de alguma forma, com uma nova configuração religiosa que busca tanto a superação de uma única linguagem cultural como a de uma mentalidade racional baseada exclusivamente no *logos* ocidental.

Meishu-Sama foi um homem vindo do povo, ateu, que, na meia-idade, se interessou pela religião Oomoto, a qual tinha cunho ativista-político. No pré-guerra em que o Japão agia como “colonizador” de seus irmãos asiáticos, não foram poucas as vezes em que ele exaltou as qualidades do Ocidente. Contudo, por outro lado, no tocante à visão de natureza e saúde, foi altamente crítico a ponto de escrever o livro *Amerika wo Sokuu* (*Salvar os Estados Unidos*, sem tradução), em 1953. Aqui se vê um Meishu-Sama que – a partir de um Japão do pós-guerra – levanta-se contra seu “Senhor”, os EUA, e diz que irá salvá-lo.

A proposta da religião messiânica – de se constituir em um movimento de ação espiritual consciente em prol do progresso da cultura da Verdade – ultrapassa os limites da razão moderna porque busca integrar espírito e matéria; razão e emoção; ciência, religião e arte. Por conseguinte, a reverenda Higuchi necessitou buscar formas singulares de transmissão da mensagem religiosa, diferentes das utilizadas anteriormente em seu país natal. Nesse sentido, o estudo hermenêutico de seus textos em perspectiva crítica pós-colonial forneceu chaves de leitura para a compreensão do conteúdo da mensagem salvífica de Meishu-Sama no exterior, cujo alvo inicial foi o Ocidente representado pelo Havaí e Califórnia, nos EUA.

Ao longo dos estudos, foi possível compreender como a reverenda Higuchi transmitiu a mensagem messiânica de forma a não ser mal interpretada e até rejeitada pelos ocidentais. Quais elementos históricos e culturais japoneses teriam colaborado ou não para a transmissão da proposta de Meishu-Sama? Quais temas ela traduziu culturalmente ou não? Afinal, aquilo que não é traduzido é tão significativo e revelador quanto aquilo que é traduzido.

Para analisar a tradução cultural empreendida pela reverenda Higuchi, recorri ainda à visão pós-colonial de Boaventura de Sousa Santos (2010), que compreende a tradução como um processo intercultural e intersetorial, observando os diferentes saberes, práticas e sujeitos em busca de inteligibilidade. Nenhuma cultura é completa, portanto, é através da tradução que se vê a diversidade sem relativismo. Nessa perspectiva, a tradução é um processo de significação do mundo que não tem sentido único e, por isso, contribui para a constituição dos sujeitos.

Diante da concepção de que o mundo seja uma totalidade inesgotável que contém muitas totalidades parciais, parece fazer “pouco sentido captar este [mundo] por uma grande teoria geral, porque esta pressupõe sempre a monocultura de uma dada totalidade e a homogeneidade de suas partes” (SANTOS, 2010: 123). Nesse caso, a alternativa à teoria geral seria o trabalho da tradução, que é:

[...] o procedimento que permite criar inteligibilidade recíproca entre as experiências de mundo, tanto as disponíveis como as possíveis, reveladas pela sociologia das ausências e a sociologia

das emergências. Trata-se de um procedimento que não atribui a nenhum conjunto de experiências nem o estatuto da totalidade exclusiva nem o estatuto de parte homogênea. As experiências do mundo são vistas em momentos diferentes do trabalho de tradução como totalidades ou partes e como realidades que não se esgotam nessas totalidades ou partes. (SANTOS, 2010: 123-124)

O trabalho de tradução incide tanto sobre os saberes como sobre as práticas (e seus agentes). No primeiro caso, a tradução assume a forma de uma hermenêutica diatópica, que parte da ideia da relatividade das culturas,⁴ ou seja, de que todas as culturas são incompletas e podem ser enriquecidas pelo diálogo e o confronto com outras culturas.

Por outro lado, a sensação da incompletude (descrita por Boaventura) motiva o trabalho de tradução, que frutifica à medida que se cruzam motivações originárias em diferentes culturas. Seria uma motivação da seguinte ordem: “como manter vivo o melhor da cultura X ou Y ao mesmo tempo em que reconheço suas limitações?”

No segundo caso, o trabalho de tradução incide sobre saberes aplicados, transformados em práticas e materialidades. Nesse caso, esse trabalho “visa esclarecer o que une e o que separa os diferentes movimentos e diferentes práticas, de modo a determinar as possibilidades e limitações da articulação ou agregação entre eles” (SANTOS, 2010: 127).

Outra característica importante do trabalho de tradução cultural é o fato de sua complexidade não existir apenas pelo número e diversidade de práticas ou sujeitos coletivos envolvidos, mas ainda pelo fato de estar ancorado em saberes e culturas muito distintas. É simultaneamente um trabalho intelectual e político. É ainda um trabalho emocional “porque pressupõe o inconformismo perante uma carência decorrente do caráter incompleto ou deficiente de um dado conhecimento ou de uma dada prática” (SANTOS, 2010: 129).

⁴ Refletir sobre a dimensão cultural no processo tradutório suscita aquela infundável problemática que não admite resposta simples: “mas, afinal, o que é cultura?” Na presente pesquisa, entende-se cultura como um lugar de negociação que possibilita a constituição de diferentes significados, sujeitos e identidades. Na perspectiva dos estudos culturais, acrescenta-se ainda a experiência fronteira do encontro de culturas seja por força da globalização, da fragmentação social decorrente da sociedade industrial e de consumo, das migrações, dentre outros fatores.

Vida e missão da reverenda Kiyoko Higuchi: primeira teóloga messiânica no exterior



Figura 2 – Kiyoko Higuchi com familiares. Em pé, a partir da esquerda: irmã, irmão, pai, mãe e irmã. Sentados: irmão e Kiyoko (HIGUCHI, 1994).

Nascida em 14 de fevereiro de 1905 numa família numerosa e de poucas posses, a jovem Kiyoko Higuchi sofria com uma doença ocular diagnosticada como hereditária e sem chances de cura. Desejava tornar-se professora, mas como não havia nenhuma escola budista próxima à sua residência, foi enviada a uma escola missionária cristã. Quando ela se converteu ao cristianismo aos 15 anos de idade, sua mãe ficou desapontada temendo que não pudessem se reencontrar no mundo espiritual após a morte, devido à diferença de suas pertencças religiosas.

Foi no Tokyo Women's Christian College que Higuchi se graduou em língua inglesa em 1926, tendo sido fortemente influenciada pela educação cristã. Entre 1932 e 1945, lecionou inglês em escolas cristãs (em Hokkaido e, posteriormente, em Yokohama e Tóquio), movida pelo sentimento de que contribuiria para a formação de jovens possuidores de sólida base espiritual que se tornariam cidadãos responsáveis. Em 1944, conheceu Meishu-Sama, época em que começou a sentir limitações físicas e a questionar-se sobre sua efetiva contribuição como professora.

Ao longo do texto “Como conheci o *Johrei*”, a reverenda Higuchi (1994: 1-10) relata com detalhes seus questionamentos e a dificuldade inicial em aceitar a explicação sobre o *Ohikari*,⁵ em meio à

⁵ Atualmente, o *Ohikari* é uma medalha com o formato do emblema da IMM que possibilita a ministração de *Johrei*. Em seu interior, há uma caligrafia em miniatura com a letra *hikari* escrita pelo Fundador, cujo significado é “luz”. Simboliza o elo de Meishu-Sama com o fiel messiânico.

época em que o *Johrei* ainda era apresentado como terapia. As explicações sobre o *Ohikari* não lhe pareciam lógicas. Embora o discurso fosse de que o *Johrei* não era um ato religioso, sua impressão era de que a organização se constituía numa espécie de seita. Meio confusa e um tanto cética, começou a ministrar *Johrei* à sua mãe, que gradualmente foi se recuperando fisicamente. Ao participar de uma reunião com a presença do Fundador Meishu-Sama, Higuchi se surpreendeu diante da espontaneidade e da aparência comum dele, sem nenhum tipo de afetação. Com o acúmulo de experiências bem-sucedidas por meio do *Johrei*, passou a ficar interessada em ministrá-lo a mais pessoas. Mais do que com os casos de melhoras de saúde, ela se fascinava com a mudança de caráter ou disposição das pessoas.

A despeito dos milagres presenciados graças ao *Johrei*, ela se perguntava constantemente “como um pedaço de papel contendo o ideograma ‘Luz’ escrito por Meishu-Sama podia ter tanto poder” (HIGUCHI, 1994: 7).

Foi a partir da explicação do Fundador sobre o poder da vibração do pensamento (*powerful thought-vibration*) e da vibração da vontade divina (*vibration of the divine will*) que Higuchi (1994: 7-8) finalmente teve dissipadas suas dúvidas quanto ao *Ohikari*:

Isso explica o poder do *Ohikari*. Quando escrevo o *Ohikari*, todo meu ser é tocado por Deus e permeado com a Luz Divina. Deus está atuando através de meu corpo, então estou uno com Ele. O desejo de Deus é purificar a Terra e criar um mundo de verdadeira felicidade. A vibração da vontade divina é transmitida através de minhas mãos e impressa no ideograma “Luz”, o qual escrevo no *Ohikari*.

É possível que sua vacilação inicial quanto ao *Ohikari* já fosse uma espécie de antecipação de possíveis perguntas que ela própria necessitaria responder ao longo de sua caminhada missionária em solo ocidental.

Lembre-mos que a jovem Higuchi fora educada em escola cristã, decerto tendo sido bastante estimulada a refletir sobre a fé que desenvolve em seu interior como uma atividade cognitiva, ou seja, a fé que compele a si mesma a explorar aquilo que é acreditado como verdadeiro e está aberta à razão. Uma fé que busca o conhecimento da razão para fundamentar a si mesma. Ou seja, sua vivência cristã já desenvolvera sua veia teológica que, posteriormente, seria posta a serviço da necessidade de “teologizar” a religião messiânica fora do Japão.

Dentre outros, esse é um dos principais motivos pelos quais desejei me debruçar sobre o legado da reverenda Kiyoko Higuchi. Lendo seus textos, observei diversos elementos que caracterizam uma teologia prática messiânica que necessitou, desde o início, dialogar com a cultura local americana marcadamente cristã e se tornou o alicerce para as posteriores missões da religião messiânica em todo o mundo.

Naturalmente, a “missão messiânica” se iniciou com Meishu-Sama, que fundou a religião em 1935 e, a partir daí, formou seus discípulos que, depois, se deslocaram para diferentes áreas do Japão a fim de transmitir o *Johrei* e os ensinamentos.

Em 1953, pela primeira vez, missionários foram enviados ao exterior pelo próprio Fundador: a reverenda Kiyoko Higuchi e seu assistente – o reverendo Harutami Ajiki.⁶ Desde então, a missão vem ocorrendo em vários países, contudo, não se pode dizer que houve efetivamente uma “consciência sistemática da missão” com a produção de registros históricos e reflexões pertinentes.

Tenhamos em mente que – tanto por questões de tempo como de espaço – a realidade missionária da IMM difere radicalmente de outras religiões tradicionais. Por exemplo, no Brasil colonial quinhentista, a missão da religião cristã foi engendrada como um trabalho coletivo e, em geral, documentada por cartas jesuíticas e analisada ao longo dos séculos por historiadores. Sabemos que a Coroa Portuguesa contou com as missões jesuítas, afinal, “cristianização e aportuguesamento” eram “tarefas sinônimas, indissociáveis e identificáveis entre si” (PAIVA, 2006: 13).

A IMM surge em outro contexto em que a religião e a realidade divina não mais garantem a unidade do mundo através da pessoa do rei ou imperador. O mundo agora é fluido; o tempo agora é outro.

Nos idos de 1950 – quando foi introduzida nos EUA – a religião messiânica era uma nova religião e restrita ao arquipélago japonês do pós-guerra. Isso sem mencionar que, em abril de 1954, o Fundador Meishu-Sama apresentou sinais de derrame cerebral, que culminaria com a sua passagem ao Mundo Espiritual em 10 de fevereiro de 1955 e a subsequente assunção de sua esposa – Nidai-Sama – ao Trono de Segunda Líder Espiritual da IMM (FUNDAÇÃO MOKITI OKADA, 1983).

Além da influência direta da orientação de Meishu-Sama de que “em novas terras, diferentes flores florescem” (HIGUCHI, 1961: 104), a missão da reverenda Higuchi no exterior pautou-se na aproximação e integração com a religiosidade local. A introdução de elementos cristãos na liturgia, como o uso do termo “amém”, é um exemplo típico de aproximação autorizada pela Líder Espiritual da época e que será detalhado oportunamente.

Em geral, presume-se que o domínio da língua inglesa tenha sido o único motivo para que a missionária Higuchi tenha sido enviada ao Havaí pelo Fundador. Contudo, a leitura de seu texto “Como conheci o *Johrei*” (HIGUCHI, 1994: 1-10) demonstra-nos outras importantes características que possibilitaram sua missão de natureza intercultural. Uma delas era o forte espírito de busca, em linguagem messiânica. Ou seja, dúvidas que impulsionam o fortalecimento da fé. Ela já reconhecia a atuação do *Johrei*, mas não conseguia compreender sua relação com o *Obikari*. Somente após uma explicação de Meishu-Sama, ela se convenceu. Em outras palavras, além da experiência, ela necessitava de explicações com coerência teológica.

Em meio à transição dos tempos do pós-guerra e da vida como imigrante nos EUA, sua experiência exigiu-lhe o confronto com mundos completamente distintos. Por um lado, as mudanças culturais vividas no novo lar no Havaí e, posteriormente, em Los Angeles na Califórnia; por outro, a experiência fronteiriça do contato entre novos mundos (cristão e messiânico / acadêmico e religioso).

⁶ Daqui em diante, vou me referir ao reverendo Harutami Ajiki como reverendo Ajiki. Nota-se que nos EUA, o rev. Ajiki passou a usar o nome Henry que consta, inclusive, no livro de sua autoria. Vide referências bibliográficas.

A reverenda Higuchi necessitou explicar aos americanos a visão de Paraíso Terrestre desenvolvida por Meishu-Sama. Também transmitiu o significado do *Johrei* e da revelação sobre a Transição da Era da Noite para a Era do Dia que se liga à concepção escatológica da religião messiânica. *Grosso modo*, a escatologia tem dois sentidos: a) cronológico: descrição ou visão de como o mundo será ao final do seu “caminhar”; b) heurístico: de “sentido último” da história que oferece uma chave de interpretação do presente e da história. Parece-me que a contribuição da reverenda Higuchi se deu nesse segundo sentido, isto é, na forma de compreender a transição de tempos e mundos. De um mundo em que imperam as trevas – doença, pobreza e conflito – para um mundo de luz repleto de saúde, prosperidade e paz. Possivelmente, o próprio contexto da sociedade americana da contracultura em meio à busca de concretização de uma “Nova Era” favoreceu a compreensão da mensagem messiânica transmitida pela reverenda Higuchi.

Essas e muitas outras questões são vislumbradas a partir do rico arcabouço das preleções da reverenda Higuchi a despeito de sua quase completa invisibilidade na comunidade messiânica.

Com relação ao discurso teológico oficial de tradições cristãs, a perspectiva da teologia ecofeminista aponta que a realidade das mulheres e a dos ecossistemas tem sido constantemente ignorada. Na prática, as mulheres nunca tiveram espaços na produção teológica da hierarquia, sendo consideradas mais consumidoras ou reprodutoras da religião no interior do mundo patriarcal, embora sempre tenha havido exceções significativas na história da Igreja (SALISBURY, 1994 apud GEBARA, 1997: 18). Na religião messiânica, a despeito do quase inexistente estudo teológico das missões, a reverenda Higuchi, certamente, constitui uma dessas significativas exceções que merece ser visibilizada e valorizada – ainda que modesta e tardiamente.

Dentre suas contribuições, destaca-se o fato de a reverenda Higuchi ter sido uma das interlocutoras da Segunda Líder Espiritual da IMM (Nidai-Sama), com quem compartilhou sua experiência missionária intercultural nos EUA. Tal diálogo forneceu elementos importantes para que Nidai-Sama desenvolvesse os princípios de uma sistematização teológica messiânica a partir dos ensinamentos e das obras do Fundador Meishu-Sama em perspectiva ampla e passível de ser compreendida em diferentes contextos.

Ouso afirmar que a reverenda Higuchi foi efetivamente a primeira teóloga messiânica,⁷ sobretudo em atividade missionária fora do Japão. Uma teóloga prática que intermediou culturas, cruzou fronteiras e traduziu mundos distintos, estabelecendo pontes para a comunicação da mensagem messiânica de Meishu-Sama em termos universais.

⁷ Vislumbro aqui o seguinte questionamento: “não seria razoável considerar Nidai-Sama como a primeira teóloga da história da religião messiânica? Ela que esteve ao lado do Fundador em toda a fase inicial de constituição dos pilares de uma teologia fundamental messiânica”. A partir de minha humilde visão – a despeito de toda a problemática que envolve a gênese de uma religião bem como sua construção histórica –, proponho lançar luzes sobre a possibilidade de outro papel vivido por Nidai-Sama: o de que ela teria sido a cofundadora da religião messiânica. Inspiro-me, sobretudo, na realidade da religião Oomoto, com a qual a religião messiânica possui inquestionáveis laços históricos. A referida religião teve a sra. Nao Deguchi como Fundadora e o sr. Onisaburo Deguchi como seu cofundador. Por outro lado, como o próprio Meishu-Sama, em vida, se autodenominou “Kyoshu-Sama” (Senhor dos Ensinamentos) a partir de 1950, tenho ciência de que o assunto é controverso e foge ao escopo deste trabalho. Ademais, para fins de reflexões futuras, ressalto a possível distinção entre teologia oficial da Igreja e teologia prática consolidada no campo missionário e, minimamente, sistematizada para fins de transmissão às futuras gerações no seio da comunidade messiânica.

Missão com americanos: diálogo e interação de saberes

A partir da morte do Fundador em 1955, a reverenda Higuchi passou a receber orientações diretas de Nidai-Sama, isto é, da Segunda Líder Espiritual da IMM, esposa do Fundador que o sucedera na condução da religião.

Naturalmente, a assunção de uma mulher ao Trono de *Kyoshu*⁸ – e, portanto, responsável pela transmissão da doutrina – trouxe desdobramentos importantes que deram contornos próprios à missão da religião messiânica no Japão e no exterior a partir dos anos 1960.

Nesse sentido, uma característica digna de ser apontada é a realidade de que ambas – Nidai-Sama e reverenda Higuchi – se dirigiram ao público jovem, à família e às mulheres em especial. Obviamente, essa questão se relaciona à diferença de gênero (tanto em relação ao Fundador como a posteriores líderes masculinos) e seu consequente impacto na teologia messiânica. Cabe ressaltar que o tema carece de estudos sistemáticos que fogem ao foco da presente obra. Contudo, são inegáveis as evidências na ação missionária da reverenda Higuchi que possibilitam o levantamento de questões dessa natureza.

Um exemplo marcante foi verificado na sua preleção de março de 1969 intitulada “A missão dos Estados Unidos da América”. Na ocasião, a reverenda Higuchi estava empenhada em motivar a juventude para o despertar da verdadeira missão humana nesta vida. Após mencionar que o ano de 1969 marcava os dez anos desde a fundação do grupo jovem na Igreja Messiânica no Japão, ela se referiu à criação do Comitê de Progresso da Juventude na Igreja de Los Angeles, composto por membros jovens e pais que apoiavam e orientavam o grupo em seus objetivos e planejamentos. Conclamando a união e a cooperação entre jovens do Ocidente e do Oriente, a reverenda Higuchi buscou o fortalecimento da espiritualidade da juventude americana ao mesmo tempo em que ensinou o significado da teologia *Izunome*.

Ela captou e procurou viver o que o Fundador denominou “espírito de *Izunome*”, caracterizado pela valorização da imparcialidade e desaprovação de posicionamentos extremados ou decisões impensadas. Aquilo que ele ensinou como “justa medida” (*hodo*, em língua japonesa) e exemplificou por meio de comparações com o agradável clima da primavera e do outono. A compreensão do espírito de *Izunome* também se relaciona à harmonização entre os diferentes: razão x emoção; Ocidente x Oriente; pensamento amplo x pensamento restrito; tradição x modernidade; matéria x espírito, entre outros exemplos (MEISHU-SAMA, 2008: 54-55). Em conformidade com essa visão, a reverenda Higuchi (1994: 158-159) planejou intercâmbios em que as diferenças culturais em interação se desdobrariam em forma de inspiração e fortalecimento espiritual para os jovens:

Boa parte dos jovens de nossa Igreja, no Japão e em outros lugares, costumava passar seu tempo com diversões sem objetivo: alguns se perdiam comprazendo-se em coisas como drogas; outros

⁸ Expressão que designa o sistema de sucessão na religião messiânica. *Kyoshu* significa “Senhor dos Ensinamentos”. *Kyoshu-Sama* é a forma de tratamento dada ao Líder Espiritual da IMM, em cada época.

contavam entre os que provocavam distúrbios e faziam manifestações por não terem nenhum objetivo na vida. Agora, esses jovens estão trabalhando construtivamente para o bem-estar dos outros, ajudando-os através do *Jobrei* e encaminhando-os para nossa Igreja. [...] Gostaríamos de ajudar nossos jovens a crescer, para se tornarem líderes poderosos que ajudarão toda a juventude americana a perceber o plano de Deus de construção do novo mundo, despertando-a para sua verdadeira missão na vida. A criação do Programa do Progresso da Juventude e a peregrinação ao Japão, em julho, são dois passos em direção à real fusão do Oriente com o Ocidente. Oramos para que o maior número possível de membros jovens participe dessa peregrinação. Quando nossos jovens participarem dos eventos especiais no Japão, tanto na Sede Geral como nas difusões, ao lado de centenas ou milhares de outros jovens, reunidos com o mesmo objetivo, quão inspirados e espiritualmente fortalecidos eles ficarão, e quão grandiosa será a Luz que eles receberão! Precisamos de suas sinceras orações, de sua cooperação e ajuda para nosso Programa do Progresso da Juventude.

Verificamos acima elementos da perspectiva teológica de Nidai-Sama e da reverenda Higuchi, que apontam para uma teologia aplicada ao cotidiano e fornecem chaves de compreensão sobre como elas conseguiram ou não contextualizar a essência da mensagem de Meishu-Sama em novos espaços e diferentes tempos. Ou seja, como elas cruzaram as fronteiras culturais⁹ (direta ou indiretamente) e criaram inteligibilidade recíprocas entre diferentes experiências de mundo.

Fica subentendido que a inteligibilidade recíproca entre as diferentes experiências de mundo japonês e americano foi possibilitada por meio da tradução cultural efetivada pela reverenda Higuchi e suas primeiras discípulas americanas que, em especial, colaboraram ativamente no processo tradutório da literatura messiânica para a língua inglesa. Evidentemente, isso tudo se desenrolou em meio a um sem-número de percalços e independentemente da expansão numérica da religião no país, visto que, conforme a reverenda Higuchi (1994: 16) se expressou no texto “Relembrando Meishu-Sama” de abril de 1986:

A nossa congregação não é de pregação, mas de Luz e força, pela qual ajudamos uns aos outros. É por isso que estamos aqui. Às vezes fico desanimada, mas então começo a ouvir a voz de Meishu-Sama dizendo que este é o plano de Deus, não pode falhar. Meishu-Sama está contando com poucas pessoas, como vocês, nos Estados Unidos, para ajudar nesse plano. Façam disso seu objetivo para despertar uma pessoa por mês para a Luz de Deus. Orem para essa pessoa, sabendo que Deus está por trás de vocês, trabalhando com vocês. O objetivo não é criar uma grande organização, mas conscientizar as pessoas do privilégio e da honra de serem parte desta grande obra.

Em termos práticos, a reverenda Higuchi adotou uma postura em que a escuta objetiva e o acolhimento das diferenças constituíram os alicerces para o estabelecimento de pontes efetivas entre mundos distintos. Por meio de opções adequadas àquele tempo e espaço foi possível evitar confrontos e ofensas e, ao mesmo tempo, transmitir a mensagem messiânica que fizesse sentido ao povo receptor americano.

⁹ Nidai-Sama não saiu do Japão. Contudo, ao longo dos sete anos de sua liderança, entre 1955-1962, realizou visitas missionárias por todo o país, além de ter incentivado o diálogo inter-religioso e supervisionado o processo de compilação e tradução dos ensinamentos de Meishu-Sama. Naturalmente, manteve diálogo com a reverenda Higuchi por ocasião de seus retornos ao Japão e por meio de correspondências. Para maiores detalhes sobre a contribuição de Nidai-Sama, confira as matérias publicadas na *Revista Izunome* n. 52 – abril/2012 e n. 55 – julho/2012.

Na fase inicial da difusão da religião nos EUA, a reverenda Higuchi era praticamente a única a se comunicar diretamente com os americanos em inglês. Sua postura de acolher e aceitar com gratidão as sugestões dos membros quanto à melhor forma de transmissão da mensagem de Meishu-Sama se reflete no seguinte trecho:

Nos meus primeiros dias nos Estados Unidos, ainda existia um profundo sentimento de antagonismo contra a cultura japonesa, e muitos dos ocidentais que vieram até nós, tinham fortes raízes cristãs. Os membros que ajudaram na edição deram-me várias sugestões sobre como apresentar os ensinamentos de um modo que não ofendesse os americanos. Deram-me conselhos sinceros, e sou-lhes muito grata, pois conhecia pouco sobre a cultura americana e aprendi bastante com eles. Eliminamos os materiais que achamos que poderiam ter pouco significado para os americanos, e também materiais nos quais termos budistas foram usados, porque achamos que os cristãos poderiam não aceitá-los facilmente; contudo, nada do que suprimimos era ponto principal. Demos o melhor para que a espiritualidade e os ensinamentos básicos de Meishu-Sama permanecessem intactos. Quando *Fragments dos Ensinamentos de Meishu-Sama* estava pronto, Kyoshu-Sama (Nidai-Sama) verificou o material e sugeriu alguns acréscimos, os quais aceitei. Acho que, naquela etapa, os livros serviram a seus propósitos muito bem; eles eram os únicos materiais que os ocidentais tinham para ler e estudar. (HIGUCHI, 1994: 18)



Figura 3 – Reverenda Higuchi e Thelma Dowd em visita a Nidai-Sama. Década de 1960, Japão (HIGUCHI, 1994).

Enriquecimento intercultural e missão baseada no amor amplo

Vejamos como o processo de tradução cultural desenvolvido pela reverenda Higuchi possibilitou o enriquecimento da teologia messiânica a partir de elementos da cultura americana. Naturalmente, sua compreensão transreligiosa da missão messiânica constituiu um elemento fundamental para o sucesso de seu trabalho missionário. Além de compreender a realidade local americana, a reverenda Higuchi colaborou com o envio de notícias da missão nos EUA em forma de artigos que foram publicados na revista *Tijo Tengoku* do Japão. Segundo levantamento realizado junto ao Setor de Doutrina da IMM, entre 1954 e 1985, foram publicados no referido periódico 128 artigos relacionados à atividade missionária nos EUA, dentre os quais, 11 foram escritos pela reverenda Higuchi e outros 7 em que ela participou como integrante de mesas-redondas ou relatos especiais sobre a missão nos EUA.

O primeiro artigo de sua autoria publicado na *Tijo Tengoku*, número 64, de 15 de janeiro de 1954, intitula-se “Relatório: retornando da missão nos EUA”. Em 1985, na *Tijo Tengoku*, número 434, foi publicada a palestra que ela proferiu no Instituto Messiânico, cujo conteúdo foi publicado em língua portuguesa nas edições 3, 4 e 5 da revista eletrônica *Saberes em Ação* da Faculdade Messiânica e integra o capítulo 3 do presente livro.

Na *Tijo Tengoku*, número 115 – publicada pela Igreja no Japão em 1º de fevereiro de 1959 –, a reverenda Higuchi relata importantes aspectos sobre a realidade do trabalho missionário nos EUA. Após mencionar a diferença entre a realidade do Havaí e de Los Angeles, para onde se deslocou em 1955, ela descreve suas dificuldades até conseguir compreender melhor a mentalidade dos americanos. Enquanto no Havaí o trabalho missionário se desenvolvia principalmente entre os descendentes de japoneses, em Los Angeles, era preciso se fazer compreender pelos americanos:

Devido às diferenças históricas e de costumes, aquilo que eu considerava bom, era interpretado de forma completamente contrária e, assim, me deparei com muitos problemas. Não foram poucas as vezes que chorei sozinha, diante do altar. No primeiro ano, busquei traduzir ensinamentos que pudessem ser lidos pelos americanos. Aos poucos fui-me familiarizando com as tendências dos pensamentos e movimentos da época e, finalmente em 1957, comecei a perceber melhor a situação local. Em 1958, passei a ter mais oportunidades de me relacionar com diferentes pessoas e, gradativamente, a compreender melhor a condição psicológica e o contexto do povo americano. (TIJO TENGOKU, 1954: 42-43)

Na sequência, Higuchi descreve a realidade religiosa americana cristã. Diz que – sobretudo na Califórnia meridional daquela época – a tendência voltava-se para a necessidade de romper com os valores religiosos tradicionais. Nos últimos anos, o número de pessoas com tal mentalidade havia crescido consideravelmente e elas costumavam se autodenominar *open-minded* e *seeker of truth*, ou seja, cabeça

aberta e buscador/a da Verdade. A reverenda Higuchi menciona e procura explicar um artigo do teólogo Paul Tillich, da Universidade Harvard, intitulado “Perda da dimensão profunda da religião”, que fora publicado no *Evening Post* em março 1958. Naturalmente, ao longo da sua explicação, ela recorreu a elementos da religião messiânica e traçou paralelos com a visão cristã apresentada por Paul Tillich.

Outro aspecto apontado pela reverenda Higuchi diz respeito à tendência de novas pesquisas em busca de uma nova forma de alimentação. Boa parte dos que haviam despertado para essa necessidade era de pessoas que professavam a fé. Após mencionar um pensador britânico¹⁰ que estava em busca de uma nova forma de alimentação para a humanidade, comenta que pesquisadores como ele, quando ouviam falar da religião messiânica, logo vinham conhecê-la. Acrescenta ainda que dentre a população branca (*bakujin*, em japonês, como forma de diferenciar dos descendentes de japoneses) que frequentava a Igreja Messiânica, a maior parte era de pessoas esclarecidas, com boa compreensão e diálogo. Entre os cerca de 800 membros da época, ao menos a metade era de “brancos” e havia um grande potencial de expansão.

Um terceiro ponto diz respeito às doenças crônicas e à delinquência juvenil que vinham aumentando vertiginosamente nos EUA da época. Após descrever a realidade local, ela menciona o surgimento de uma Federação Nacional de Saúde que englobaria a cura espiritual e a agricultura orgânica. Menciona ainda o surgimento da Agricultura Natural na Alemanha o que, definitivamente, seria uma defesa em favor do processo de purificação, que também vinha se tornando muito popular nos EUA.

Além das notícias sobre o trabalho missionário desenvolvido nos EUA e reflexões teológicas, a reverenda Higuchi resenhou o livro *Silent Spring* de autoria de Rachel Carson, lançado em 1962 com tradução disponível em língua portuguesa e intitulado *Primavera Silenciosa* (2010). Tal resenha foi publicada em duas partes na revista *Tijo Tengoku* número 168 (em setembro de 1963) e número 173 (em fevereiro de 1964). Por tal fato, verifica-se o engajamento da reverenda à realidade local, em que os meios alternativos de agricultura surgiam nos EUA da época e se afinavam com a proposta da Agricultura Natural do Fundador Meishu-Sama. Os referidos artigos encontram-se em língua japonesa – fator limitante ao acesso à contribuição da reverenda Higuchi ao intercâmbio religioso-cultural entre o país de origem da religião e as terras alvo da missão.

Sobre a visão transreligiosa da reverenda Higuchi, a reverenda Shigeeko Nishimura (1994: 225) relembra o seguinte:

A reverenda Higuchi tinha uma elevada e avançada visão baseada na verdade da Nova Era dos ensinamentos de Meishu-Sama. Ela realmente praticou as três colunas da salvação no seu dia a dia: *Johrei*, agricultura natural e arte. Eu a vi lendo *Primavera Silenciosa*, de Rachel Carson logo que vim para Los Angeles, e no ano seguinte, ela apresentou um resumo do livro com seus

¹⁰ Não foi possível identificar com precisão a transcrição dos caracteres referentes ao nome do pensador mencionado. Em japonês, consta ヴィラ・スタンレー・オルダ. Um nome equivalente a esses caracteres seria Villa Stanley Orda.

alertas sobre o equilíbrio da Natureza num periódico da Igreja. Muito antes de as causas ambientais serem adotadas pela sociedade em geral, a Rev. Higuchi já se preocupava muito com a Natureza, como se ela estivesse no centro de seu pensamento. A apreciação do ciclo e do fluxo da vida era expressa em todos os aspectos de sua vida. Em seu quintal, ela fazia experiências de agricultura natural. Quando os membros descobriram o quanto ela gostava de jardinagem, eles compraram vários tipos de vegetais e plantas para ajudá-la no plantio. Seu quintal logo ficou cheio, parecido com uma floresta, e com uma vibração de *makoto*. O trabalho no jardim provavelmente a ajudava a relaxar da tensão e do trabalho de tradução.

Vejamos um exemplo concreto e efetivo de enriquecimento da religião messiânica a partir do contato com a cultura americana: a criação de um protótipo do paraíso fora do Japão pela primeira vez na história da religião messiânica. Trata-se da inauguração do Valley Center em 1958, onde foi implantada uma fazenda experimental de agricultura natural – um dos princípios de salvação defendidos pela religião messiânica. Cerca de quinze anos depois, o local foi desativado, conforme indica o trecho abaixo, por ocasião da preleção do Culto de Encerramento do Valley Center pela reverenda Higuchi (1994: 201-202), em 12 de novembro de 1972:

Esta propriedade foi adquirida no outono de 1957, e começamos a construí-la em junho de 1958, como o primeiro protótipo do paraíso terrestre nos Estados Unidos. Quinze anos se passaram desde então. [...] Muitos de vocês tiveram o privilégio de tomar parte na construção desta obra, doando seu tempo, trabalho e material para transformar esta propriedade num lugar digno de ser a primeira miniatura do paraíso nos Estados Unidos. Realmente, palavras não podem expressar nossa profunda gratidão pelo servir que vocês prestaram. Pensando no passado, posso ver diante dos meus olhos, como um caleidoscópio, cenas daqueles dias quando muitos de vocês, homens, mulheres e crianças, felizes e alegres, trabalharam juntos. Cenas passam, na minha mente, dos dias em que plantamos as laranjeiras e as protegemos, e dos dias em que trabalhamos no paisagismo. Vocês trabalharam duro, mas seus rostos estavam radiantes de alegria, porque, enquanto vocês dedicavam, eram agraciados com a alta vibração da Luz divina e podiam sentir uma grande elevação espiritual. Vocês estavam cientes disso e cheios de gratidão. Posso lembrar seus rostos felizes, em regozijo pelo Culto do Paraíso. Tivemos momentos maravilhosos em nosso acampamento de verão e nos seminários também. Por todos esses momentos, Deus nos abençoou com força espiritual e nos ajudou a elevar nossa consciência, pelo que somos gratos, ao máximo.

O reverendo Ajiki (2011: 64) – fiel companheiro de missão da reverenda Higuchi – em um de seus textos intitulado “O servir no Valley Center” relembra diversas graças recebidas pelos membros por meio das dedicações de plantio de laranjeiras com as próprias mãos no Valley Center, entre outras. Ele acrescenta que, em casos de purificações severas e demoradas, era comum sugerir-lhes que fossem dedicar no local. Ao longo de quase quinze anos foi possível servir no Valley Center que foi vendido em 1972, a princípio, porque as propriedades do entorno passaram a cultivar pés de laranja com o uso de produtos químicos e fertilizantes e isso prejudicaria a saúde daqueles que ali fossem dedicar. A despeito

das eventuais justificativas para a sua desativação,¹¹ o reverendo Ajiki acrescenta que o propósito dos membros em servir no Valley Center era o trabalho conjunto pela construção de um pequeno modelo de paraíso na Terra. Eles serviam a Deus e à humanidade. Afinal, desde o início das atividades da religião messiânica nos EUA, eles aprenderam que o servir é essencial à purificação das nuvens espirituais. E o Valley Center, em si, era a manifestação visível do seu sincero servir. Esse era seu real significado.

Diante da triste e dolorosa experiência de encerramento¹² das atividades do Valley Center que simbolizava o protótipo do paraíso terrestre nos EUA, com sua postura de total confiança na Vontade Divina, a reverenda Higuchi (1994: 202) produziu uma das mais belas reflexões em teologia da missão messiânica ao afirmar que “nada é desperdiçado no programa de Deus”. Relembrando as palavras de Meishu-Sama – “Aqueles que têm elevada compreensão podem virar tão facilmente para a direita quanto para a esquerda, conforme a situação. Esses são os que estão preparados para levar a obra divina adiante” (HIGUCHI, 1994: 203) – demonstrou sua esperança naquilo que é invisível aos olhos humanos:

Nossos esforços não foram desperdiçados. O amor que colocamos nessa propriedade está fortemente impregnado e permanece aqui para continuar ajudando a purificar sua vibração. [...] Acredito que, no mundo espiritual, o futuro Solo Sagrado dos Estados Unidos já foi determinado e será concretizado no plano físico no tempo certo. Devemos nos preparar para esse grande momento. Devemos nos ajustar e cooperar com essa mudança. Algumas mudanças podem parecer desnecessárias aos olhos do homem, mas sempre provam ser importantes na obra de Deus, fazendo o plano divino avançar e permitindo que nós, Seus servidores, possamos receber ainda mais graças. Eu mesma já passei por essa experiência muitas vezes, no passado. Aceitemos tudo com atitude positiva e confiemos no amor e sabedoria divinos. (HIGUCHI, 1994: 202)

Finalmente, a reverenda Higuchi deixou para os missionários três recomendações que muito refletem o espírito da missão messiânica por ela vivida e ensinada. Uma missão baseada em três pontos: 1) oração; 2) força de atração por meio da espiritualidade e 3) confiança em Deus:

Primeiro, orem com uma postura positiva e uma forte determinação de colocar em prática aquilo que estão orando. Deus assim irá dotá-los de grande força espiritual. Segundo, tentem elevar o seu *yukon* aumentando sua vibração tanto quanto possível, através do servir e do *Johrei*. Desse modo, vocês serão instrumentos mais eficazes de Deus. Conforme suas vibrações espirituais aumentam, as pessoas que tenham afinidade espiritual com vocês serão atraídas, de modo que vocês possam encaminhá-las a nossa Igreja. E terceiro, tornem-se pessoas confiáveis. Isto é, tentem viver com o pensamento voltado para Deus primeiro, e em harmonia com a vontade divina. Vocês podem estar em harmonia com a vontade divina se orarem sempre pelo bem-estar dos outros e se agirem coerentemente com esse pensamento. Deus trabalha através de pessoas assim qualificadas e lhes envia outras pessoas que estão prontas para a obra. (HIGUCHI, 1994: 203)

¹¹ É de conhecimento geral que a desativação do Valley Center se deu em 1972, época do início da Unificação da Igreja do Japão que será abordada no capítulo 3, nas considerações finais.

¹² No anexo 2, é possível conhecer a íntegra da preleção da reverenda Higuchi, intitulada “O último culto no Valley Center”, de 12 de novembro de 1972.

Previamente vimos alguns aspectos que fundamentam a visão de que a missão da reverenda Higuchi se constituiu em um trabalho de tradução cultural que produziu uma teologia muito própria baseada no amor, na cooperação, na humildade e na busca pela compreensão da Vontade Divina, aspectos esses que também podem ser verificados a seguir:

Vamos trabalhar juntos, em linda harmonia e cooperação, pela causa do *Jobrei* em seu sentido mais amplo, de forma que sejamos capazes de desempenhar grandes tarefas. Meishu-Sama chamou seu movimento de grupo espiritual de ação. Estamos aqui, afortunadamente guiados pela Providência Divina, neste período de transição sem precedentes da velha era para a nova Era da Luz. Vamos viver de acordo com os preceitos de Meishu-Sama sobre as leis da natureza, e fazer nossa humilde parte no estabelecimento do Paraíso Terrestre. (HIGUCHI, 1994: 43-44)

Outro aspecto do método de tradução cultural diz respeito à tradução propriamente dita, realizada pela própria reverenda Higuchi, seguida de habilidades didáticas e teológicas na transmissão organizada da mensagem messiânica de acordo com o perfil do público destinado.

Conforme é possível depreender do texto da reverenda Higuchi (1994) intitulado “A importância de ler os ensinamentos”, os livros da coleção *Alicerce do Paraíso* constituem a primeira literatura da religião messiânica traduzida do japonês com finalidade de uso no exterior. A partir da tradução inglesa, a tradução para outros idiomas se tornaria realidade.

A tradução do *Alicerce do Paraíso* para o inglês resulta do servir fervoroso e dedicado da reverenda Higuchi (e equipe) sob orientação de Nidai-Sama, a Segunda Líder Espiritual, que assumira a liderança da religião em 1955, a partir do falecimento do Fundador Meishu-Sama. A reverenda Higuchi explicita a grande dificuldade no desempenho da sua missão como tradutora, pois os ensinamentos de Meishu-Sama são “elaborações espirituais sobre a verdade para a nova era” (1994: 130). Na sequência, ela descreve o processo de tradução e versão dos textos até serem finalmente validados pela Segunda Líder Espiritual, evidenciando o diálogo constante e cuidadoso entre tradutores locais e a autoridade eclesiástica. Certamente, essa dinâmica tradutória fora imprescindível para a manutenção da coesão doutrinária/teológica da missão mundial messiânica em seu nascedouro:

Traduzir os ensinamentos de Meishu-Sama para o inglês não é uma tarefa fácil, já que eles são elaborações espirituais sobre a verdade para a nova era, reveladas por Deus a Meishu-Sama. Gostaria de falar-lhes sobre alguns procedimentos que tomamos antes de os ensinamentos serem publicados. Aqui nos Estados Unidos, três de nós estão trabalhando no Departamento de Tradução: Sra. Lisa Henderson, a editora chefe; Rev. Helen McKinstry, ministra assistente; e eu mesma, a tradutora. Os resultados de nosso trabalho são enviados à Sede Geral, em Atami, onde são retraduzidos para o japonês, de modo que as pessoas do Departamento Kyogaku possam examiná-los e estudá-los, comparando o contexto original com a tradução para o inglês. Três ou quatro pessoas, ministros e seus assistentes, trabalham dessa forma. Perguntas ou sugestões nos são enviadas do Departamento de Tradução, que as estudamos juntas. Repetimos esse processo até conseguirmos a aprovação de Kyoshu-Sama, e as decisões finais são tomadas. Então, os manuscritos são enviados para impressão. (HIGUCHI, 1994: 130)

O texto “A importância de ler os ensinamentos de Meishu-Sama” é a transcrição de uma palestra dirigida aos jovens que se preparavam para uma viagem missionária aos Solos Sagrados da religião messiânica no Japão. Como se sabe, antes de se tornar missionária, a reverenda Higuchi atuara como professora o que certamente contribuiu para a: 1) sua transmissão organizada dos conceitos fundamentais messiânicos e 2) atenção a aspectos didáticos e metodológicos relativos ao estudo dos ensinamentos. A seguir, encontramos uma menção da reverenda ao fato de que a leitura da introdução de um livro é de suma importância para a compreensão de seu conteúdo:

Estou feliz em saber que vocês estão estudando seriamente o segundo volume dos ensinamentos de Meishu-Sama, antes de visitarem o Solo Sagrado do Japão, ainda este ano. Quantos de vocês já leram o segundo volume e quão adiantados estão no livro? Em qualquer livro, a introdução é uma parte muito importante, porque ela cobre a ideia básica do livro. Espero que, sabendo disso, vocês comecem sua leitura pela introdução. (HIGUCHI, 1994: 130)

Por outro lado, o trecho abaixo chama atenção por, no mínimo, três aspectos: 1) importância histórica em termos do trabalho missionário em perspectiva mundial, já que a tradução para o inglês serviria de base para a tradução dos ensinamentos para outros idiomas; 2) ensinamentos que apresentam a verdade da nova era; 3) vibração espiritual das palavras impressas do ensinamento:

O segundo volume dos *Ensinamentos de Meishu-Sama* é um produto desse trabalho constante, sempre feito com espírito de oração e de dedicação. As publicações em inglês são as primeiras traduções autorizadas, que podem ser traduzidas futuramente para outros idiomas. Hoje, falarei da importância de ler os ensinamentos de Meishu-Sama, tanto para aprender sobre a verdade da nova era revelada por Deus a Meishu-Sama, quanto para receber as vibrações das palavras impressas. (HIGUCHI, 1994: 130)

É fundamental notar que todo o trabalho de tradução da reverenda Higuchi foi realizado em constante espírito de oração e dedicação. É evidente que ela pretendia privilegiar o espírito e não a técnica de tradução. Então, por qual motivo ela teria explicitado esse aspecto em sua fala? Estaria respondendo ou até antevendo possíveis críticas ou dúvidas quanto à necessidade de uma elaboração cognitiva humana (o processo tradutório em si) sobre aquilo que é a própria Palavra de Deus, ou seja, os ensinamentos de Meishu-Sama?

É possível depreender que a tarefa de traduzir a Revelação contida nos ensinamentos de uma religião envolve conhecimento técnico e fé, em perspectiva inter-relacional. Tanto a tradução em termos linguísticos como a tradução cultural tão praticadas pelos missionários, sobretudo na fase inicial de implantação de uma religião em novos contextos, é uma tarefa que requer amplitude de atitude devocional capaz de superar as dicotomias e a tentação do “isto” ou “aquilo”.

Ao longo das narrativas da reverenda Higuchi e de seus discípulos, foi possível perceber o quanto a sua postura missionária era abrangente. Isso se deve à sua própria experiência de vida e à prática

do generoso propósito de Meishu-Sama de levar a missão adequada a cada povo e cultura, sem cunho impositivo ou de dominação.

Em meio ao seu esforço de transmitir a mensagem de Meishu-Sama de forma contextualizada e compreensível ao povo americano, a reverenda Higuchi revela que – durante suas orações – tinha a sensação de ouvir Meishu-Sama dizendo: “Deus está contigo” e “Deus te inspirará”. Outras vezes, ele parecia rir dela: “Quanto sofrimento diante de algo tão simples”. E sempre vinham-lhe à mente as palavras do Fundador sobre qual a melhor forma de culto a ser adotada:

Basta agir da maneira que mais agrada o povo de lá. Pode ser algo simples. A questão não é a forma. Aja de maneira que eles não estranhem. A religião cristã também é uma parte da messiânica. Transmita nossa mensagem com este espírito. Deus atrairá as pessoas necessárias. Ele há de cuidar de tudo! (HIGUCHI, 1961)

A reverenda Higuchi relembra que – mais do que milhares de orientações detalhadas – o pensamento universal do Fundador, a grandiosidade de entrega a Deus, a confiança nas pessoas e o seu espírito de servir foram fontes de imensa força e direção para que ela cumprisse sua missão. Mais tarde, quando ela necessitou elaborar a forma de culto adaptada aos fiéis sem ascendência japonesa, foi possível contar com sugestões de fiéis americanos experientes em questões religiosas. Visitaram algumas igrejas para assistir a cultos locais e propuseram uma liturgia em língua inglesa. Em 1961, ela registrou o seguinte:

Ainda estamos em fase experimental, mas, por ocasião de meu retorno ao Japão no ano passado, apresentei a Líder Espiritual (Nidai-Sama) que autorizou toda a liturgia proposta. O texto da oração é simples e de fácil compreensão, sendo entoado em japonês e inglês. A versão japonesa sofreu alguns ajustes por parte de Nidai-Sama. (HIGUCHI, 1961)

Na sequência, a reverenda Higuchi explicou para Nidai-Sama que a população local, ao término de suas orações, costumava dizer “Amém” com muita naturalidade e sinceridade. De sua parte, conforme se habituava, também passara a sentir ecoar a bela vibração em seu íntimo. Na verdade, a reverenda se via diante de um dilema. Embora a palavra “Amém” não existisse originalmente na liturgia messiânica, ela não conseguia simplesmente impor que seu uso fosse abandonado. Ao consultar Nidai-Sama, recebeu a seguinte orientação: “‘Amém’ se relaciona aos ‘Céus’.¹³ É uma palavra com grande força espiritual (*kototama*). Como a oração em inglês se dirige a Deus, podem usar a palavra ‘Amém’” (HIGUCHI, 1961).

Imediatamente, a reverenda Higuchi foi remetida ao passado, quando Meishu-Sama lhe ensinou que a religião cristã é também uma parte da messiânica. Imaginou o futuro da messiânica que – como

¹³ Em japonês, o ideograma 天 [*ten*] que significa “céu” pode ser lido como “Ama” ou “Ame”. Essa última leitura é a que Nidai-Sama se baseou ao aceitar o uso do termo Amém na liturgia messiânica praticada nos EUA.

uma religião mundial – naturalmente vai se expandir em meio aos cristãos. Uma forte emoção invadiu seu peito diante da orientação universal de Nidai-Sama.

Um outro exemplo da postura abrangente da reverenda Higuchi foi narrado pelo reverendo Ajiki. Ao recordar a própria trajetória missionária, ele menciona características da reverenda Higuchi em contraste com outros ministros bastante rigorosos com os quais ele convivera no Japão. Segundo ele, a reverenda era capaz de “elogiar os feitos dos membros e dos ministros. Suas explicações claras e lógicas dos ensinamentos de Meishu-Sama eram sempre inspiradas pelo amor à humanidade. Ela nunca era vaga ou arbitrária” (AJIKI, 2011: 24).

Por meio do trabalho ao lado da reverenda Higuchi ao longo de trinta e seis anos (entre 1948 e 1984) no Japão e nos EUA, o reverendo Ajiki diz ter vivenciado um modelo de relacionamento entre mestre-discípulo que não era rígido e autoritário como o caso de outros ministros com quem ele tivera contato anteriormente:

Nós – os ministros jovens – éramos profundamente movidos pelo princípio de amor amplo da reverenda Higuchi. Sob sua liderança, o trabalho com o *Jobrei* se desenvolveu, o número de membros aumentou e pudemos absorver o verdadeiro espírito do amor de Meishu-Sama. (AJIKI, 2011: 25)

A reverenda Higuchi enfatizava que os ensinamentos de Meishu-Sama possibilitavam um caminho para eliminar a doença, a pobreza e o conflito. E que a missão dos ministros era tornar real esse mundo ideal. O reverendo Ajiki (2011: 25) confessa que “adorava sua espiritualidade e era movido por sua visão quanto aos ensinamentos. Ela se tornou a mentora da minha vida”.

Além de inspirar jovens ministros de sua época, vale destacar a experiência da reverenda Higuchi de contato com jovens adeptos do movimento hippie surgido nos EUA que, dentre outros pontos, buscava o retorno à natureza. Nos registros do *Jornal Eiko*, número 836, publicado no Japão em 11 de setembro de 1969, há um texto de sua autoria em que ela apresenta as características desse movimento e menciona que, a partir de abril de 1969, vários hippies começaram a frequentar a Igreja de Los Angeles.

Os rapazes com suas longas barbas e cabelos, as moças com roupas despojadas; hippies descalços vinham à Igreja receber *Jobrei*. No culto do Paraíso Terrestre em 15 de junho de 1969, quarenta pessoas estavam presentes no Valley Center.

A reverenda Higuchi (1969) relembra que do mesmo modo que algumas pessoas criticavam a presença daqueles jovens “malvestidos” que denegririam a imagem da Igreja, houve uma senhora que alertou: “Essa é uma tendência maravilhosa. Se não nos relacionarmos com os hippies, de forma alguma, conseguiremos desenvolver o movimento messiânico”. A reverenda Higuchi completa com a reflexão: “E quem será que está certo?”

Ao longo da matéria, ela afirma que os hippies, dentre outros pontos, protestavam contra a sociedade individualista baseada no consumo. Eles valorizavam a vida em comunidade e a busca pelo

desenvolvimento da espiritualidade. A partir das conversas com os hippies frequentadores da Igreja Los Angeles, ela soube que eles evitavam a ingestão de carne, priorizando a alimentação vegetariana; faziam pão preto caseiro e compravam os demais ingredientes em lojas de produtos saudáveis. Ela acrescenta que sete jovens hippies foram outorgados com *Ohikari*. Eles passaram a frequentar os aprimoramentos e se identificavam com o objetivo da religião messiânica de criação de um novo mundo.

A reverenda Higuchi (1969), ao final do texto, diz que não era possível prever como seria o convívio com os hippies ou como iria orientá-los. Essa seria uma tarefa nova que estava por vir. No entanto, ela acrescenta:

Não posso deixar de pensar que eles possuem a força que irá construir uma nova América. Quando penso que a missão outorgada à religião messiânica é formar pessoas capazes de construir a nova era, relacionando-se de forma abrangente, empática e afetuosa em todos os lugares, não posso deixar de orar para que esses jovens sejam purificados pela luz de Deus, despertem para a Verdade e se tornem, o quanto antes, pessoas ativas na construção do mundo civilizado.

Em síntese, o método de tradução cultural empreendido pela reverenda Higuchi constituiu-se de ações concretas para a transmissão da mensagem do Fundador com privilégio concedido ao espírito e não à técnica de tradução propriamente dita. Após sua chegada ao exterior, analisou mais profundamente a mentalidade do povo receptor. Assim que possível, por meio de textos, buscou transmitir à comunidade messiânica no Japão a respeito da realidade encontrada em solo estrangeiro. Sempre praticou as orientações do Fundador de respeito àqueles com quem se encontrava, com uma postura abrangente e universal. Soube lidar com os americanos de forma empática e receptiva. Com a colaboração de editoras nativas, buscou escolher as melhores formas de transmitir a teologia messiânica a partir de situações concretas do cotidiano. A partir de adaptações culturais – como a introdução de termos cristãos como “Amém” – conseguiu minimizar os choques culturais e facilitar a compreensão do sentimento de proximidade entre as religiões cristã e messiânica, como lhe fora anteriormente ensinado por Meishu-Sama. Finalmente, sua amorosidade e firmeza de fé foram os grandes pilares do sucesso de sua pioneira tradução cultural da religião messiânica no Ocidente.



Figura 4 – Reverenda Kiyoko Higuchi e reverendo Harutami Ajiki (HIGUCHI, 1994).



Figura 5 – Reverenda Kiyoko Higuchi com jovens hippies (HIGUCHI, 1969).

Capítulo 2

Desafios e descobertas

Barreiras culturais no âmbito do encontro de religiões

A categoria “religião” surgiu no Japão em meados do século XIX, em meio à conjuntura diplomática do país em fase de modernização e ocidentalização. O termo não tinha um correspondente em língua japonesa e constituiu-se um problema para os tradutores.

Na época, o termo “religião” era usado como sinônimo de “cristianismo”, ou seja, referia-se às atividades missionárias dos cristãos em solo nipônico. A Constituição de 1889 possibilitou a definição de “religião” como um “tipo particular de interioridade, restrita não apenas na expressão, mas também limitada por verdades obrigatórias e superstições banidas” (JOSEPHSON, 2012: 256).

Enquanto a maioria dos estudiosos enfatiza a dialética entre religião e superstição na formação do conceito “religião” como duas chaves de compreensão em oposição, Josephson (2012) propõe uma visão trinitária composta pelos elementos: fato, superstição e religião.

Após apresentar um panorama sobre a realidade das crenças introduzidas no Japão por meio de textos budistas e confucionistas, no século VIII, que teriam trazido uma taxonomia demoníaca de ritos perigosos, o autor descreve a realidade do século XVI, marcado pela chegada dos jesuítas que foram tidos como uma imitação do budismo com perigosas ambições políticas auxiliadas por técnicas diabólicas.

Se, por um lado, durante o período Tokugawa (entre o século XVII e meados do século XIX), o Japão se manteve distante das crenças demoníacas dos europeus e americanos, a partir da Restauração Meiji, com seu projeto civilizatório baseado nos moldes ocidentais, surge uma grande preocupação com as crenças e costumes do povo.

Nesse período, um novo termo foi formulado para descrever especialmente crenças condenáveis: *meishin* (迷信) que, em inglês, foi traduzido como *superstition*. Para fins de ampliação de compreensão, nota-se que o ideograma 迷 (*mei*), que aparece em *meishin*, compõe o verbo 迷う (*mayou*), que significa “perder-se”, em japonês. É ainda o mesmo ideograma de 迷路 (*meiro*), que quer dizer “labirinto”.

Superstição referia-se às crenças que estivessem em desacordo com a realidade demandada pelo Estado, que não eram consideradas como formas religiosas e descritas como “sinais de irracionalidade ou loucura” (JOSEPHSON, 2012: 253). Embora a nova categoria contivesse algum indício de crença malévolas, a “superstição” consolidou-se em meio à complexa realidade política e científica da sociedade japonesa da época; como um indicador para crenças que não devem ser acreditadas. Superstição seria, pois, o inverso das verdades estabelecidas – científicas, políticas e religiosas. A invenção da superstição

no contexto religioso-cultural do Japão moderno foi fundamental para a consolidação e fixação do conceito “religião” em meio ao surgimento das NRJ a partir da segunda metade do século XIX.

Como a religião messiânica é uma NRJ, a compreensão do contexto cultural em que os termos “religião” e “superstição” se consolidaram é de fundamental importância para a caracterização qualitativa (do que se pode considerar) da porção verdadeira ou supersticiosa da fé messiânica. E mais: a partir de sua visão diferenciada sobre o que de fato é superstição, o Fundador Meishu-Sama defende a abrangência do campo de atuação e missão da religião messiânica, ao mesmo tempo que critica a noção moderna de delimitação das crenças a partir das ideologias modernas introduzidas no Japão de seu tempo. Em outras palavras, penso que a consolidação dessas categorias relaciona-se intimamente com a formação da identidade da religião messiânica tanto no Japão como no exterior.

Dentre as várias possibilidades de análise em torno da polêmica sobre a IMM e superstição, destaco a importância do debate dada à sua relação com a própria missão da reverenda Higuchi nos EUA. Ela jamais buscou “japonizar” os EUA, ao contrário, vislumbrou no resgate do valor da natureza a dimensão de reconciliação do ser humano com sua essência, seja no âmbito do cuidado espírito-corpo, seja nas relações interpessoais ou no aspecto ambiental. Após conhecermos parte do pensamento do Fundador Meishu-Sama a esse respeito, na sequência, serão traçados paralelos com as ideias e posturas missionárias da reverenda Higuchi.

Não são poucos os textos em que Meishu-Sama busca diferenciar a religião messiânica das religiões (crenças) tradicionais do seu país natal. Para tanto, em várias ocasiões, ele recorre à temática da “superstição”¹⁴ como categoria crítica, sobretudo para desenvolver sua defesa contra os jornalistas e intelectuais que o atacavam.

Um de seus textos publicados no *Jornal Eiko* de 18 de outubro de 1950 intitula-se “Definição de superstição”. Após mencionar que pouco se explica sobre o termo “superstição”, Meishu-Sama apresenta seu argumento mencionando uma série de exemplos em que a postura equivocada (supersticiosa, ou seja, em termos literais uma “fé perdida”) é a causa da superstição propriamente dita:

Tratar superstição aquilo que não é, já é um tipo de superstição. Fazer algo pensando ser um bem e obter um resultado ruim, se deve à superstição. Tomar um remédio ineficaz, pensando que atua eficientemente e recomendar outras pessoas a tomar o referido remédio é, igualmente, superstição. É igualmente em razão desta que se aplica o adubo, apesar de ser possível obter uma farta colheita sem o uso do mesmo. Pensar que, embora pratique a maldade, não será descoberto e não cairá nas malhas da lei, é consequência da superstição. Contudo, isso acontece porque a estupidez se aloja na cabeça. É por isso que, mesmo que os administradores e os burocratas achem que agiram habilmente às ocultas, acabam sendo descobertos e incriminados. Há casos também em que, apesar de os pais pensarem que estão educando os filhos com rigor para que eles se tornem

¹⁴ Em versões mais recentes de traduções da IMMB, o termo *meishin* foi traduzido como “superstição”, acompanhado da seguinte nota explicativa: “No decorrer dos textos, a palavra superstição deve ser entendida como crença cega”.

pessoas distintas, muitas vezes, inesperadamente, aqueles acabam virando delinquentes. Isto também é uma superstição da educação. (SEKAI KYUSEI KYO, 1993: 246)

O Fundador menciona que as consultas a oráculos e horóscopos seguidas da postura exagerada de acatá-las são também uma forma de superstição, porém da ordem das “superstições irrelevantes”. Possivelmente, a ocupação com tais tipos de superstições pode levar à não percepção daquilo que ele chama de “grandes superstições”. Ele estende a categoria ao âmbito das religiões, afirmando que é necessária a distinção entre as porções de fé supersticiosa (equivocada) e as de fé verdadeira. Finaliza afirmando a relatividade da superstição:

[...] a verdade é que não existe uma superstição absoluta nem uma fé verdadeiramente absoluta. Assim sendo, em caso de criticar a religião ou qualquer coisa, quanto maior for a parte verdadeira em proporção à supersticiosa, maior será seu valor; portanto, convém observar com os olhos bem abertos para evitar que se cometam erros. De forma geral, esta vem a ser a definição de superstição. (SEKAI KYUSEI KYO, 1993: 247)

Em outros textos,¹⁵ Meishu-Sama advertiu que os preconceitos deliberados contra toda e qualquer religião como sendo supersticiosa representavam obstáculos ao progresso da cultura. Isso porque, de sua parte, ele propunha abordagens diferenciadas de religião e salvação que, no entanto, eram consideradas em desacordo com as formas religiosas delineadas *a priori* pelo Estado japonês moderno.

As várias críticas e perseguições que o Fundador enfrentou evidenciam essa realidade. Entre outros, esse é um dos motivos pelos quais cabe ressaltar a importância do aprofundamento do conceito messiânico de superstição, sobretudo para a compreensão da natureza do argumento dele de que a “ciência cria superstições”. Afinal, o que entendemos por superstição? Se a crença na ciência for cega, então não se trata de ciência, mas do próprio “cientificismo”, isto é, a própria crença cega na ciência e no progresso como tábua de salvação. Para Meishu-Sama isso não passa, portanto, de outra forma de superstição.

A argumentação do Fundador sobre a relação entre superstição e religião, de alguma maneira, lança luzes às possíveis dificuldades enfrentadas pela reverenda Higuchi nos EUA por volta dos anos 1960. Se a soteriologia messiânica causou estranhamento até mesmo no Japão em fase de modernização, é possível supor que também não tenha sido facilmente compreendida pelos primeiros messiânicos no Ocidente. Afinal, propostas como o *Johrei*, a salvação por meio do belo e o princípio da agricultura natural destoavam das verdades estabelecidas para o campo da religião tradicional cristã e da cultura estritamente científica de até então, sendo, portanto, facilmente tidas como propostas ou práticas supersticiosas.

Por meio da análise das preleções da reverenda Higuchi, foi possível verificar que seu discurso e ação missionária fundamentaram-se em uma visão de mundo ampla, inclusiva e espiritualista, ou seja,

¹⁵ Vide “A ciência cria superstições”. In: MEISHU-SAMA. *Ensinaamentos de Meishu-Sama*: coletânea Alicerce do Paraíso, v. 1. São Paulo: FMO, 2017.

transreligiosa, não limitada exclusivamente ao que o mundo moderno definiu como o campo religioso. Sua abordagem foi exitosa sobretudo quando se recorre aos resultados missionários da época.

Ao rememorar as atividades missionárias da reverenda Higuchi no continente americano, o reverendo Ajiki afirma que, no ano de 1956, cerca de 50 pessoas vinham receber *Johrei* no Los Angeles Center. Metade delas era americana e a quantidade de visitantes aumentava dia a dia. As atividades eram conduzidas tanto em japonês como em inglês. Em dez anos, o Los Angeles Center contava com 800 membros japoneses, que muito contribuíram para a sua consolidação e, pouco tempo depois, o número de fiéis americanos tinha ultrapassado o de japoneses. Um local maior para a realização das atividades estava sendo procurado, mas os membros desejavam a criação de um centro local em que pudessem colocar em prática os ensinamentos relativos ao *Johrei*, ao Belo e à Agricultura Natural (atualmente denominados “Três Colunas da Salvação”, na IMM).

A concretização da visão de religião abrangente de Meishu-Sama pode ser identificada por meio de ações missionárias que buscavam integrar os princípios messiânicos assim como foi a implantação do Valley Center. Nas palavras do reverendo Ajiki (2011: 57): “A reverenda Higuchi sempre considerou o desenvolvimento de um protótipo do paraíso terrestre nos EUA que pudesse servir aos três pilares do movimento: ao *Johrei* em si, à agricultura natural e à arte”.

Para realizar sua missão, certamente foram significativas a prévia experiência religiosa na religião cristã, as orientações diretamente recebidas do Fundador Meishu-Sama e a diligente atividade de tradução e interpretação entre diferentes mundos.



Figura 6 – Reverenda Higuchi com membros no Valley Center averiguando as laranjeiras recém-plantadas (HIGUCHI, 1994).

De “religião supersticiosa” a movimento de iluminação do mundo

A seguir, por meio de trechos de algumas de suas preleções, veremos como a reverenda Higuchi (1994: 105) apresentou a religião messiânica como um movimento de dissipação gradual das impurezas espirituais e condução da alma à própria consciência divina em perspectiva abrangente e espiritualista.

No texto “Mensagem do aniversário de inauguração do Valley Center”, datado de 10 de dezembro de 1959, a reverenda Higuchi (1994: 20) expressa sua gratidão a Deus e relembra o trabalho desenvolvido em conjunto pelos membros no primeiro ano de abertura do Valley Center:

Sem a ajuda de Deus, não poderíamos realizar nada. [...] Temos novas instalações, mais equipamentos, e mais árvores e flores. Adquirimos a propriedade ao lado e a reformamos e mobiliamos lindamente. Vemos em tudo isto o fruto da devoção dos membros, os quais trabalharam incondicionalmente em bela harmonia e cooperação. Muitos membros sinceros, também, que não puderam participar diretamente no trabalho, contribuíram com orações e votos de sucesso em nosso projeto.

Ao longo de sua preleção, a reverenda Higuchi (1994: 25) explica a transição de eras e a transformação deste mundo em um novo mundo paradisíaco – um dos princípios ensinados pelo Fundador Meishu-Sama – que, segundo ela, “chamava nosso movimento de grupo espiritual de ação”.

Outro texto intitulado “O movimento de Meishu-Sama e sua missão”, datado de 10 de outubro de 1962, expressa sua perspectiva diferenciada e engajada em questões relativas ao ser humano e à vida em comum no planeta Terra. No texto, a reverenda Higuchi relata que recebera de presente um livro publicado no Japão, intitulado *Três ameaças de envenenamento mundial*, em que os autores apontam três grandes perigos mundiais: 1) a radiação da fissão atômica; 2) a pulverização de inseticidas tóxicos em frutas e vegetais; 3) os aditivos químicos nos alimentos. Segundo ela, esse fora o primeiro livro do gênero escrito no Japão cujos autores são: Chishima – médico e professor da Universidade de Gifu; Yanase – diretor do Centro de Saúde da cidade de Gojo; Tsuchiyama – agrônomo e presidente da Associação Contra os Inseticidas Químicos; e Mitsuo Ota – veterinário e membro do Departamento Sanitário de Nagoya. A partir do conteúdo do livro em que questões graves relativas à saúde humana e ao meio ambiente são discutidas, a reverenda Higuchi (1994: 33-34) esclarece a visão de Meishu-Sama sobre a Vontade Divina e suas dimensões mais profundas:

Esse envenenamento do meio ambiente é uma questão complexa. Meishu-Sama disse que devemos ser capazes de olhar para as coisas em diferentes níveis ou dimensões. O Mundo Material é apenas o primeiro nível da realidade. Não há nada de errado em vermos as coisas como elas são e termos nossa própria opinião sobre elas, mas se observarmos a vida apenas no nível físico, nossas observações serão muito superficiais. [...] Compreendendo que tudo é o Grande Drama de Deus, não precisamos ficar tão transtornados ou animados pelo estado atual dos acontecimentos; devemos, sim, estar alertas e trabalhar ativamente na reconstrução. Para isto, devemos fazer o melhor de nossa parte, sempre pelo lado construtivo, e tentar buscar mais pessoas para atuar para Deus.

No texto “*Johrei* no sentido amplo” de janeiro de 1964, é possível compreender que a reverenda Higuchi (1994: 43) via o *Johrei* como “um ato de amor em concordância com a Vontade Divina”. Após lembrar as orientações do então supervisor da Sede Geral, reverendo Shigeru Fujieda, de que o movimento messiânico caracteriza-se por ser uma “fé viva e atuante” que cobre todos os aspectos da vida e orienta rumo à verdadeira felicidade, ela explica a amplitude do *Johrei*.

Em sentido amplo, o *Johrei* inclui muitos outros aspectos além da cura. A participação nos cultos, a correta forma de alimentação, o encaminhamento de pessoas, as ofertas de gratidão – os donativos – e as dedicações são aspectos do *Johrei* que se ligam a quaisquer atos de servir oferecidos ao Plano Divino que promovem purificação espiritual e conduzem ao estado de felicidade. Dedicar no movimento de Meishu-Sama é a maior forma de *Johrei*. Meishu-Sama chamou seu movimento de “associação espiritual de ação” (*spiritual fellowship of action*) (1994: 43-44). Há várias outras passagens em que a reverenda Higuchi se refere ao trabalho da religião messiânica como “nosso movimento”.

O texto “Relembrando Meishu-Sama”, datado de abril de 1986, inicia-se com a frase “Somos todos discípulos de Meishu-Sama” (HIGUCHI, 1994: 11). Na sequência, a reverenda Higuchi descreve sua percepção sobre Meishu-Sama e acrescenta que tinha dificuldades em defini-lo dado que – para ela – o Fundador era como um deus vivo que trabalhou sob os desígnios do Deus Supremo, do Criador. Mais adiante, acrescenta que, como ser humano, Meishu-Sama era muito amoroso e ensinava que recebemos *Johrei* por meio da leitura dos seus ensinamentos.

Ao descrever as várias formas de guiar as pessoas ao movimento messiânico, a reverenda Higuchi enfatiza que as publicações com os testemunhos dos membros e ministros levam Luz aos leitores. Tanto os textos como as fotografias e caligrafias de Meishu-Sama emanam boas vibrações e influenciam positivamente aqueles que têm contato com elas. Afirma ainda que, em caso de alguém desaproveitar o movimento, o simples contato com as publicações pode levar à mudança de comportamento.

Ao longo das traduções de Higuchi, observa-se o uso de expressões cujos correspondentes em japonês não necessariamente teriam sido empregados pelo Fundador Meishu-Sama. Percebe-se uma nítida adaptação com vistas à compreensão de ideias relativas ao espírito ou a forças invisíveis. Nota-se com frequência o uso do termo “vibração” ou das expressões “energia vibratória”, “energia espiritual purificadora”, “poder vibratório (do *Obikari*)”, forças divinas, forças construtivas, forças destrutivas, forças malignas. O que Higuchi chamou de “vibrações impressas” corresponde ao ensinamento de Meishu-Sama “*Johrei* através das letras”.

Não busquei verificar quais são os respectivos correspondentes em língua japonesa. Tampouco pesquisei termos usados por movimentos religiosos da época para designar elementos relativos à espiritualidade ou religiosidade. Contudo, a partir de minha leitura dos ensinamentos de Meishu-Sama no original, percebo que o desdobramento de um termo em expressões com dois ou mais vocábulos pode ter sido um recurso para tornar o conteúdo da mensagem mais elucidativo, configurando-se em uma opção tradutória que leva em conta a visão ocidental quanto aos fenômenos do mundo invisível.

A narrativa de Higuchi exorta uma postura de respeito ao trabalho divino de envolvimento por meio da Luz, isto é, das elevadas vibrações, independentemente da interferência humana, visto que os

ensinamentos de Meishu-Sama “derivam do ponto de vista das leis divinas que regem o universo” (HIGUCHI, 1994: 13), assim como suas respostas e opiniões sobre diversas situações.

Para a reverenda Higuchi (1994: 15), “pela primeira vez na história do mundo, uma pessoa viveu nesta Terra para trazer Luz e difundi-la àqueles que desejam verdadeiramente fazer algo para participar na construção do paraíso terrestre”. Ou ainda, “a missão de Meishu-Sama é a canalização da Luz de Deus que está sendo liberada neste tempo atual” (HIGUCHI, 1994: 30). Segundo ela,

[...] os ensinamentos de Meishu-Sama são mais profundos e até mesmo mais elevados do que qualquer conhecimento; são inspirações de Deus. Sua vida foi repleta de Luz. Seu único propósito era ajudar a concretizar o Paraíso na Terra, não apenas falar dele, mas colocar todos os seus objetivos em prática. Meishu-Sama trabalhava de manhã cedo até tarde da noite para prover verdadeira felicidade a toda a humanidade, não para alguns poucos. Seu propósito era o propósito de Deus; sua consciência estava sempre ligada a Ele. (HIGUCHI, 1994: 12)

A reverenda Higuchi menciona que Meishu-Sama amava os EUA e enfatiza sua importante tarefa de contribuição para a paz mundial. Acrescenta que mais americanos precisam despertar e que “nossa organização não se destina a pregações; ela objetiva – por meio da Luz – despertar as pessoas para o Plano Divino” (HIGUCHI, 1994: 16). Acrescenta que, às vezes, ela própria vacila, mas sabe que Meishu-Sama conta com poucas pessoas – como aqueles membros americanos – para colaborar no seu plano já que “a ideia não é criar uma grande organização, mas sim conscientizar as pessoas do privilégio e honra de ser parte integrante deste grandioso trabalho” (HIGUCHI, 1994: 16).



Figura 7 – Visita à Unity Church em Santa Ana, outubro de 1963. Da esquerda para a direita: rev. Fujieda, rev. Higuchi, rev. Tatematsu, rev. Katsuno, sr. Miyake, rev. Naruse e rev. Nagai (HIGUCHI, 1994).

Aproximações com a religião cristã: orações e Bíblia

Delisle e Woodsworth (1998: 170) apontam que a tradução é um elemento crucial na maioria dos projetos de evangelização e que a identificação do papel dos tradutores dentro das várias tradições religiosas leva à percepção das relações, por vezes contraditórias, entre línguas divinas e profanas:

Os tradutores dos textos religiosos geralmente entenderam sua tarefa do ponto de vista da teologia ou da filologia, dando mais atenção à letra do texto do que à adaptação necessária da mensagem religiosa a uma determinada cultura-meta. Colhidos pelas controvérsias do passado, as rivalidades e os conflitos que dividem uma tradição da outra, provavelmente tiveram mais consciência das diferenças existentes entre as culturas respectivas.

Ao longo deste estudo, verificou-se a tensão vivida pela reverenda Higuchi no processo de tradução da religião messiânica. Foi possível ainda depreender o quanto ela estava ciente das diferenças culturais que envolviam sua missão nos EUA. Sem dúvida, seu diálogo constante com os membros nativos possibilitou a criação de pontes com a teologia cristã praticada nos EUA da época.

Em suas reminiscências, a reverenda Shigeko Nishimura (1994: 225-226) comenta a respeito da alegria da reverenda Higuchi ao ver tantos americanos com formação cristã serem despertados para compreender mais os ensinamentos de Meishu-Sama:

Como ministra e discípula de Meishu-Sama, o espírito pioneiro, devoção e entusiasmo da reverenda Higuchi em transmitir os ensinamentos de Meishu-Sama eram contagiantes. No início, ela ficava fascinada ao ver tantos americanos de formação cristã vindo até ela para alcançarem um entendimento mais profundo sobre os ensinamentos. [...] Ela atraiu ministros pioneiros com forte formação cristã: os falecidos reverendos Albert Freeman, Mary McAlpine, Helen McKinstry e mais dois ministros aposentados recentemente: Thelma Dowd e Dixie Jones, todos discípulos de Meishu-Sama, que serviram e ajudaram a reverenda Higuchi por muitos anos.

Ainda que de forma inicial e incompleta, é possível conhecer alguns aspectos fundamentais da tradução cultural empreendida pela reverenda Higuchi em sua interface com a religião cristã, sobretudo no que se refere a questões de culto e oração.

A implantação de uma liturgia adaptada foi uma demanda por parte dos membros americanos. Ao corresponder o desejo dos membros, a reverenda Higuchi naturalmente desbravou um caminho que possibilitou aproximações com a cultura religiosa local e fomentou uma maior compreensão da mensagem messiânica no exterior. Contudo, tal procedimento exigiu-lhe ampla dedicação, paciência e diálogos constantes:

Após a realização de alguns estudos sobre fé com membros americanos dedicados, a principal demanda vinda deles era a realização de cultos dominicais, em língua inglesa. Foi aumentando o número daqueles que diziam: “Não existe igreja na América que não faça culto em inglês”. “Por favor, faça cultos em inglês logo!” Na época, os cultos para os membros japoneses ocorriam

duas vezes ao mês e a palestra era proferida em japonês e inglês. Porém, na época, apenas eu conseguia realizar o culto bilíngue. No início, eu empregava um árduo esforço, maior até do que quando era professora ou estudante de inglês em tempos de exames. Afinal, na América, praticamente todos os pastores de igrejas são graduados em Teologia, com ampla formação em filosofia, teologia, literatura, sociologia e outras áreas com muita habilidade em oratória e conhecimentos em geral. (HIGUCHI, 1973)

Segundo a reverenda Higuchi (1973), pessoas acostumadas a discursos de pastores habilidosos ou conferências com viés ideológico compareciam aos cultos para conhecer o teor da mensagem da religião messiânica. Nessas ocasiões, em postura de oração e firmeza, ela procurava transmitir-lhes o significado próprio da luz da salvação da messiânica, inexistente em outras religiões. Havia quem dissesse com felicidade: “É diferente das religiões de até então. É exatamente o que eu buscava!” Contudo, mais do que a metade das pessoas demonstrava não compreender. Houve quem se aborrecesse com seu vocabulário ruim que dava margem a interpretações equivocadas; houve quem a visse como uma falsa religiosa.

Gradualmente, o número de participantes foi diminuindo e ela pôs-se a refletir sobre o motivo daquela situação. O ambiente da época era marcado por uma forte influência dos japoneses que compareciam aos cultos dominicais. Além disso, era insuportável para os americanos – em geral impacientes – passarem um longo tempo ouvindo as explicações em japonês e inglês:

De fato, necessitávamos realizar o culto apenas em inglês. Exatamente na época em que orava sobre isso, o sr. Freeman recebeu o *Obikari* e nos auxiliou nos assuntos relativos ao culto. Posteriormente, ele se tornou ministro da nossa Igreja. Ele havia estudado Teologia, obtido três títulos na área e até já havia atuado como pastor. Com seu apoio, passamos a pensar sobre a forma adequada para o culto. Não deveria ser ditado pelo cristianismo, mas não deveria causar estranheza aos cristãos. Buscávamos uma forma capaz de apresentar, com simplicidade, a elevada espiritualidade peculiar à religião messiânica. Com este espírito, chegamos a uma liturgia voltada aos falantes de língua inglesa que foi realizada pela primeira vez em 30 de abril de 1958. Esta experiência deixou os membros americanos profundamente felizes. (HIGUCHI, 1973)

O texto da reverenda Higuchi, datado de 1973, é uma reflexão sobre os vinte anos de difusão da religião messiânica no Havaí e na Califórnia que parece não ter sido publicada na íntegra devido à anotação “redação provisória”. É rico em reminiscências de seus diálogos com Nidai-Sama, sobretudo no tocante à realidade da missão intercultural no Ocidente:

“O Japão é o país do culto (*matsuri*). No Ocidente, a oração (*inori*) é mais importante” – dissera Nidai-Sama. De fato, os americanos têm um forte sentimento religioso e, em termos gerais, oram a Deus mais do que os japoneses. A oração está presente no seu cotidiano. Contudo, há vários tipos de oração e muitas delas são feitas pelas pessoas em momentos de sofrimento, em súplica a Deus. Ao relatar este ponto a Nidai-Sama, ela me orientou: “É possível escrever o texto e ensinar a correta postura de oração, certo? Por exemplo, orar para ter a permissão de servir à construção do Paraíso Terrestre. Ou quando enfrentar um problema, orar para receber forças para suportar os sofrimentos com gratidão e compreensão da purificação. Orar pela felicidade do próximo, entre outras. Não será por meio destas orações que se constrói gradativamente a postura da correta oração?” E, assim ela recomendou que eu experimentasse escrever as orações. (HIGUCHI, 1973)

A partir de então, com a colaboração de alguns membros americanos, a reverenda Higuchi elaborou as orações matinais e vesperais para utilização na unidade religiosa, entre outras. Após traduzidas para a língua japonesa, as orações foram submetidas a Nidai-Sama que fez algumas alterações. Por um breve tempo, o culto contou apenas com orações em inglês, entretanto os próprios membros americanos passaram a sentir falta da “maravilhosa vibração” advinda da entoação da oração Amatsu Norito. Assim, naturalmente, esta foi introduzida no culto em inglês. Foram ainda elaboradas orações para serem entoadas em cultos no lar e outras para fins individuais. As orações foram fotocopiadas e entregues aos membros, o que lhes agradou bastante. Após algumas revisões, foram reunidas em um livreto de orações, tendo sido utilizadas até o período da Unificação¹⁶ da Igreja, em torno do início da década de 1970.

Outra forma de aproximação com a religião cristã diz respeito à introdução de referências a passagens bíblicas observadas ao longo das palestras da reverenda Higuchi. A seguir, apresento um quadro com citações bíblicas¹⁷ proferidas pela reverenda Higuchi entre 1963 e 1970. Esse período caracteriza-se pela prática das orientações recebidas de Nidai-Sama com vistas à aproximação/harmonização com a cultura local. Contudo, sabe-se que, a partir de 1970, houve uma ruptura na atuação missionária de Higuchi cuja marca era a integração com a cultura religiosa local.

¹⁶ A despeito das poucas referências bibliográficas disponíveis, a questão da Unificação da Igreja será abordada no próximo capítulo.

¹⁷ Na contracapa do livro *The Light of Johrei*, consta o seguinte: “Quotations from *The Holy Bible Revised Standard Version*” (Toronto, New York and Edinburgh: Thomas Nelson & Sons, 1952).

Citações bíblicas na perspectiva messiânica

Citação bíblica	Livro <i>The Light of Johrei</i> de Kiyoko Higuchi	Contextualização messiânica (pela reverenda Kiyoko Higuchi)
1) Jesus disse: “Faça pelo seu próximo o que você gostaria que ele fizesse por você” (Lucas 6: 31).	“Como agradar a Deus” – agosto de 1963.	Se tivermos verdadeira fé em Deus e na Luz Divina e fizermos o melhor para servirmos a Deus, nossas vidas mudarão para melhor e nos tornaremos mais felizes cada vez que ultrapassarmos uma purificação.
2) Como disse Jesus: “Buscai, pois, em primeiro lugar, o <i>reino de Deus</i> e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas de acréscimo” (Mateus 6: 33).	“A lei da afinidade espiritual” – maio de 1964.	Além do <i>Johrei</i> , nossas máculas cármicas podem ser dispersadas pelo servir à humanidade. Professando uma fé ativa, seremos abençoados por Deus.
3) No Sermão da Montanha, Jesus disse: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o <i>reino dos céus</i> . Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem, e mentindo disserem todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque é grande a vossa recompensa nos céus, pois também assim perseguiram os profetas, que existiram antes de vós” (Mateus 5: 10, 11, 12).	“Paciência” – julho de 1964.	Desde os tempos antigos, as pessoas que prestaram grandes serviços à humanidade passaram por provações incomuns. [...] Para aqueles que eram incompreendidos ou criticados injustamente, Meishu-Sama dizia que não deveriam se preocupar com o que os outros pensam de nós. Enquanto obedecermos às leis universais de Deus, seremos felizes. Deus conhece nossos corações. [...] Estes são testes espirituais. O tempo resolverá o problema.
4) Jesus disse: “O que se prende à sua vida, perdê-la-á; e o que recebe um justo, na qualidade de justo, receberá a recompensa de justo” (Mateus 10: 39).	“Os desastres e nossas atitudes” – setembro de 1964.	A purificação, sob diferentes formas, aumentará no mundo inteiro à medida que aumentar o espírito do fogo. [...] Como podemos nos preparar? A única forma é aumentando nossas vibrações espirituais, através do recebimento do <i>Johrei</i> e participando na Obra de Meishu-Sama, de modo que estejamos suficientemente livres das máculas e capazes de ajudar os outros que estão sofrendo.

<p>5) e 6) “Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mateus 19: 19) e “Se você quer ser feliz, faça o seu semelhante feliz primeiro” (Mateus 7: 12) são dois dos maiores mandamentos.</p>	<p>“De coração para coração” – março de 1965.</p>	<p>Acreditamos que o <i>Johrei</i> é uma das maiores manifestações do amor de Deus funcionando através da humanidade. [...] Quando a Luz é canalizada de coração, ela alcança o coração do outro. O amor se multiplica conforme se expande, e as almas de ambos, ministrante e receptor, se expandem e crescem. [...] Palavras e ações que realmente venham do coração com a ajuda da Luz divina, certamente, alcançam o coração do receptor. Dessa forma, podemos iluminar o lugar onde estivermos.</p>
<p>7) Conforme descrito no segundo capítulo de Atos, os discípulos que estavam reunidos para pregação eram, repentinamente, tocados por “línguas como de fogo” e começavam a falar fluentemente em idiomas que eles não conheciam (Atos 2: 3).</p>	<p>“O significado do <i>Johrei</i> e a nossa era” – março de 1966.</p>	
<p>8) Jesus disse: “Peça e lhe será dado; busque e encontrará; <i>bata à porta</i>, e lhe será aberta” (Mateus 7: 7). Qual é a atitude correta para pedir ou bater à porta?</p>	<p>“O <i>Johrei</i> e a postura correta” – 3 de julho de 1966, no Culto do Valley Center.</p>	<p>Quando nós ou aqueles que conhecemos precisam da ajuda de Deus, não podemos apenas sentar e esperar pelas Suas graças; devemos pedir. [...] Meishu-Sama disse: “Venha à Igreja e ore no altar”.</p>
<p>9) Jesus disse: “Nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’, deverá habitar o <i>reino dos céus</i>, mas aquele que faz a vontade do Pai, este está no paraíso” (Mateus 7: 23).</p>	<p>“O <i>Johrei</i> e a postura correta” – 3 de julho de 1966, no Culto do Valley Center.</p>	<p>Para que entremos no paraíso, temos que aprender a vontade de Deus e fazê-la. A vontade de Deus, neste momento de grande mudança, é purificar o mundo e ajudar tantas pessoas quanto possível a se elevar. Para que esse objetivo seja alcançado, Deus precisa de vários servidores altruístas. Ajudar o homem, através do <i>Johrei</i>, é um modo simples e maravilhoso de trazer o mundo ideal de Deus, o Paraíso Terrestre.</p>
<p>10) Jesus disse: “Busca tu primeiro o <i>Reino dos Céus</i> e a sua justiça, e todas essas coisas te serão concedidas” (Mateus 6: 33).</p>	<p>“O significado do dia da revelação” – julho de 1967.</p>	<p>Meishu-Sama disse: “Os pequenos problemas individuais desaparecem diante da grande tarefa de ajudar a salvar a humanidade neste momento crucial”. Oremos para podermos ser exemplos vivos de fé, de modo que mais pessoas possam ser guiadas por nós ao caminho da Luz.</p>

<p>11) Ainda que eu ande por um vale tenebroso, não temerei males, porque tu estás comigo. A tua vara e o teu báculo, são estes que me consolam. [...] Benignidade e graça me acompanharão todos os dias da minha vida, e habitarei na casa do Senhor, durante longérrimos tempos (Salmos 22).</p>	<p>“Ultrapassemos os obstáculos para alcançarmos nosso objetivo” – outubro de 1968.</p>	<p>Não podemos nos deixar abater pelos obstáculos, temos de ultrapassá-los com fé e confiança em Deus. Quando fazemos toda nossa parte, Deus nos dá milagres e abre-nos o caminho. [...] Ao ultrapassarmos os obstáculos e experimentarmos a maravilhosa ajuda e orientação divinas, nosso espírito é treinado e crescemos espiritualmente. Espíritos assim disciplinados podem tornar-se instrumentos mais eficazes de Deus.</p>
<p>12) e 13) Deus concordava em salvar a cidade de Sodoma se Abraão encontrasse nela dez justos (Gênesis 18: 32). Jesus disse: “Com Deus tudo é possível” (Mateus 19: 26).</p> <p>14) e 15) Na Bíblia lemos que “a fé separada do trabalho é árida” (James 2: 17).¹⁸ Também lemos: “Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que eles vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus” (Mateus 5: 16).</p>	<p>“O ano da ação” – fevereiro de 1969.</p>	<p>O que é uma pessoa “justa”? Há pessoas justas no sentido passivo e também no ativo. As primeiras são aquelas que não mentem, roubam ou magoam os outros, mas não fazem ações positivas, também. As outras são aquelas que agem, praticando boas ações para os outros. Falando simbolicamente, se dez pessoas justas trabalhassem com Deus em cada cidade do mundo, uma incrível mudança poderia ocorrer no cenário atual. É a ação correta que conta.</p>
<p>16) Jesus disse: “Peçam, e lhes será dado; busquem e encontrarão; batam e lhes será aberta a porta” (Mateus 7: 7).</p>	<p>“Como passar pela purificação” – maio de 1970.</p>	<p>Vocês devem bater à porta. Bater significa fazer bem sua parte. Vir à Igreja para rezar é bater à porta. Ler os ensinamentos de Meishu-Sama, diariamente, em busca de Luz e verdade, é outro jeito de suportar as purificações. Lendo os ensinamentos, recebemos maior força espiritual e nossas vibrações aumentam. Passo a passo, obtemos níveis de consciência espiritual mais elevados e, quanto mais elevados formos, maior felicidade teremos.</p>

¹⁸ No livro *The Light of Johrei* (1994:156) consta “Faith apart from works is barren” (James 2: 17).

No ensinamento de Meishu-Sama intitulado “Concretização da profecia do Reino dos Céus – o Paraíso Terrestre”, datado de 20 de março de 1950, consta o seguinte trecho:

Para o momento atual, creio que os pontos mais importantes da Bíblia são: “Juízo Final”, “Chegada do Reino dos Céus” e “Segunda Vinda de Cristo”. Um estudo sobre tais fatos leva-nos a crer que o Juízo Final é obra de Deus, que a Segunda Vinda de Cristo ocorrerá no seu devido tempo, o que dispensa qualquer explicação, e que somente o Paraíso Terrestre será construído pela força humana. Nesse caso, é indispensável que, em certo momento, alguém se torne o arquiteto e execute a construção. Segundo nossa interpretação, o tempo é o presente; quanto ao construtor, a nossa religião. E a concretização da profecia do Reino dos Céus já começou! Vejam! Estamos construindo esse modelo conforme veiculado diversas vezes em nossas publicações. (MEISHU-SAMA, 2017: 114-115)

Se o próprio Fundador Meishu-Sama se refere a pontos importantes da Bíblia, naturalmente seus discípulos podem recorrer a trechos relativos aos três pontos mais importantes segundo ele: “Juízo Final”, “Advento do Reino dos Céus” e “Segunda Vinda de Cristo”.

É interessante notar que grande parte das citações bíblicas feitas pela reverenda Higuchi, apresentadas no quadro anterior, foi extraída do Evangelho de Mateus, sobretudo dos capítulos 5, 6 e 7 que dizem respeito ao Sermão da Montanha no qual Jesus ensina a respeito do Reino nas seguintes passagens:¹⁹

- nas bem-aventuranças: 5: 3, 5: 10;
- no Pai nosso: 6: 10 e 13;
- nas prioridades da vida: 6: 33;
- ao ensinar sobre quem seria salvo: 7: 21-23.

Das dezesseis citações bíblicas, onze são do Evangelho de Mateus, sendo que quatro se referem ao Reino dos Céus.

Na teologia messiânica, o Reino dos Céus ou Paraíso Terrestre desempenha um papel central, portanto, justifica-se a ênfase da reverenda Higuchi nessas quatro passagens com o intuito de facilitar a compreensão sobre a importância do servir à humanidade; salvar a humanidade e construir o paraíso neste mundo.

Uma imagem utilizada duas vezes pela reverenda Higuchi diz respeito ao “bater à porta” no sentido de que os seres humanos devem fazer a sua parte na construção do Reino de Deus neste mundo. Em caso de necessitarem da proteção de Deus, não devem ser passivos, mas sim procurar forças em Deus por meio da oração.

¹⁹ A título de referência, em todas as parábolas de Mateus (um total de 14) o tema central era o Reino de Deus. Vide HIMITIAN, J. A importância do evangelho do Reino de Deus. In: *Um só corpo - USC*, 2014. Disponível em: <<http://www.umsocorpo.com.br/site/a-importancia-do-evangelho-do-reino-de-deus/>>. Acesso em: 8 maio 2019.

Capítulo 3

Conhecendo o coração do outro

Este capítulo está dividido em três partes. A primeira parte compreende estudos sobre o livro *Os Novos Tempos*, que, em inglês, corresponde a *Fragments from the Teachings of Meishu-Sama*, seguidos da tradução da seção “Bibliography”, desse mesmo livro, que resgata a memória da reverenda Higuchi. Cabe ressaltar que essa seção não está disponibilizada na 3ª edição em língua portuguesa. Por meio de dados históricos, será possível conhecer, mesmo que parcialmente, o processo de elaboração do primeiro livro oficial de ensinamentos de Meishu-Sama destinado aos membros messiânicos fora do Japão e que foi editado pela reverenda Higuchi e equipe.

A segunda parte traz uma série de textos de autoria da reverenda Higuchi – publicados originalmente em japonês na revista *Tijo Tengoku* – com a intenção de fomentar o interesse e acesso aos estudos sobre a missão messiânica no exterior bem como à reflexão sobre tradução cultural com foco no encontro entre religiões e/ou espiritualidades.

Na terceira parte são apresentadas considerações finais sobre a missão da reverenda Higuchi no exterior e sua contribuição ao início de uma teologia prática em vias de sistematização.

Problemática do livro *Os Novos Tempos*

“**A**final de contas, o livro *Os Novos Tempos* é ou não é de autoria da reverenda Higuchi?” Essa foi a pergunta de um aluno que me motivou a problematizar esse assunto complexo, mas fundamentalmente relacionado à tradução cultural realizada pela reverenda Higuchi nos EUA e por tantos outros missionários nos vários países ocidentais em que a religião messiânica veio sendo transmitida.

Ao iniciar a presente pesquisa, diante de uma série de *corpora*, gentilmente cedidos pelo Setor de Tradução da IMMB, tinha como intenção realizar uma análise estrutural do livro *Os Novos Tempos*. Planejava identificar e analisar trechos que foram alvo de alguma adaptação da reverenda Higuchi para que a mensagem de Meishu-Sama fosse melhor compreendida como ele próprio recomendou a ela em várias ocasiões.

Felizmente, não ter enveredado por hercúlea tarefa em meio a um prazo tão exíguo foi a decisão mais acertada. Recentemente, recebi a grata notícia de que cinquenta anos após a 1ª edição, a nova edição inglesa do livro *Os Novos Tempos* trouxe um índice explicativo sobre as fontes orais das preleções de Meishu-Sama que embasaram os textos do referido livro.

O livro *Os Novos Tempos* surgiu a partir de uma necessidade prático-missionária: apresentar a mensagem de Meishu-Sama aos ocidentais. Ao longo do discurso da reverenda Higuchi observa-se ainda que o livro é fruto de um trabalho colaborativo entre os seguintes atores culturais: 1) Kiyoko Higuchi (a principal tradutora cultural); 2) os membros não profissionais que auxiliaram na sua primeira escrita; 3) as editoras profissionais que revisaram o texto mais tarde. Isso sem mencionar a equipe do Departamento de Doutrina no Japão (*Kyogaku*) orientada pela Kyoshu-Sama da época (Nidai-Sama – a Segunda Líder Espiritual).

Entre 1953 e 1955, após encerrar os trabalhos missionários por volta da meia-noite, a reverenda Higuchi costumava traduzir ensinamentos para se preparar para cursos avançados dirigidos aos membros e para os cultos de domingo. À medida que o número de ocidentais crescia, tornava-se ainda mais necessário disponibilizar as traduções dos ensinamentos. Foi então que ela começou a preparar uma coletânea de ensinamentos. Sem tempo para fazer novas traduções, ela usou os ensinamentos traduzidos na fase inicial do seu trabalho missionário: “Como não tinha tempo para fazer novas traduções, reuni os materiais usados nos cursos avançados e cultos, acrescentei alguns artigos e pedi a alguns membros que os editassem” (HIGUCHI, 1994: 17).

A reverenda Higuchi admite que o resultado obtido estava longe de ser perfeito, pois os membros não eram editores profissionais. Contudo, seu desejo era atender, o mais rápido possível, aqueles que estavam “famintos” pelos ensinamentos de Meishu-Sama.

No texto “Meishu-Sama e a difusão no exterior” publicado na revista *Tijo Tengoku*, número 279 / ano 1972 – em memória aos noventa anos desde o nascimento do Fundador –, a reverenda Higuchi expressa sua visão de que a tradução dos ensinamentos constituía o mais importante trabalho com vistas à difusão da mensagem messiânica no exterior.

Após apresentar sua visão de que, na religião messiânica, os ensinamentos de Meishu-Sama equivaleriam aos projetos gráficos da construção do mundo novo conforme o Plano Divino, ela descreve como sentiu “na pele” o árduo caminho da tradução:

Quanto mais eu compreendia a psicologia dos americanos²⁰ ou mesmo as expressões mais profundas da língua inglesa, mais sentia “na pele” a dificuldade do fazer tradutório. Além de não conseguir expressar o sentido mais profundo do sentimento (N.T.: de Meishu-Sama) na outra língua; pior ainda era o risco de transmitir uma interpretação equivocada. Por um tempo, senti-me completamente paralisada. (HIGUCHI, 1972: 35)

Esclarece ainda que, no início, traduzia os ensinamentos literalmente conforme as necessidades do trabalho missionário: fotocopiava-os e entregava às pessoas. Contudo, esse procedimento, em absoluto, não atraía os ocidentais. Foi imprescindível contar com a colaboração de uma editora – ora reduzindo, ora acrescentando maiores explicações. Algo que para Higuchi não era nada simples:

²⁰ Aqui Higuchi usa o termo *bakujin*, que literalmente significa “brancos; raça branca”. Contudo, inferindo pelo restante da frase em que ela menciona a língua inglesa, penso que ela se referia aos americanos, como forma de distinção da comunidade messiânica japonesa.

Foi muito difícil para mim. Eu não conseguia suprimir uma mínima palavra sequer. Afinal, os ensinamentos de Meishu-Sama eram palavras divinas. Sem saber o que fazer, não foram poucas as vezes que orei em meio às lágrimas diante do altar. Nestas horas, era recorrente a imagem sorridente de Meishu-Sama me dizendo: “Faça da forma que os deixe satisfeitos”; “Você precisa ter visão mais ampla”; “Não se prenda às palavras em demasia. Basta transmitir meu sentimento corretamente”. Assim, sentia-me encorajada a prosseguir. (HIGUCHI, 1972: 35)

Em outro texto, republicado na revista *Izunome* edição japonesa, número 83 / ano 2009, a reverenda Higuchi retoma as reflexões sobre sua tarefa como tradutora. Ela menciona que são os ensinamentos oriundos de palestras de Meishu-Sama que mais alegram e tocam o coração dos ocidentais. Por fim, confessa ainda que os ensinamentos-palestras²¹ são seus preferidos, porém são os que mais carecem de traduções:

[...] há ensinamentos que se originaram de palestras de Meishu-Sama. Nesses ensinamentos, ele comenta os acontecimentos da época e emite sua opinião a respeito; fala sobre qual postura deve ser adotada diante de determinada purificação e orienta os missionários. Uma parte desses ensinamentos está traduzida e constitui os que mais tocam o coração dos ocidentais. Eles se alegram. Eu também gosto deles e os leio há vários anos; são meus favoritos. Muitas pessoas querem mais traduções a esse respeito. Desta forma, estou pensando em me empenhar um pouco mais nesse ponto. Seria muito bom que o nosso presidente discutisse mais esse assunto com os reverendos e ministros. Tenho a impressão de que chegou a hora de falarmos sobre isso. Afinal, estamos em uma nova fase da Obra Divina, não é? Tenho certeza de que haverá mudanças. (HIGUCHI, 2014)

Conforme o trecho anterior, a visão ampla e a experiência missionária da reverenda Higuchi lhe permitiram aconselhar o presidente, que “deveria discutir mais sobre o assunto com os reverendos e ministros”. Sua fala plena de esperança por mudanças naquela nova fase da obra divina demonstra seu fervor e ânimo de levar aos fiéis aquilo que mais lhes agradasse: a palavra de Meishu-Sama sobre o cotidiano, em forma de perguntas e respostas. Ou seja, um ensinamento nascido das necessidades do cotidiano e transmitido em forma dialógica.

Voltemos à pergunta do meu aluno sobre a autoria do livro *Os Novos Tempos*.

Em várias ocasiões a reverenda Higuchi se referiu às dificuldades enfrentadas para a elaboração de *Os Novos Tempos* – livro que a meu ver poderia ser considerado o *best-seller* da literatura messiânica, ao menos no Brasil.

Por meio do acesso a exemplares antigos em língua portuguesa, observou-se que no Brasil: a) as edições 1, 2 e 3 foram intituladas *Fragments de Ensinamentos de Meishu-Sama*, semelhantemente à edição original em inglês; b) a partir da 4ª edição, passou a ser intitulado *Os Novos Tempos* e foi acrescida a parte do livro *Fiquei mais feliz* (1985), que apresenta as primeiras noções sobre a Igreja

²¹ Cunho esta expressão por considerar fundamental que a comunidade messiânica – com acesso limitado à língua japonesa – tome conhecimento da riqueza que é a produção literária de Meishu-Sama de natureza oral, publicada na íntegra no *Okada Mokichi Zenshu* (*Obras Completas Mokichi Okada*), em língua japonesa. Eventualmente, parte das *Obras Completas* pode ser acessada em um site que – além dos originais em japonês – disponibiliza traduções para a língua inglesa, sem ter vínculo com qualquer instituição religiosa. Vide <www.rattail.org> ou <<http://www.rattail.org/english/index.html>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

Messiânica Mundial, sob a forma de perguntas e respostas; c) sua 4ª edição ocorreu em outubro de 1990, com tiragem de 10.000 exemplares; d) a 5ª edição, em setembro de 1991, com tiragem de 10.000 exemplares; e) até 2006, as reimpressões não continham ISBN; f) em outubro de 2006, é lançada uma 2ª edição revisada, em formato de bolso, com ISBN e nova capa; g) em abril de 2015, consta a 8ª reimpressão, sem quantidade de tiragens; h) em março de 2018, a 3ª edição revisada é lançada com capa dura. Não consta a tiragem, mas conforme a equipe gráfica foram impressos 5.000 exemplares.

A minha intuição sobre a popularidade do livro *Os Novos Tempos* encontra ressonância nas reminiscências do reverendo Richard Kosaka, que serviu junto à reverenda Higuchi no campo da tradução nos EUA. Além de apontar indícios de tensões vividas no campo da tradução cultural pela reverenda Higuchi, ele confirma semelhante popularidade também entre os americanos:

Quando estávamos trabalhando no *Alicerce do Paraíso*, alguns ministros do Japão exigiram que os ensinamentos fossem traduzidos literalmente tanto quanto possível, e sob essa pressão, a reverenda Higuchi não pôde apresentá-los da maneira que acreditava ser a melhor para os leitores americanos. Embora o *Alicerce do Paraíso* seja o livro base de referência dos Ensinamentos de Meishu-Sama, especialmente para ministros, ele não é tão popular entre os membros americanos como são as primeiras publicações (tais como *Ensinamentos de Meishu-Sama 1 e 2* e *Fragments*) as quais a reverenda Higuchi pôde traduzir, editar e modificar com um pouco mais de liberdade com o propósito de conseguir uma compreensão mais fácil e tranquila por parte dos leitores americanos. (HIGUCHI, 1994: 233)

Há quem defenda a estrita autoria de Meishu-Sama no caso do livro *Os Novos Tempos* – afinal ele é a fonte de todo o conhecimento. Particularmente, não seria tão enfática assim. Naturalmente, a partir das Revelações Divinas, Meishu-Sama é a fonte primordial de toda a teologia messiânica contida na obra, mas não podemos considerá-lo o autor propriamente dito. Suas orientações (em grande medida, orais) foram a base de um texto redigido e organizado por temas em *Os Novos Tempos*. Considero-o, pois, uma produção teológica – uma fonte secundária de caráter coletivo – cuja autoria seria da reverenda Higuchi com a colaboração de missionários da época.

Conforme mencionado antes, vários foram os atores/autores desse livro – formidável exemplo de tradução cultural nos primórdios da religião messiânica, em ação missionária fora do Japão. Aliás, pela fala da reverenda Higuchi solicitando que a nova direção da Igreja (em 1985) destine mais esforços para a discussão sobre a tradução dos ensinamentos-palestras, penso ser necessário reiterar a posição de que *Os Novos Tempos* – como exemplo de primeira obra teológica da religião messiânica – deva ser assumido como tal e seja, portanto, fonte inspiradora para o surgimento de outros textos de cunho teológico com viés de tradução cultural, conforme teria sugerido Higuchi tão corajosamente em 1985.

A reverenda Higuchi não entra em detalhes, mas recomenda o estudo das orientações orais de Meishu-Sama que, definitivamente, só poderão ser mais aprofundadas se forem feitas em perspectiva teológica lúcida e objetiva – capaz de levar em conta o contexto, buscando compreender o espírito do autor para transmitir corretamente sua mensagem. Era isso que Meishu-Sama esperava e recebeu por parte da reverenda Higuchi.

Em termos técnicos, a edição do livro é, de fato, da Igreja Messiânica. Em termos históricos, a responsabilidade pela tradução e edição do livro *Os Novos Tempos* ficou a cargo da reverenda Higuchi, com editoras²² americanas, conforme ela descreve em seu livro *The Light of Jobrei*, embora não haja menção explícita sobre os demais componentes do corpo editorial envolvidos no projeto.

Felizmente, na reedição inglesa de *Fragments from the Teachings of Meishu-Sama* (2015) – equivalente ao livro *Os Novos Tempos* – após cinquenta anos de sua 1ª edição, a Igreja Messiânica nos EUA reconheceu publicamente a inestimável contribuição da reverenda Higuchi. Houve a inclusão de uma seção intitulada “Bibliography” na qual fica esclarecido que o referido livro:

[...] foi compilado e traduzido pela reverenda Kiyoko Higuchi (*in memoriam*), tendo sido publicado pela primeira vez por volta de 1965. Desde então, recebeu diferentes edições e foi alvo de leitura e entusiasmado estudo por muitos membros messiânicos nos EUA. Foi traduzido e publicado em português, espanhol e outras línguas, sendo lido por muitas pessoas em todo o mundo. (IZUNOME ASSOCIATON USA, 2015: 62)

As importantes contribuições da referida edição são a inclusão de “uma lista com as fontes dos ensinamentos originais em japonês, a partir de registros que a reverenda Higuchi produziu por ocasião da preparação do livro e de pesquisas realizadas pelo Departamento de Publicações da Izunome Association – nos EUA” (IZUNOME ASSOCIATON USA, 2015: 63-65), a confirmação oficial de que “grande parte dos ensinamentos do *Fragments de Meishu-Sama* é de ensinamentos orais transcritos pelos discípulos de Meishu-Sama” (IZUNOME ASSOCIATON USA, 2015: 63) e os textos escritos pelo próprio Fundador que foram assinalados como “Ensaio”.



Figura 8 – Reverenda Higuchi com a editora Lisa Henderson no Monte Nokoguri, Japão, em 1952 (HIGUCHI, 1994).

²² Na fase inicial, Higuchi (1994: 180) trabalhou com a editora profissional sra. Nina Montalban, posteriormente, com a sra. Lisa Henderson (editora chefe) e a assistente de ministro, rev. Helen McKinstry.

Tradução da seção “Bibliography” do livro *Fragments from the Teachings of Meishu-Sama*

F*ragments from the Teachings of Meishu-Sama* (no Brasil, intitulado *Os Novos Tempos*) foi compilado e traduzido pela reverenda Kiyoko Higuchi (*in memoriam*), tendo sido publicado pela primeira vez por volta de 1965. Desde então, recebeu diferentes edições e foi alvo de leitura e entusiasmado estudo por muitos membros messiânicos nos EUA. Foi traduzido e publicado em português, espanhol e outras línguas, sendo lido por muitas pessoas em todo o mundo.

A reverenda Higuchi atuou como ministra e estabeleceu grandes unidades religiosas no Japão. Posteriormente, Meishu-Sama a enviou ao Havaí e Califórnia para servir na expansão do *Johrei* nos EUA. Ela foi a primeira ministra a ser enviada ao exterior, tendo se tornado a fundadora do movimento messiânico nos EUA.

A reverenda Higuchi enfrentou muitas dificuldades e julgamentos na sua tarefa de expansão do *Johrei* e tradução dos ensinamentos para a língua inglesa. Ela relatou-os em detalhes a Meishu-Sama e posteriormente a Nidai-Sama (Segunda Líder Espiritual), tendo sido orientada por ambos. Meishu-Sama a orientava regularmente: “Seja flexível; seja flexível”. Isso porque ela era uma pessoa firme consigo e com os outros devido à sua natureza e formação. Meishu-Sama tinha ciência que a rigidez característica do estilo de agir *shojo* não funcionaria na expansão do *Johrei* e dos ensinamentos fora do Japão, no mundo ocidental, particularmente, nos EUA. Ele compreendia a necessidade de flexibilidade e adaptação aos costumes locais para a expansão de seus novos ensinamentos ao mundo. Ao ser indagado pela reverenda Higuchi sobre questões específicas, Meishu-Sama costumava responder: “Eu não sei a resposta. Por que você não pergunta aos membros locais? Os americanos a ensinarão como fazer”.

Ao longo da preparação dos textos do livro *Fragments de Ensinamentos de Meishu-Sama* em inglês, a reverenda Higuchi apresentou todos os tipos de questões e recebeu orientações tanto de Sandai-Sama como do reverendo Fujieda (ambos *in memoriam*), esposo da Terceira Líder Espiritual e então presidente da Igreja Messiânica Mundial no Japão e posterior diretor do Departamento de Ensinamentos.

Ao compararmos os textos do livro *Fragments* preparados pela reverenda Higuchi com os originais de Meishu-Sama, observamos que ela tomou algumas liberdades na sua escrita. Alguns parágrafos foram reescritos; algumas expressões do original foram alteradas (sem ferir a essência do ensinamento); e, algumas vezes, dois ou três ensinamentos foram agrupados em um único texto. Contudo, em sua busca de viver de acordo com a orientação de Meishu-Sama de ser flexível (*daijo*), a reverenda Higuchi realizou todo o seu trabalho mediante relatórios e com aprovação por parte da Terceira Líder Espiritual e do reverendo Fujieda. Mais adiante, sua tradução de *Fragments de Ensinamentos de Meishu-Sama* se tornaria popular tanto nos EUA como em várias outras partes do mundo até o presente (inclusive

em outras línguas). Em vista disso, não buscamos alterar ou criar uma tradução correta dos seus textos. Ao contrário, apenas introduzimos ajustes necessários à atualização da língua, correção gramatical e questões de gênero.

No passado, alunos me perguntaram sobre quais seriam as fontes originais de *Fragments de Ensinamentos de Meishu-Sama*. A seguir, transcrevo uma lista com as fontes dos ensinamentos originais em japonês, a partir de registros que a reverenda Higuchi produziu por ocasião da preparação do livro e de pesquisas realizadas pelo Departamento de Publicações da Izunome Association – nos EUA. Grande parte do conteúdo de *Fragments de Ensinamentos de Meishu-Sama* é de ensinamentos orais transcritos pelos discípulos de Meishu-Sama. Há ainda alguns textos escritos (pelo próprio Fundador) que registramos como “Ensaio”.



Figura 9 – Capas dos livros *Fragments from the Teachings of Meishu-Sama* e *Os Novos Tempos*.

Seção “Bibliography”

Capítulo I – DAS TREVAS À LUZ

Ciclos Cósmicos

Fonte: *Mioshie-shu* 29 (11-322)²³ com acréscimo de algumas explicações e trechos reescritos – 25 de dezembro de 1953.

Divino Drama

Fonte: *Mioshie-shu* 18 (9-331, 9-337) – 2 e 3 de janeiro de 1953.

Fonte: *Mioshie-shu* 23 (10-304) – 17 de junho de 1953.

A Luz de Deus e a Doutrina

Fonte: *Mioshie-shu* 32 (12-243) com acréscimo da introdução e conclusão – 6 de março de 1954.

Capítulo 2 – A PURIFICAÇÃO

O aumento da Luz acelera a purificação

Fonte: Combinação e composição de vários ensinamentos sobre o assunto como “O que é o Juízo Final?” [Saigo no Shinpan to wa]²⁴ – 27 de junho de 1951 e “Construção do Mundo de Miroku” [Miroku Sekai no Kensetsu] – 30 de janeiro de 1950.

O sofrimento: uma forma de purificação

Fonte: *Mioshie-shu* 24 (11-110, 11-127) – 16 de julho de 1953.

A Lei da Concordância Espiritual e a purificação

Fonte: Ensaio “Conheça a Vontade Divina” – 2 de dezembro de 1953.

Explicação dos infortúnios e acidentes

Fonte: *Gokowa-roku* 9 (2-202) – 30 de julho de 1949.

Quanto maior a missão, maior a purificação

Fonte: *Tijo Tengoku* 2 (3-15) – 1º de março de 1949.

As impurezas do solo e das plantas, as inundações, o crime e o período de transição

Fonte: *Mioshie-shu* 14 (8-64) – 6 de setembro de 1952.

Capítulo 3 – O JOHREI

O devotamento na ministração do Johrei

Fonte: Composição de vários ensinamentos, incluindo *Gokowa-roku* 13 (2-383) – 23 de julho de 1949.

²³ Após o título da fonte original do texto de Meishu-Sama, os parênteses trazem o número do tomo e página na qual o texto se localiza nas *Obras Completas Mokichi Okada (Okada Mokichi Zenshu)*. Na sequência, consta a data de sua primeira publicação. Notou-se que algumas datas diferem das datas divulgadas na literatura messiânica em português.

²⁴ Entre colchetes, no caso dos ensaios, consta o título do ensinamento de Meishu-Sama em língua japonesa.

A importância da humildade

Fonte: *Gosuiji-roku* 22 (9-153) – 1º de julho de 1953.

Estar em união com Deus

Fonte: *Mioshie-shu* 25 (11-56) – 26 de agosto de 1953.

A compreensão e a postura correta

Fonte: *Mioshie-shu* 29 (11-275) – 5 de dezembro de 1953.

Fonte: *Gosuiji-roku* 23 (9-194) – 1º de agosto de 1953.

Capítulo 4 – A SABEDORIA

A prudência, o saber e as dificuldades insolúveis

Fonte: *Mioshie-shu* 26 (11-83) – 7 de setembro de 1953.

A alegria, o tempo e a ordem

Fonte: *Mioshie-shu* 29 (11-274) – 5 de dezembro de 1953.

O sabor da fé

Fonte: Ensaio “Sabor da Fé” [Shinko no Daigomi] – 5 de setembro de 1948.

O bom senso em religião

Fonte: Ensaio “Bom senso” [Jyoshiki] – 5 de setembro de 1948.

A entrega a Deus e o apego

Fonte: Ensaio “Entregue-se a Deus” [Omakase suru] – 28 de novembro de 1951.

Capítulo 5 – A DEDICAÇÃO

A missão do homem

Fonte: Ensaio “Conheça a Vontade Divina” [Goshin-I wo Satore] – 2 de dezembro de 1953.

O objetivo da Obra Divina

Fonte: *Mioshie-shu* 22 (10-244) – 25 de maio de 1953.

As Leis Divinas e a dedicação

Fonte: *Mioshie-shu* 23 (10-327) – 27 de junho de 1953.

Os méritos divinos

Fonte: *Mioshie-shu* 21 (10-183) – 25 de abril de 1953.

A atmosfera espiritual

Fonte: *Mioshie-shu* 26 (11-93) – 16 de setembro de 1953.

O ingresso à Igreja é regido pelo Mundo Espiritual

Fonte: *Gosuiji-roku* 3 (4-215) – 5 de outubro de 1951.

Deixe-se guiar pela Vontade Divina em seu trabalho de difusão

Fonte: *Mioshie-shu* 7 (7-65) – 25 de fevereiro de 1952.

Não seja dependente em demasia

Fonte: *Gosuiji-roku* 4 (4-253) – 1º de novembro de 1951.

Entregue-se a Deus

Fonte: *Gokowa-roku* 7 (2-141) – 23 de abril de 1949.

Colabore com Deus

Fonte: *Gosuiji-roku* 21 (9-127) – 1º de junho de 1953.

Capítulo 6 – DAIJO, SHOJO, IZUNOME

Daijo, Shojo, Izunome

Fonte: Composição de vários ensinamentos escritos e orais, como “Daijo e Shojo” [Daijo to Shojo] – 6 de dezembro de 1950 e “O Oriente e o Ocidente” [Toyo to Seiyō] – 5 de setembro de 1948.

O Bem e o Mal são relativos

Fonte: Ensaio “Religião à luz da Verdade – Religião Daijo” [Daijo Shukyo] – 30 de janeiro de 1950.²⁵

Fonte: *Mioshie-shu* 21 (10-184) – 25 de abril de 1953.

O conflito entre o Bem e o Mal

Fonte: *Gosuiji-roku* 23 (9-173) – 1º de agosto de 1953.

Não julgueis

Fonte: Composição de vários ensinamentos como “Não julgueis” [Hito wo sabaku Nakare] – 21 de maio de 1952; “Não Julgue” [Sabaku Nakare] – 13 de maio de 1953; “Presunção” [Koremo Manshin] – 12 de setembro de 1951.

Sobre o Amor

Fonte: Ensaio “Amor Daijo” [Daijo Ai] – 23 de julho de 1952.

A ampla tolerância

Fonte: Ensaio “Possua Fé Universal” [Daijo Tare] – 25 de novembro de 1951.

Amor à humanidade é amor à vida

Fonte: *Mioshie-shu* 21 (10-183) – 25 de abril de 1953.

A liberdade em religião

Fonte: Ensaio “Existe liberdade em religião?” [Shukyo ni Jiyuu wa aruka] – 4 de fevereiro de 1950.

Seja um bom ouvinte

Fonte: *Gosuiji-roku* 21 (9-129) – 1º de junho de 1953.

Fonte: *Mioshie-shu* 11 (7-349) – 6 de junho de 1952.

Ceda para conquistar

Fonte: *Gosuiji-roku* 21 (9-130) – 1º de junho de 1953.

Fonte: *Mioshie-shu* 11 (7-349) – 6 de junho de 1952.

²⁵ Este ensinamento foi publicado em três periódicos diferentes: 25 de outubro de 1949 (*Titen*); 30 de janeiro de 1950 (*Jikan Sōsho*) e 25 de agosto de 1954 (*Tengoku no Fukuin sho*).

Para corresponder à Vontade Divina²⁶ – I^a parte

“Minha vida com Meishu-Sama” – Um ser humano que personificou o amor de Deus

Publicado no periódico japonês *Izunome* 82 – Outono de 2009



Figura 10 – Kiyoko Higuchi – Conselheira da Igreja Messiânica Mundial (HIGUCHI, 2009).

A reverenda Kiyoko Higuchi nasceu na província de Ishikawa, em 1905. Depois de se formar na Universidade Feminina de Tóquio, atuou como professora de língua inglesa na mesma instituição. Em 1945, recebeu o *Ohikari*. Posteriormente, tornou-se ministra integrante e, em 1952, passou a dedicar como responsável da Igreja Hakuai. No ano seguinte, iniciou a difusão pioneira no Havaí e, em 1955, fundou a Igreja de Los Angeles. Em 1966, foi nomeada presidente da Sede Central da Igreja Messiânica nos EUA. Faleceu em 1989, em Los Angeles, aos 84 anos. Como pioneira da difusão mundial, ela traduziu a maior parte dos ensinamentos de Meishu-Sama que temos hoje em língua inglesa.

Desde pequena, eu tinha saúde fraca e parecia ser movida a remédios, sabem? Era pura toxina.

Aos poucos, minha condição física foi melhorando. Mais do que isso: pude vislumbrar um novo e maravilhoso mundo. Eu me senti realmente tocada por algo único, que não era nem um local de cura, nem uma religião.

O falecido reverendíssimo Issai Nakajima me disse: “Você precisa ir ver Meishu-Sama ao menos uma vez. Se você não o fizer, não vai entender sua grandiosidade”. Eu concordei e fui participar de um dos encontros com ele.

²⁶ Preleção da reverenda Kiyoko Higuchi realizada em 29 de outubro de 1985, para alunos do Kyusei Gakuin (Instituto Messiânico, situado em Kyoto). Publicada anteriormente no periódico japonês intitulado *Izunome*, em três partes. No Brasil, sua tradução foi publicada nos números 3, 4 e 5 da revista digital *Saberes em Ação*, da Faculdade Messiânica.

Não era uma pessoa comum e criava uma atmosfera sagrada

Todos aguardavam a presença de Meishu-Sama. Na época, eram apenas cem, duzentas pessoas, quando muito, trezentas... Depois de um tempo, já havia mais de mil pessoas.

Bastava Meishu-Sama entrar na sala para começarem os bocejos e as tosses. Só de ele estar ali, antes mesmo de iniciar suas palavras, a atmosfera espiritual já era diferente, a vibração era outra. Havia algo especial. No início, ocorriam também várias coisas que me deixavam surpresa. Ficava perguntando-me o porquê daquilo tudo. Depois, Meishu-Sama se sentava e ministrava *Johrei* aos presentes; naquele momento, a vibração era ainda mais forte. Quando o encontro terminava, tudo voltava ao normal. Essa força inexplicável realmente me surpreendia.

Meishu-Sama entrava na sala com tranquilidade e leveza. Primeiro, um dedicante servia o chá, e Meishu-Sama tomava-o com a maior naturalidade, como se estivesse na sala de estar de sua casa. Eu olhava e pensava, admirada: “Ah, quando a pessoa é elevada, é essa atmosfera que ela cria ao seu redor”. Era um clima caloroso e íntimo.

Além disso, mesmo sendo pleno inverno, quando Meishu-Sama entrava, o salão ficava quente. Imaginem aquele salão enorme, no auge do inverno! Quando ele entrava, sentíamos um calor agradável. Isso também me impressionava muito.

Possuidor de verdadeiro amor pela humanidade

Há muitos aspectos interessantes com relação a Meishu-Sama.

Naquela época, o Japão passava por um período bem conturbado, seja antes ou durante a Segunda Guerra Mundial. Foram tempos muito difíceis, mesmo. Entretanto, Meishu-Sama falava alegremente sobre o que aconteceria no futuro: “Como é Deus quem faz tudo, isso também faz parte de Seu plano e precisava acontecer”; “o Japão precisava passar por uma purificação dolorosa, senão não iria melhorar. Ela também é em prol de um Japão melhor”. No começo, eu pensava: “Por que Meishu-Sama precisa ficar dizendo essas coisas?” Contudo, com o passar do tempo, ouvindo suas orientações, percebi que ele sabia exatamente o que a humanidade iria passar. E, assim, pouco a pouco, fui compreendendo que ele nos preparava para o que estava por vir.

Imagino que todos vocês já ouviram muitas histórias a respeito de Meishu-Sama. Por essa razão, não vou ficar me prendendo a detalhes, mas gostaria de contar a passagem que mais me emocionou, dentre os vários encontros que tínhamos com ele.

Havia uma pessoa que gostava muito de receber *Johrei*. No entanto, quando lhe falavam a respeito de Meishu-Sama, ela se irritava e dizia: “Não quero ouvir”. Não me lembro direito dos detalhes, mas recordo-me muito bem que ela detestava Meishu-Sama.

Então, o missionário que acompanhava o caso, perguntou:

- Meishu-Sama, como é que eu posso encaminhar uma pessoa que não gosta do senhor?
- Qual o problema? Por mais que você tente, não há jeito de fazer com que uma pessoa que não goste de mim passe a gostar, não é mesmo? Se ela não gosta, está bem assim. Ela busca a salvação, não é?
- Ela gosta de receber *Jobrei*.
- Se é assim, está tudo bem, não acha? O mais importante é que essa pessoa seja salva. Ela pode até falar mal de mim, que não há problema algum.

Meishu-Sama dizia isso rindo... Fiquei muito impressionada com sua orientação. Na mesma situação, a maioria das figuras proeminentes diria: “Falar mal de mim é uma grande insolência. Por favor, repreenda e oriente essa pessoa”, ou então: “Se for assim, é melhor não ministrar mais *Jobrei* a essa pessoa”. Mas, não. Ele comentava, sorrindo: “Tudo bem, tudo bem. Se falar mal de mim faz a pessoa sentir-se melhor, deixe-a falar. O que importa mesmo é que ela seja salva e que se liberte do sofrimento. Continue ministrando *Jobrei* e deixe-a dizer o que quiser”. Ao ouvir essas palavras, senti como é grandioso o amor de Meishu-Sama pela humanidade.

Esse sentimento se manteve sempre vivo em meu coração. Percebi que Meishu-Sama fundou a Igreja Messiânica não para se promover, mas para salvar as pessoas. Guardei profundamente em meu peito o fato de que precisava fazer difusão com esse sentimento e, até hoje, esta é uma das passagens que mais me marcou.



Figura 11 – Capa do livro *Amerika wo suku* (Salvar os Estados Unidos), publicado em 1º de janeiro de 1953 por Meishu-Sama (HIGUCHI, 2009).

Extremamente atencioso, de uma generosidade apurada

Há tantas outras passagens maravilhosas que fica difícil escolher sobre qual discorrer.

O sentimento de Meishu-Sama era capaz de mudar o mundo. A Igreja Messiânica ensina que Deus quer salvar as pessoas por meio da Luz e deseja purificá-las. Como este é o princípio, nós nos esforçamos para falar em nome de Meishu-Sama, além de querer explicar que “A Igreja Messiânica é isso, Meishu-Sama é aquilo...”, ainda que não tenhamos conseguido fazer nada neste sentido. Não obstante, quem nos ouve, não conhece Meishu-Sama. É até possível que muitos falem mal dele e pensem que não há como existir alguém tão grandioso. Em ambos os casos, se desejarmos fazer as pessoas felizes e as recebermos com essa intenção, o sentimento de Deus se comunicará com elas. Acredito que desejar a felicidade dos outros é o que há de mais importante.

Com relação ao exemplo e à atitude de Meishu-Sama, até mesmo para com as pessoas ao seu redor, ele nunca dizia: “Ei, você, seja amável!”

Observando atentamente o que Meishu-Sama fazia e dizia, percebi a dimensão do cuidado que ele tinha para com aqueles que dedicavam próximos a ele. Por exemplo: os dedicantes que ficavam na cozinha, se revezavam para participar dos encontros. Certo dia, um deles estava dedicando, todo atrapalhado e atarefado, quando Meishu-Sama passou, parou e perguntou:

- Você não vai participar do encontro, hoje?
- Não, senhor. Hoje é minha vez de ficar na cozinha.
- Ah, é mesmo? Muito obrigado pela sua dedicação!

Percebem? Era alguém que estava dedicando na cozinha e que vinha de muito longe, só para dedicar... Ouvindo essas palavras de Meishu-Sama, pude sentir a atenção e o cuidado que ele dispensava a cada um de nós.

Havia uma conhecida minha que, durante a dedicação, notou que Meishu-Sama estava com um convidado e dirigia-se ao jardim, para apresentá-lo a esse convidado. Ela pensou que, talvez, Meishu-Sama poderia querer sentar-se. Então, colocou uma almofada num lugar que seria confortável para ele, na varanda. Levou também uma almofada para o convidado e ficou por ali, observando, enquanto a explanação era feita. Meishu-Sama passou, olhou rapidamente para as almofadas e, depois, para ela. Deu um leve sorriso e se sentou sobre elas, por um instante. Naquele momento, ela pensou: “Meishu-Sama estava tão atarefado ciceroneando o visitante, que não precisava ter se incomodado comigo... Mesmo assim, percebendo meu sentimento de querer servir, sentou-se um pouco na almofada que preparei!” Ela me contou isso profundamente emocionada, com lágrimas nos olhos. E acrescentou: “Meishu-Sama dá atenção até aos pequenos gestos dos dedicantes”. Ao lado dele, eu sentia profundamente que, através de relatos que ouvi e das ocasiões em que pude observá-lo, cada uma de suas atividades cotidianas era realizada com muito amor e consideração pelos dedicantes.

Fé é ação

Sempre penso que há muitas pessoas que se esforçam para aprender sobre Meishu-Sama, estudando, lendo e ouvindo relatos sobre ele. Entretanto, não se trata apenas de obter conhecimento; o essencial é colocar seus ensinamentos em prática.

É comum tentar levar Meishu-Sama às pessoas somente por meio das palavras, dizendo coisas como: “Ele era isso, era aquilo...”, “Ele tinha um profundo amor pelas pessoas”. Na verdade, observando o dia a dia dos jovens dedicantes, percebemos que, nem sempre, suas atitudes acompanham o discurso. O importante é que gravemos os ensinamentos no coração, até que se tornem parte de nós. O presidente mundial pediu, encarecidamente, que eu falasse sobre esses pontos ao retornar aos Estados Unidos. Respondi-lhe que, se este era seu desejo, eu o faria com muito prazer. Mais do que ensinamentos extraordinários, porém, é fundamental esforçar-se para assimilar aquilo que foi ensinado por Meishu-Sama, por meio de seus atos. Ter determinação e vontade de praticar de fato o que foi transmitido por ele é essencial. Pode ser uma ou duas coisas apenas, não há problema. Será que, em se tratando de um verdadeiro discípulo de Meishu-Sama, tal determinação e vontade não seriam os pontos mais importantes?

Há muitos ensinamentos maravilhosos e complexos. Precisamos buscar compreendê-los, só que é fundamental treinar para fazer com que, um por um, esses ensinamentos se tornem parte de nós: seja um ou dois. Mesmo que eu leve uma semana, procuro praticar: “Nesta semana, vou fazer isso”. Por exemplo: “Se Meishu-Sama tratava com palavras tão bondosas até mesmo o mais humilde servidor, a partir de hoje, eu também vou tentar fazer o mesmo!” Devemos refletir, todos os dias, sobre os pontos que podemos praticar. Se, a cada dia que passa, nos relacionarmos com as pessoas com esse mesmo sentimento, conseguiremos mudar bastante. Um verdadeiro discípulo de Meishu-Sama tem que conseguir fazer isso!

Dedicação sincera e devotada

Todo mundo tem defeito. É uma fraqueza do ser humano procurar os defeitos alheios, querer criticar. Se possuímos um coração generoso, perceberemos que qualquer pessoa tem virtudes, as quais devemos identificar e vivificar. “Aquela pessoa realmente tem muitos defeitos, mas há esse ponto positivo; vamos focar nele, então”. Agindo desse modo, quando menos esperarmos, esse sentimento brotará naturalmente, e até mesmo as pessoas ao seu redor, que antes diziam coisas detestáveis a respeito dela, mudam.

Não seria essa a forma de construir um mundo de paz?

Eu tenho refletido bastante sobre mim mesma. Meishu-Sama realmente tinha um coração amplo (*daijo*). Ele era grandioso e amava a todos que chegavam até ele. A única coisa que detestava era a mentira. Era muito severo com relação a isso e fazia de tudo para que a pessoa que mentisse ou tentasse enganar parasse com aquilo. Ele não perdoava enquanto ela não reconhecesse que mentiu e se desculpassem sinceramente.

Se fosse alguém lento para realizar as tarefas ou com pouca habilidade, mas possuísse um sentimento sincero e se esforçava, Meishu-Sama o amava mesmo assim. Ele aceitava e amava todo tipo de pessoa. Eu acredito que, se conseguirem gravar esse sentimento no coração de forma que ele faça parte de vocês, aí sim, terão crescido como discípulos de Meishu-Sama. Se vocês se tornarem capazes disso, serão amados por pessoas do mundo inteiro.

Não tenho dúvidas de que vocês receberam a vida e a oportunidade única de estarem aqui, na Igreja Messiânica, com o sentimento de estudarem e de serem úteis em suas dedicações. Sei que não estão aqui em busca de emprego. Gostaria que, enquanto estiverem no Instituto Messiânico, se esforcem, de corpo e alma, com o desejo de construir um sólido alicerce da fé.



Figura 12 – Reverenda Kiyoko Higuchi embarcando para o Havaí. À esquerda, o jovem ministro H. Ajiki. Aeroporto de Narita, 11 de fevereiro de 1953 (HIGUCHI, 2009).



Figura 13 – Reverenda Kiyoko Higuchi relatando sobre a difusão nos EUA, na Igreja Hakuai (1963) (HIGUCHI, 2009).

Para corresponder à Vontade Divina – 2ª parte

“Minha vida com Meishu-Sama” – O espírito de busca cultivado pela paixão pela difusão

Publicado no periódico japonês *Izunome* 83 – Inverno de 2009



Figura 14 – Kiyoko Higuchi – Conselheira da Igreja Messiânica Mundial (HIGUCHI, 2009).

Conhecer a Igreja Messiânica, ser encaminhada a ela e, ainda por cima, desejar aprofundar o conhecimento sobre o caminho da fé e dedicar-se a esta obra, significa que Deus concedeu à pessoa, independentemente de quem seja, uma grande oportunidade. Como discípulos de Meishu-Sama, as pessoas que ganharam essa oportunidade – vocês – transformarão o mundo! O mundo mudará! E como Meishu-Sama já não se encontra entre nós, é difícil conhecê-lo somente por meio de livros.

É fundamental que os missionários que se lançaram neste caminho conheçam bem que tipo de ser humano Meishu-Sama foi e tenham paixão pelo que estão fazendo. Se tiverem entusiasmo, este, certamente, contagiará as pessoas. Isto porque é por meio do ser humano que Deus se manifesta. Se não tivermos o *Johrei* da nossa Igreja, não apreendermos quão profunda é a fé messiânica nem tivermos a consciência de que o mundo está se movendo em direção a um grande propósito – a construção do Paraíso Terrestre –, jamais compreenderemos o sentido da vida. Por este motivo, o fato de terem sido conduzidos a esta condição ímpar significa que vocês têm uma grande missão, que vocês criaram afinidade com uma dedicação da maior relevância. Sendo assim, gostaria que tivessem muita gratidão, paixão e ardor por aquilo que fazem.

É importante nutrir a paixão pelo trabalho missionário



Figura 15 – Fevereiro de 1953 – Kiyoko Higuchi e Ajiki chegam a Honolulu, Havaí (HIGUCHI, 2009).

Por estar aposentada, eu vinha me mantendo quieta... Contudo, diante da nova fase que se inicia na Obra Divina e do fato de que não existe limite de idade para servir, seja com 80 ou 90 anos, meu maior desejo é poder servir enquanto vida tiver, compartilhando com as pessoas, ao menos um pouquinho, a gratidão, a emoção e o fervor que sinto em relação a Meishu-Sama. Como já estou mais para lá do que para cá, gostaria que aproveitassem ao máximo esta oportunidade, que pode ser única.

O mais importante é conhecer Meishu-Sama e suas maravilhosas características. Ele era um visionário. Não obstante o caos e o sofrimento nos quais o mundo se encontrava, ele tinha o dom de enxergar e compartilhar com as pessoas a visão promissora de um mundo que, em breve, se tornaria imensamente melhor. Ele afirmava isso, o que é algo que nós não conseguimos fazer nem compreender. Sendo assim, como eu estava dizendo, o importante é saber que transformar este mundo em um verdadeiro paraíso, livre de doenças, pobreza e conflito, é o Plano de Deus, o que será feito por meio do Poder Divino. Apresentar a Força de Deus às pessoas que ainda não a conhecem deve ser nosso mais ardente desejo. E para que este sentimento cresça e se desenvolva dentro de nós, precisamos desdobrar-nos e fazer tudo o que for necessário.

É até normal que jovens que não conheceram Meishu-Sama pessoalmente não possuam tal fervor. E eu não conseguia percebê-lo, por exemplo, no jovem ministro responsável pela difusão à qual estou ligada. Outro dia, eu lhe disse: “Sabe, eu tenho certeza de que você entrou neste caminho com o desejo de oferecer sua vida e de se dedicar com o máximo empenho. Mas eu não consigo sentir em você essa paixão”.

Nós, ministros, somos responsáveis pelo culto e pela palestra também. Somos nós que temos que falar. Portanto, precisamos pensar bem no conteúdo, considerando o tempo de que dispomos. O ministro ao qual me refiro não tinha um objetivo claro em suas palestras. Ele contava sobre suas conversas

com membros que viveram alguma experiência. Falava de uma coisa, de outra e por aí afora. Como ouvinte, eu ficava pensando: “Nossa, aconteceram essas coisas?” e continuava ouvindo com certo interesse. O tempo se esgotava, e a conversa ficava só naquilo.

Por esse motivo, disse-lhe: “Eu estava ouvindo você, que fala bastante sobre diversos assuntos. Porém, o tempo acabou e, por mais que eu pense, não saberia dizer o que você quis nos transmitir em sua palestra, qual era o seu objetivo. A gente acaba esquecendo tudo”.

Ele ficou desconcertado. Prossegui: “Sabe, escolha pelo menos uma característica especial do sentimento de Meishu-Sama, aquela que você considera a mais importante, e dê destaque a ela em suas palestras. Você pode adotá-la como tema principal quantas vezes desejar. O importante é definir o ponto até o qual você deseja conduzir quem o ouve. As palestras podem ser curtas, não tem problema, mas diga coisas que ficarão no coração das pessoas”. Ao que ele me respondeu: “Mas eu não conheci Meishu-Sama. Não sei como ele era”. De fato, quem não ouviu as palavras de Meishu-Sama, não pode compreendê-las. Contudo, é justamente para conhecê-las que devemos ler bem seus ensinamentos. Quando eu lhe perguntei: “Você lê os ensinamentos diariamente?”, ele titubeou. Diante de sua resposta, minhas únicas palavras foram: “Isso não pode acontecer!”

Buscar o sentimento de Meishu-Sama nos ensinamentos



Figura 16 – Perante os membros havaianos, a reverenda Higuchi profere uma palestra (HIGUCHI, 2009).

Mudando um pouco de assunto, há ensinamentos que se originaram de palestras de Meishu-Sama. Nesses ensinamentos, ele comenta os acontecimentos da época e emite sua opinião a respeito; fala sobre qual postura deve ser adotada diante de determinada purificação e orienta os missionários. Uma parte desses ensinamentos está traduzida e constitui os que mais tocam o coração dos ocidentais. Eles se alegram.

Eu também gosto deles e os leio há vários anos; são meus favoritos. Muitas pessoas querem mais traduções a esse respeito. Desta forma, estou pensando em me empenhar um pouco mais nesse ponto.

Seria muito bom que o nosso presidente discutisse mais esse assunto com os reverendos e ministros. Tenho a impressão de que chegou a hora de falarmos sobre isso. Afinal, estamos em uma nova fase da Obra Divina, não é? Tenho certeza de que haverá mudanças.

Voltando à história do jovem ministro, emprestei-lhe os ensinamentos que eu havia anotado durante as orientações de Meishu-Sama. Posteriormente, ele contou-me que, ao verificar os ensinamentos que possuía, deu-se conta de que já tinha parte deles. Vejam só: ele tinha um tesouro, mas o deixava guardado! E continuou: “Agora vou ler com todo o empenho os ensinamentos que a senhora me emprestou!” Depois disso, passou a lê-los diariamente. Consequentemente, seu comportamento e palestras mudaram. Um dia, lhe perguntei: “Como vão as coisas?”, e ele me respondeu: “Ah, muito melhor!” Eu continuei: “Aqueles ensinamentos são excelentes para conhecermos o sentimento de Meishu-Sama, pois são orientações dadas de forma mais simples. Leia como se estivesse escutando a própria voz de Meishu-Sama. Procure ler a mesma passagem durante uma semana, a mesma frase, várias vezes. Leia como se estivesse escutando a voz de Meishu-Sama”. A partir de então, o jovem ministro ficou muito contente!

Da minha parte, pretendo continuar incentivando ministros e missionários nesse sentido. Apesar de meu trabalho estar um tanto atrasado, vou me esforçar também para que os membros em geral possam ler um pouco mais.

Difusão no exterior – é melhor partir com o intuito de morar de vez no país

Falarei sobre o início da difusão nos Estados Unidos.

Eu cheguei lá em fevereiro de 1953. Dois ou três anos antes, durante uma reunião com Meishu-Sama, da qual eu não participei, ele orientou: “Para salvar o mundo, é necessário, primeiramente, salvar os Estados Unidos. Há muitos norte-americanos doentes. É missão da Igreja Messiânica salvar esse país”. Ouvi dizer que ele prosseguiu: “Estou pensando em enviar a Higuchi”. Fiquei impressionada e, como eu não estava presente, perguntei ao reverendo Nakajima, que participara no dia, e ele me confirmou: “É verdade, Meishu-Sama disse isso mesmo”. Pensei, então, que isso ainda demoraria um pouco; como estava empenhada na minha dedicação no Japão, não fiquei pensando muito no assunto.

Dois ou três anos depois, chegou um envelope vindo do Havaí contendo: um artigo de um jornal sobre o *Johrei* da Igreja Messiânica e uma carta de alguém pedindo que o ensinássemos a ministrar o *Johrei* e que o difundíssemos por lá. Então, Meishu-Sama orientou-me a enviar-lhe o *Ohikari*. Decidi mandar-lhe três cartas, como se fossem um curso de formação para membros. Escrevi: “Se você entender o conteúdo, posso enviar o *Ohikari*”, e a resposta foi: “Por favor, envie o *Ohikari* o mais rápido possível”. Assim, enviei-o, sem demora.

Ao receber o *Ohikari*, esse membro começou a ministrar *Jobrei* aos amigos e em hospitais próximos e a presenciar uma cura após a outra. Primeiro, foi seu filho, que sofria de asma e foi curado. Depois começou a ministrar *Jobrei* ao pai, que vivia hospitalizado e dependia de remédios. Com o passar do tempo, as pessoas começaram a lhe perguntar: “Eu também quero aprender a ministrar. Será que posso?” Foi então que recebi outra carta: “A senhora não poderia vir nos visitar? Há muitas pessoas que querem fazer o curso de formação e receber o *Ohikari*”.

Fiquei impressionada com a rapidez com que as palavras de Meishu-Sama se concretizaram. Fui até ele para relatar o acontecido. “Por que você não vai?” – foi sua resposta. Pensava em ficar por dois ou três meses, ministrar três ou quatro cursos de iniciação e voltar, mas Meishu-Sama disse: “Se você for, é melhor levar uns mil *Ohikari*. Vá com a intenção de ficar por lá para sempre”. Eu respondi: “Ah, é?” A decisão foi difícil, mas como se tratava de uma orientação de Meishu-Sama, decidi agarrar-me às suas palavras e partir. Este foi o início da difusão no Havaí.



Figura 17 – Honolulu, Havaí – terra onde foi iniciada a difusão pioneira nos EUA. A foto é do Diamond Head (formado de tufos vulcânicos), tirada a partir da praia de Waikiki (HIGUCHI, 2009).

Difusão que respeita a cultura local

Certo dia, Meishu-Sama disse-me: “O fato de você fazer difusão nos Estados, no Havaí e no continente, foi estabelecido por Deus há centenas de anos”. Fiquei surpresa, pois, na verdade, meu medo era maior que tudo. Eu pensava: “Uma pessoa como eu será capaz de fazer difusão nos Estados Unidos?” Como se tratava de palavras de Meishu-Sama, sabia que não havia outra coisa a fazer, senão dar o máximo de mim e tentar. Meishu-Sama havia orientado: “Você vai para os Estados Unidos, entrando, primeiramente, pelo Havaí”. Compreendi porque o Havaí: lá, eu poderia me comunicar em japonês também. Mesmo com os filhos e netos de japoneses nascidos no país e que não falam a língua japonesa fluentemente, se eu conversasse com eles, misturando o inglês e o japonês, de alguma forma, seria compreendida. Eu era graduada em língua inglesa, mas não tinha fluência na conversação. Contudo, decidi não pensar nisso e foi assim que teve início a difusão no Havaí.

Antes de partir, pedi orientação a Meishu-Sama sobre o sentimento e os pontos aos quais eu deveria ficar atenta, em se tratando de realizar um trabalho missionário no Havaí e no continente norte-americano. Ao que ele me respondeu: “Eu também não faço a mínima ideia. Só indo para saber. Deus fará com que você descubra; portanto, você precisa fazer o necessário para que isto aconteça: ore a Deus e Ele a inspirará”.

No início, eu estava bem apreensiva, mas, com as palavras de Meishu-Sama, comecei a pensar: “De alguma forma, Deus há de me conduzir”. Perguntei-lhe ainda: “Quando estiver lá, como devo celebrar os cultos? Faço as orações em japonês?” Ele sorriu e respondeu: “Os americanos, provavelmente, não as entenderão...”, e continuou: “Mas, tente. No início, se unirem as mãos em oração, já está bom. Com o tempo, as pessoas vão começar a dizer como querem que seja feito, como será melhor fazer. Assim, gradativamente, as coisas irão se ajustando”. Foi assim que comecei.



Figura 18 – Participando de um acampamento de verão, ao lado de membros norte-americanos, Valley Center, Califórnia (HIGUCHI, 2009).

Para corresponder à Vontade Divina – 3ª parte

“Minha vida com Meishu-Sama” – Aprender com humildade e praticar

Publicado no periódico japonês *Izunome* 84 – Primavera de 2010



Figura 19 – Reverendas McKinstry, Higuchi e Dowd no Valley Center em 1970 (HIGUCHI, 1994).

Mesmo assim, não havia nada preparado antes de minha partida. Não havia livros em inglês, não havia nada, sabiam? Diante disso, tomei a iniciativa de preparar um pequeno panfleto sobre “O que é a Igreja Messiânica Mundial”, muito simples, em japonês e em inglês, para que as pessoas entendessem do que se tratava, mesmo que fosse só um pouco. Foi pensando dessa forma que fiz o panfleto e o levei comigo [para a América].

O material que elaborei foi, sem dúvida alguma, baseado na maneira de pensar do japonês, por isso não era apropriado para as pessoas de lá. No começo, eles até diziam: “Ah, você preparou um livretinho muito bom!”, mas com o passar do tempo, por serem americanos, passaram a criticar: “Se você pensa que um panfleto como este vai fazer com que os americanos entendam a respeito da Igreja Messiânica, está muito enganada”.

O material, logo no início, falava sobre o mundo espiritual após a morte, isto é, mesmo quando morremos, existe um mundo espiritual. Depois, eu escrevia sobre o processo de purificação que surge por meio do *Jobrei* e sobre as toxinas dos remédios – enfim, explicava tudo, mas de uma maneira muito simples.

Os americanos me avisaram: “Em primeiro lugar, se você mostrar esse texto a qualquer pessoa que seja, esbarrará nas leis que regulam o exercício da medicina. Se você escreve coisas como estas no final, também vai acabar tendo problemas. Você não imagina quão complicadas são as leis nos Estados

Unidos, não é?” “Não, na verdade, não...”, respondi. E continuaram: “Sobre o mundo espiritual, nós, americanos, não pensamos muito sobre isso. Se você escrever essas coisas, vão achar que é um conto do vigário. Há quem fale sobre o mundo espiritual, mas a maioria não tem a menor ideia do que seja. Se abordar esse assunto, certamente, irão pensar que é conversa fiada e se afastarão”.

Eu fiquei totalmente perdida, sabe? A partir de então, fui reescrevendo aos poucos: duas, três, quatro vezes. Reescrevi o texto, conversando com os americanos, ouvindo-os e procurando adequar o conteúdo às pessoas que vinham pela primeira vez.

Depois disso, a difusão.

Após essa preparação, chegou a hora de explicar o *Johrei*. Por que há pessoas que sentem dor ao receberem *Johrei*? Por que algumas têm febre? Primeiro, expliquei o processo de purificação e, depois, aos poucos, falei sobre o significado do *Johrei*. Afinal, do que se trata? A base são as nuvens existentes no corpo espiritual. Aí tive mais um problema: a ideia de nuvens no corpo espiritual não lhes agradava. “Onde estão essas nuvens? O que fiz de errado?” – esta era a primeira reação que tinham. Eu explicava, aos poucos, o que significava estar espiritualmente “nublado”. “Ninguém é perfeito, não é mesmo? Todos fomos criados à imagem de Deus, Ele é nosso modelo. Como não existe ninguém perfeito como Ele, não há como não cometer erros, não é?” Este era o início de minha explicação. Como se estivesse expondo algo a uma criança, ia falando aos poucos. E, gradativamente, minhas palavras começaram a encontrar ressonância no sentimento dos americanos.



Figura 20 – Valley Center: local de prática da Agricultura Natural. Ao fundo, vemos um bosque de oliveiras (anos 1960) (HIGUCHI, 2010).

Espírito da Palavra e Aura

Por exemplo, a palavra “força espiritual” [*reiryoku*]. Este termo corresponde à vibração – *vibration* – em inglês. Um dia, me disseram: “Acredito que a senhora esteja falando de vibração”. Como eu também queria entender, perguntei: “O que é vibração?”

Através do diálogo, aos poucos, comecei a entender não só o sentimento deles, mas também o sentido das palavras. Depois falei sobre “aura”. As pessoas de lá conhecem esta palavra muito melhor do que nós, japoneses, porque muitas delas já fizeram estudos sobre o tema. Nos Estados Unidos, há muitas pessoas que se dedicam a isso. O que chamamos de “vestimenta do espírito” [*reii*], os americanos chamam de aura. Sendo assim, os argumentos e explicações que eles davam estavam sempre um passo à frente daquilo que eu dizia. Eles estudam com muita dedicação, aprofundando-se no assunto. Alguns chegam a dizer: “A aura pode possuir várias cores. Rosa, amarelo, verde mais escuro, azul mais escuro. Aqueles cuja aura possui um tom azul mais escuro são bastante elevados espiritualmente. Os que são dotados de muito amor possuem aura cor-de-rosa”.

Eu não me prendia a essas questões e, além do mais, Meishu-Sama também não enfatizava esses pontos. Mais importante do que isso é a intensidade, a espessura e a largura da Luz. Conforme o espírito vai se elevando, seu poder também se intensifica. Sendo assim, a pessoa passa a ser mais influente, e sua aura, mais envolvente.

Enfim, os americanos estudam muito e se detêm bastante no âmbito intelectual. Não conhecem que o espírito possui uma densidade ou até mesmo que ele pode tornar-se belo. Se bem que, dentre eles, há aqueles que conseguem enxergar a luz. Dizem coisas como “a aura daquela pessoa é azul-escuro” e outras coisas. Contudo, de que adianta ficar sabendo isso? Só serve para ficar muito bom em criticar os outros. Não é o que queremos. Expliquei o seguinte: com o recebimento da Luz de Deus, as nuvens vão, aos poucos, se dissipando, e a Luz se intensifica. Isso ocorre porque, espiritualmente, o nível da pessoa se eleva. Por esse motivo, sugiro que recebam *Johrei*. Ao recebê-lo, vão pensar: “Isso é muito bom! É uma Luz pela qual devemos sentir gratidão”. É a suprema Luz de Deus, entenderam? De qualquer modo, experimentem recebê-lo. A partir daí, eles começaram a receber mais *Johrei* e, conseqüentemente, surgiam os que diziam: “Ah, me sinto mais leve. Eu estava com dor de cabeça, mas passou”. Aliás, mais do que isso, Meishu-Sama sempre nos orienta: “Seja como for, [o *Johrei*] eleva o espírito”, e entre os americanos, há muitas pessoas que sentem isso de fato.

Revelar a postura de aprender com humildade

Em consequência, começaram a surgir mais e mais pessoas que diziam: “Eu também quero receber *Johrei*. Quero ser verdadeiramente feliz. Quero que a Luz se intensifique em mim”. Iniciei, então, o curso de formação de novos membros com aqueles que passaram a entender o que eu estava transmitindo. Durante as aulas, a postura era de grande seriedade. Os americanos, quando decidem algo, se empenham de corpo e alma, com muita dedicação.

Voltando um pouco o assunto, naquela época, nos Estados Unidos, havia muitos intelectuais no grupo. Eram, como se diz, “sofisticados”, no sentido de sofistas, e dedicavam-se bastante aos estudos da lógica. Sendo assim, se o tema tratado não apresentasse certo grau de complexidade, não se interessavam. Apesar de tudo o que eu dizia estar relacionado ao dia a dia e baseado nos ensinamentos de Meishu-Sama, eles escutavam com prazer.

Devo deixar claro também que eu não conhecia muito sobre os Estados Unidos. Cheguei lá somente com aquilo que aprendera nos livros. Uma vez que meu conhecimento era pouco, fui-me aproximando com muita humildade. De verdade. “Vocês já estudaram muito mais coisas do que eu!”, dizia-lhes. E vinham pessoas que já tinham lido muitos livros. Perguntavam-me se tinha lido esta ou aquela obra, mencionando títulos difíceis. Eu só respondia: “Não sei muito sobre isso; esse assunto desconheço. Sei apenas sobre Meishu-Sama, seus ensinamentos e a prática do *Johrei*. Isso eu sei e, nesse ponto, não perco para nenhum dos senhores, portanto, quero transmitir-lhes esse conhecimento. Por outro lado, quero pedir que me ensinem tudo o que não sei”. Foi essa a minha postura ao relacionar-me com os americanos.

Eles comentavam: “A ministra dessa igreja, mais que tudo, é humilde”. “Será que sou mesmo?”, eu questionava. Ao que eles replicavam: “É humilde, sim! Normalmente, quem chega para pregar um novo ensinamento, uma nova religião – seja americano, europeu, japonês, etc. –, é, antes de tudo, arrogante. Ainda que sua postura tenha sido expor o que sabia, a senhora é humilde. Foi essa postura que mais nos cativou”. Tais palavras encheram meu coração de gratidão. Na verdade, eu não sabia nada mesmo! Achei que o melhor era relacionar-me com eles tal como eu era. Eles diziam que o que mais sentiram foi sinceridade. Foi, ainda, uma grande felicidade ouvir: “Seu esforço para nos fazer aprender transpira amor”. Pelo menos nisso fui elogiada! “Que alegria! Meishu-Sama está me ajudando!” Foi com esse sentimento que fiz difusão.

Nobreza de caráter e nível espiritual

De que maneira devo explicar o *Obikari*? – este foi o primeiro pensamento que me ocorreu. Entre os americanos, se a explicação tiver lógica, a aceitação é certa. São dóceis. Se eles não entendem algo, perguntam até entenderem. No caso do *Obikari*, a pergunta era: “Por que, quando penduro esta medalha no meu pescoço, ela emite luz?” Essa pergunta me fez lembrar de quando recebi o *Obikari* no Japão. Eu também gostava muito de argumentar. Naquela época, o ministro me disse: “Você recebe o *Obikari*, coloca no pescoço e, ao fazer assim, a Luz de Deus é irradiada. Você não consegue ver, mas é uma luz dourada muito forte”. “Ah, é?”, respondi. Não consegui indagar mais do que isso, apesar da vontade de perguntar: “Por quê? Será que preciso mesmo do *Obikari* para transmitir a Luz Divina?”

Pouco depois, tive a permissão de participar de um dos encontros realizados regularmente com Meishu-Sama. Na ocasião, um dos presentes lhe fez uma pergunta sobre Arte. E a resposta foi a seguinte: “A obra de arte produzida por um artista de nível realmente elevado, seja uma pintura ou qualquer outro tipo de obra, tem uma força espiritual muito grande, que mexe com os sentimentos. Por esta razão, quando a observamos concentradamente, acabamos exauridos. Isso acontece porque sua vibração espiritual é muito elevada. Obras de autores de nível verdadeiramente elevado, seja pintura, desenho, caligrafia, literatura ou qualquer outra, transmitem a vibração espiritual do artista. E, quando entramos em contato com estas obras, somos tomados por fortes emoções a ponto de nos sentirmos cansados”. O interlocutor agradeceu a explicação e Meishu-Sama, sem nenhuma afetação, acrescentou: “O *Obikari* escrito por mim também tem esse significado. É a mesma coisa”.

Ouvi essa orientação exatamente na época em que me questionava muito sobre o significado do *Obikari* e isso me ajudou a entendê-lo. Afinal, o sentimento de Meishu-Sama, ao escrever a palavra *Obikari*, era de que essa luz purificasse e salvasse a humanidade. Seu sentimento estava em sintonia com Deus. Como Meishu-Sama se encontra em estado de união com Deus, a Luz Divina penetra diretamente. Tal poder espiritual é o que eles chamam em inglês de *vibration*, vibração, mas trata-se da vibração do mais elevado nível. O *Obikari* caligrafado por Meishu-Sama é muito mais elevado do que a mais elevada de todas as obras de arte. É algo impossível de ser expresso em palavras, pois é o amor de Deus pela humanidade, é a Luz repleta desse amor. E Meishu-Sama explicou isso de maneira bem simples. Ele orientou: “O *Obikari* escrito por mim, ao ser comparado com uma obra de arte, possui o mesmo significado, viu? É uma questão de vibração espiritual, sabe?” Nesse momento, pela primeira vez, minhas dúvidas dirimiram-se completamente e fui tomada por uma profunda emoção.



Figura 21 – Reverenda Higuchi durante uma palestra aos membros norte-americanos. Valley Center, nos anos 1960 (HIGUCHI, 2010).

Abnegação e dedicação aos estudos

Quando cheguei aos Estados Unidos, a primeira pergunta que me faziam era sobre o significado do *Obikari*. Imediatamente, eu retornava ao dia em que ouvira a explicação de Meishu-Sama. Esclarecendo, primeiramente, a respeito das obras de arte, falava da vibração espiritual contida no *Obikari*, da força espiritual do amor de Deus, que deseja purificar a humanidade. Com esta explicação, o semblante das pessoas se iluminava! “Entendemos!”, diziam todos.

A partir de então, passavam a considerar o *Obikari* com toda a importância. Pensei: naquele dia, Deus fez com que eu tivesse a permissão de ouvir de Meishu-Sama uma explicação muito boa. Que felicidade! Por esta razão, em cada curso de iniciação, eu a utilizava sempre, para transmitir o significado do *Obikari*. Mesmo assim, havia aqueles que não entendiam, e outros que continuavam com dúvidas.

Aqueles que compreendiam, davam verdadeiro valor ao *Obikari*, pois, este, realmente, é uma partícula de Deus em nós. Conferem a ele sua real importância. Pergunto-me até hoje o que teria ocorrido se eu não tivesse conseguido explicar daquela maneira.

A dificuldade maior que tive foi, sem dúvida alguma, com a tradução. O que é explicado apenas verbalmente não fica gravado no coração. Eu queria muito que os ensinamentos de Meishu-Sama fossem escritos. Que eles fossem impressos. Oralmente, eu já conseguia explicar muita coisa.

Já que o vocabulário que se adequa aos ensinamentos de Meishu-Sama é muito vasto, optei por começar pela leitura de diversos livros em inglês e ir desenvolvendo, pouco a pouco, esse trabalho. Quando o conteúdo ficava mais profundo, traduzir e explicar oralmente ficava bem mais difícil.

Passados dois ou três anos, comecei a dedicar-me intensamente ao trabalho de tradução. Afinal, eram as palavras de Meishu-Sama e eu queria poder aprofundá-las e transmiti-las melhor. No entanto, eu jamais poderia empregar um inglês medíocre, até porque, os falantes da língua inglesa são, conhecidamente, muito rigorosos no que diz respeito ao uso do idioma.

Nessa ocasião, encontrei uma pessoa que falava, fluentemente, francês, alemão, inglês e as línguas oficiais da Suíça, que, além do francês e do alemão, são o italiano e o romanche. Essa pessoa passou a me ajudar a traduzir os ensinamentos para o inglês.

Segundo ela, “o inglês era o idioma mais difícil e também o mais recompensador”. Ela dizia que o inglês é interessante porque podemos apresentar os significados detalhadamente. E justamente por isso, ele é tão difícil. Conversando com ela, eu ia confirmando se a expressão que eu estava usando comunicava adequadamente o sentido que eu queria transmitir. Através desses diálogos, eu aprendi muito. Na verdade, qualquer pessoa aprende quando está começando, não é?

A tradução literal faz com que o sentido em inglês fique superficial e, dependendo do caso, com que ele até se perca. Se quisermos fazer uma explicação ou tornar claro o sentido em inglês, é preciso adaptar as palavras de forma que obtenhamos um texto nos moldes do que um falante de língua inglesa pensaria. Procedendo dessa maneira, teremos uma tradução muito mais próxima do japonês. E eu só descobri isso depois de pensar e estudar muito – do contrário, nunca teria compreendido tal fato. Recebi muitas críticas por isso; porém, pessoas²⁷ que entendiam inglês, me diziam: “Com esta tradução, finalmente, estou começando a compreender o profundo sentido das palavras de Meishu-Sama”.

Praticar e manter acesa a chama da fé

Enfim, ao longo do tempo, muitas coisas ocorreram, e eu me retirei da linha de frente da difusão. Agora, dedico-me à elaboração de um dicionário de termos messiânicos. Além disso, se eu tiver permissão, e tudo indica que terei, desejo traduzir, pouco a pouco, os pontos principais dos ensinamentos que publicamos com aquelas adaptações às quais me referi anteriormente. Para tanto, preciso viver mais um pouco. Bem, o meu desejo é viver até os 90 anos – preciso empenhar-me! E obrigada por me ouvirem!

Hoje, o que mais queria transmitir a vocês é o seguinte: o desejo de levar Meishu-Sama e os ensinamentos da Igreja Messiânica ao maior número de pessoas possível é muito importante. De fato, é um sentimento imprescindível. Contudo, não podemos apenas reproduzir o que ouvimos. É necessário

²⁷ N.T.: Não está claro no original, mas a reverenda Higuchi, provavelmente, está se referindo aos japoneses que compreendiam inglês.

assimilar o conteúdo e praticá-lo. Vivenciando-o, nascerá o ardor e a paixão pelo que se faz. A verdadeira paixão. Mais do que ter muito conhecimento, o ideal é ter paixão, nem que seja por uma ou duas coisas que aprendeu e praticá-las a ponto de poder dizer: “Eu mudei, realmente, graças a tal prática. Meishu-Sama me conduziu dessa forma! Eu desejo transmitir o sentimento dele!”



Figura 22 – Reverenda Higuchi em um encontro com membros americanos em caravana ao Japão. Solo Sagrado de Kyoto, diante do Shunjyu-an (Vila Primavera-Outono) nos anos 1960 (HIGUCHI, 2010).

Agindo dessa maneira, nós nos tornaremos grandes mensageiros de Deus e de Meishu-Sama. Gostaria que possuíssem uma fé fervorosa, que os leve a partir para a ação. Este é meu maior desejo! Vocês são importantes discípulos de Meishu-Sama. Portanto, não se deixem abater, pensando que não são suficientemente inteligentes. Devem ter a convicção de que são discípulos preciosos dele e colocar esse sentimento em ação. Quero que tenham o desejo de se tornarem ministros, que arregacem as mangas e coloquem a mão na massa.

Considerações finais

Por um lado, êxito. Por outro, não foram poucos os desafios e as tensões vividas pela reverenda Higuchi no processo de tradução cultural da religião messiânica. Observou-se o quanto ela esteve ciente das diferenças culturais que envolviam sua missão no exterior. Certamente, seu diálogo constante com os membros nativos possibilitou a criação de pontes com a teologia cristã dominante nos EUA da época.

Ainda que de forma inicial e incompleta, aspectos fundamentais da tradução cultural empreendida pela reverenda Higuchi foram identificados em sua interface com a religião cristã, sobretudo no que se refere a questões de culto e oração.

A implantação de uma liturgia adaptada foi uma demanda por parte dos membros americanos. Ao corresponder ao desejo dos membros, a reverenda Higuchi naturalmente desbravou um caminho que possibilitou aproximações com a cultura religiosa local e fomentou uma maior compreensão da mensagem messiânica no exterior. Contudo, tal procedimento exigiu-lhe ampla dedicação, paciência e diálogos constantes.

Conforme visto anteriormente, a reverenda Higuchi introduziu referências a passagens bíblicas ao longo de suas palestras entre 1963 e 1970, entre outras medidas litúrgicas de adaptação. Ela se pautava nas orientações recebidas do Fundador e das Líderes Espirituais com vistas à harmonização da mensagem messiânica com a cultura local. Observou-se, porém, que, a partir de 1970, ocorre uma mudança. Além do número de textos de suas palestras ter decrescido, as citações bíblicas por parte da reverenda Higuchi praticamente desaparecem dos textos. É curioso salientar que é justamente nessa época que ocorre o período de Unificação da Igreja no Japão. Dentre outras características, essa fase da história da Igreja é marcada por uma forte ênfase na hierarquia e na organização e por um sistema de ensino doutrinário baseados no estilo *shojo* (restrito).

Ichigenka (一元化) é o termo usado para descrever a referida fase de Unificação da Igreja Messiânica no Japão a partir da década de 1970 e que se caracterizou por um movimento de implantação de um sistema administrativo unificado e liderado pela Sede Geral, a partir do então presidente da época – reverendo Teruaki Kawai.

A proposta da Unificação gerou o enfraquecimento da figura da Terceira Líder Espiritual da época – Sandai Kyoshu-Sama – isto é, Itsuki Okada, filha de Meishu-Sama, que assumira a liderança em 1962, após a morte de Nidai-Sama. Propunha-se uma posição simbólica do Líder Espiritual, a exemplo da visão do imperador japonês após a rendição do Japão na Segunda Guerra Mundial.

Há real carência de estudos sobre o tema, porém, em termos concretos, sabe-se que várias igrejas – a exemplo da época de Meishu-Sama, que gozavam de maior autonomia administrativa – não aceitaram a Unificação e se desligaram, criando novas igrejas sem ligação jurídica com a IMM. Dentre os vários

exemplos, destaca-se a atual Shinji Shumei Kai que se desligou da IMM, mas segue os preceitos do Fundador, e hoje está presente em vários países, incluindo o Brasil.

Outro desdobramento da Unificação foi o enfraquecimento da liderança missionária feminina na IMM no Japão. Várias missionárias que antes atuavam como chefes de Igreja no Japão – semelhantemente à época de Meishu-Sama – passaram a ser deslocadas para missões distintas, a exemplo da Academia de Ikebana Sanguetsu (fundada em 1972) e outras atividades artístico-culturais desenvolvidas pela Mokichi Okada Association - MOA que inauguraria, em 1982, o Museu de Artes MOA, em Atami, Japão.

Em termos da missão da reverenda Higuchi nos EUA, sobretudo a partir das leituras das reminiscências do reverendo Ajiki, supõe-se que a Unificação tenha provocado uma ruptura na missão da religião messiânica de até então caracterizada por um estilo de integração com a cultura religiosa local. Coincidentemente ou não, a partir dessa época, por volta dos 65 anos, a reverenda Higuchi foi designada para atuar exclusivamente na área de tradução, deixando a frente de expansão missionária a cargo dos ministros japoneses nomeados pela Igreja do Japão. Desde então, com exceção de quatro palestras datadas de 1972 (outubro e novembro), 1983 e 1986, parece-nos ainda que se tornaram escassas as oportunidades de se dirigir à comunidade messiânica por ocasião de cultos.

Em seu relato autobiográfico, o reverendo Ajiki relembra alguns fatos ocorridos no início da década de 1970. Ele fora encarregado do grande projeto que registraria por escrito os vinte anos da história do *Johrei* na América, a serem comemorados em 1973. Ele descreve que sentia que Deus tinha lhe dado “uma maravilhosa oportunidade de reconhecimento do trabalho pioneiro da reverenda Higuchi e da fé e dedicação dos primeiros membros” (AJIKI, 2011: 117). Várias comissões de membros foram formadas e ele iniciou o trabalho de seleção do material. Como resultado, “duzentas páginas de história nunca foram publicadas” (AJIKI, 2011: 117). Indubitavelmente, a narrativa do reverendo Ajiki é digna de futuros estudos e aponta diversas evidências de que uma fase distinta se instalara na missão messiânica nos EUA.

Diferentemente da missão liderada pela reverenda Higuchi nos EUA, a nova direção da Igreja – designada pela Igreja Unificada do Japão – adotou uma postura de ensino rígida e a forma de organização foi bem aceita pelos membros japoneses locais, mas desaprovada pelos membros americanos. A comunidade passou a ser orientada no sentido de colocar a Obra Divina acima de suas vidas particulares e os donativos deveriam ser feitos de forma condizente com as bênçãos oriundas do *Johrei*. Eles passaram a dedicar em seus dias de folga e a participar de repetidos estudos até mesmo em 4 de julho, dia da Independência dos EUA. Os ministros insistiam que todos os membros deveriam participar dos cultos mensais e peregrinar ao Solo Sagrado do Japão. Os membros americanos começaram a reclamar e a questionar a postura autoritária dos ministros quanto aos pedidos de donativos. Por ocasião de suas visitas ao Solo Sagrado do Japão, expressaram sua opinião sobre o sistema de liderança japonês alegando que era extremamente hierárquico para os padrões americanos (AJIKI, 2011: 117).

Em seu livro *Soul Evolution*, o reverendo Ajiki apresenta quatro textos de suma importância para a compreensão dos reflexos da Unificação da Igreja nos EUA.

O primeiro deles intitula-se “Uma grande ironia” em que ele descreve o momento histórico de 1971, ocasião de sua indicação como presidente do Johrei Fellowship (nome da IMM nos EUA, na época) e presidente do Conselho nos EUA. Ele descreve os amargos momentos vividos com as visitas de certo reverendo vindo do Japão, que passou a desenvolver os trabalhos de acordo com a própria vontade, numa administração extremamente verticalizada que desconsiderava totalmente o desejo dos membros do conselho e contrariava tudo aquilo que fora desenvolvido anteriormente sob a liderança da reverenda Higuchi (AJIKI, 2011: 110-111).

O segundo texto intitula-se “Arranjos de flores Sanguetsu” em que o reverendo Ajiki relembra que, em 1974, passou a desenvolver o projeto de implantação da Academia Sanguetsu. No início, sentiu-se contrariado, pois sua vida missionária sempre fora centralizada na missão do *Johrei*. Naturalmente, nesse período, o foco da missão nos EUA era o método de educação *shojo*, ao estilo japonês.

O terceiro texto intitulado “Hierarquia” descreve sua frustração diante da oposição daquele certo reverendo em publicar a pesquisa de duzentas páginas, por ele liderada, em que se apresentava a história dos vinte anos da missão messiânica nos EUA. Ele via aquele projeto como uma maravilhosa oportunidade para o reconhecimento do trabalho pioneiro, da fé e dos amplos esforços que a reverenda Higuchi empreendera junto aos membros no início do servir no exterior. É também nesse texto que o reverendo Ajiki (2011: 118) expressa claramente a realidade da época:

Aquele certo reverendo e outros ministros insistiam que sua espiritualidade era mais elevada e pura do que a de quaisquer outros membros. Por isso, os membros deviam respeitar suas orientações. Tratava-se da implantação de um sistema vertical japonês numa sociedade horizontal. À época, o sentimento de revolta tomou conta das pessoas que passaram a se desligar, interrompendo a expansão. Essa realidade foi percebida pelos diretores da Sede Geral e aquele reverendo responsável acabou sendo transferido de volta para o Japão. Sem dúvidas, todos aqueles ministros vinham se empenhando para concretizar o ideal de Meishu-Sama junto ao povo americano. Contudo, ao longo do percurso, sua administração verticalizada resultou em grande confusão e ressentimento por parte dos membros americanos. Foi assim que a Sede Geral iniciou um trabalho de restabelecimento das atividades de *Johrei* nos EUA. Neste ínterim, eu continuava meu servir junto à Academia Sanguetsu.

O título do quarto texto é “Redenção” em que o reverendo Ajiki descreve uma de suas visitas à Sede Geral do Japão, em 1977. Na ocasião, ele foi convidado para retornar às atividades como ministro. A partir de então, sentiu dissolver-se todo o ressentimento que vinha nutrindo por aquela mesma diretoria que criticara severamente a reverenda Higuchi e a ele por sua abordagem missionária “americanizada”. Ele compreendeu que a direção, os ministros e os membros tinham sido manipulados pelo estilo administrativo arrogante daquele certo reverendo que, na prática, suscitara tamanha desordem.

Os membros da direção disseram reconhecer seus equívocos e que buscariam resolver a situação. Por outro lado, o reverendo Ajiki tinha percebido que Deus utilizara aquele reverendo como uma lima para polir sua alma. Finalmente, em 1990, visto que o estilo japonês adotado tinha sido desastroso na missão nos EUA, o então presidente, reverendo Yasushi Matsumoto, declarou que cada país deveria seguir o próprio estilo missionário. Seja nos EUA, Brasil ou Tailândia, cada qual deveria buscar seu estilo próprio. Os problemas daquela fracassada experiência missionária estavam resolvidos a despeito de todas as consequências que restaram. O reverendo Ajiki (2011: 120) finaliza dizendo que:

[...] todos aqueles eventos serviram para nos lembrar que tudo no Universo se desenvolve de acordo com o princípio da evolução que é regido pelo amor universal. A alma humana, as organizações, a sociedade, as nações, o mundo, enfim, tudo se desenvolve de acordo com o seguinte princípio: “Em toda a negatividade, há propósitos positivos e construtivos”. Contudo, nós, humanos, somos facilmente confundidos e não conseguimos perceber a profunda natureza do Amor de Deus.

Em meio a essa turbulência que revirou a missão nos EUA na década de 1970, como teria vivido a reverenda Higuchi, já que seu foco de ação mudara da linha de frente missionária para os trabalhos de tradução dos ensinamentos de Meishu-Sama?

Ao longo dos anos em que venho buscando conhecer e sentir a profundidade do espírito missionário da reverenda Higuchi, principalmente por meio da leitura de suas preleções e das reminiscências por parte de seus companheiros missionários, em breves palavras, diria o seguinte: a despeito da sua pouca visibilidade na comunidade messiânica da atualidade, a missão desenvolvida pela reverenda Higuchi encarna o princípio da humildade e daquilo que o Fundador denominou “virtude oculta”. Não me parece exagero algum afirmar que seu trabalho missionário – pioneiro no Ocidente – erigiu os alicerces de uma missão intercultural da religião messiânica que contribuem para a consolidação de uma teologia messiânica inspirada no amor amplo, na humildade e no respeito à diversidade cultural.

Desejando ardentemente que as pessoas compreendessem o significado da salvação messiânica, a reverenda Higuchi se emocionava e vibrava junto a cada novo fiel que se integrava ao movimento de Meishu-Sama. Em meio à sua incansável busca para compreender o sentimento dos americanos, ela necessitou de muita coragem para lançar mão de adaptações no uso da linguagem e opções temáticas. Nesses momentos, ela deve ter se pautado nas orientações de Meishu-Sama: “Você não deve se apressar”; “É preciso conhecer o coração do outro e colocar-se em seu lugar” (HIGUCHI, 1973).

Creio profundamente que teologias e missões inspiradas no amor altruísta e na espiritualidade, vividas pela reverenda Higuchi, sejam capazes de cruzar fronteiras e concretizar o nobre e universal objetivo de Meishu-Sama quanto à salvação da humanidade.



Figura 23 – Reverenda Higuchi com Sandai-Sama, em 1985 (HIGUCHI, 1994).



Figura 24 – Comemoração de aniversário da reverenda Higuchi, rodeada de missionárias/os e amigas/os (acervo pessoal).



Figura 25 – *The Light of Johrei*, coleção de palestras da reverenda Kiyoko Higuchi.

Anexo I – Resumo biográfico

- 14/2/1905 – Nascimento Kiyoko Higuchi – província de Ishikawa, no Japão.
- Graduada na Universidade Feminina de Tóquio.
- Atuação como professora de língua inglesa na mesma instituição.
- 1945 – Ingresso na religião messiânica.
- 1952 – Tornou-se ministra integrante responsável da Igreja Hakuai.
- 1953 – Iniciou a difusão pioneira no Havaí.
- 1955 – Fundou a Igreja de Los Angeles.
- 1958 – Inauguração do Valley Center.
- 1966 – Nomeada presidente da Sede Central da Igreja Messiânica EUA.
- 1972 – Encerramento das atividades do Valley Center.
- Como pioneira da difusão mundial, traduziu a maior parte dos ensinamentos de Meishu-Sama que há em língua inglesa.
- 7/7/1989 – Falecimento em Los Angeles, aos 84 anos.

Anexo 2 – O último culto no Valley Center em 12 de novembro de 1972

Chegou o momento de, afinal, deixarmos o Valley Center, e estamos aqui hoje para realizar nosso último culto neste lugar, que tem sido tão especial para nós.

Não posso deixar de pensar sobre os últimos anos, sobre os muitos dias que passamos juntos aqui, as muitas graças que recebemos em relação à construção do nosso Valley Center. Meu coração está cheio de profunda emoção.

Esta propriedade foi adquirida no outono de 1957, e começamos a construí-la em junho de 1958, como o primeiro protótipo do paraíso terrestre nos Estados Unidos. Quinze anos se passaram desde então. Durante esse tempo, tivemos muitas experiências maravilhosas, encontramos pessoas maravilhosas. Também contamos com várias dificuldades, as quais superamos com fé e oração. Podemos lembrar muitas graças e milagres resultantes do *Jobrei* ministrado no altar, e respostas para muitas orações feitas aqui.

Muitos de vocês tiveram o privilégio de tomar parte na construção desta obra, doando seu tempo, trabalho e material para transformar esta propriedade num lugar digno de ser a primeira miniatura do paraíso nos Estados Unidos. Realmente, palavras não podem expressar nossa profunda gratidão pelo servir que vocês prestaram.

Pensando no passado, posso ver diante dos meus olhos, como um caleidoscópio, cenas daqueles dias quando muitos de vocês, homens, mulheres e crianças, felizes e alegres, trabalharam juntos. Na minha mente, passam cenas dos dias em que plantamos as laranjeiras e as protegemos, e dos dias em que trabalhamos no paisagismo. Vocês trabalharam duro, mas seus rostos estavam radiantes de alegria, porque, enquanto vocês dedicavam, eram agraciados com a alta vibração da Luz divina e podiam sentir uma grande elevação espiritual. Vocês estavam cientes disso e cheios de gratidão. Posso lembrar seus rostos felizes, em regozijo pelo Culto do Paraíso. Tivemos momentos maravilhosos em nosso acampamento de verão e nos seminários também. Por todos esses momentos, Deus nos abençoou com força espiritual e nos ajudou a elevar nossa consciência, pelo que somos gratos, ao máximo.

Agora, a situação mudou e estamos partindo deste lugar. Sentiremos falta dele, já que o amamos tanto; contudo, acreditamos que, como tudo o mais, isto é parte do plano de Deus. Nada é desperdiçado no programa de Deus. Há um profundo significado espiritual no fato de termos comprado a propriedade do Valley Center e de a termos desenvolvido, colocando nosso coração nisso. Acredito que esse foi um passo necessário para nossa Igreja, de modo que pudemos aprender a bênção espiritual do servir físico (*gohoshi*) e do donativo material, bem como da devoção e da fé.

Nossos esforços não foram desperdiçados. O amor que colocamos nessa propriedade está fortemente impregnado e permanece aqui para continuar ajudando a purificar sua vibração. Muitos espíritos que vivem nessa região foram ajudados consideravelmente, elevados pela alta vibração espiritual

emanada pela Imagem da Luz divina, que aumentava cada vez que orávamos juntos no altar. As pessoas que adquiriram este lugar e todos os trabalhadores receberão muitas graças, estando ou não cientes disso.

Acredito que, no mundo espiritual, o futuro Solo Sagrado dos Estados Unidos já foi determinado e será concretizado no plano físico no tempo certo. Devemos nos preparar para esse grande momento. Devemos nos ajustar e cooperar com essa mudança. Algumas mudanças podem parecer desnecessárias aos olhos do homem, mas sempre provam ser importantes na obra de Deus, fazendo o plano divino avançar e permitindo que nós, Seus servidores, possamos receber ainda mais graças. Eu mesma já passei por essa experiência muitas vezes, no passado. Aceitemos tudo com atitude positiva e confie-mos no amor e sabedoria divinos.

Lembremos novamente as palavras de Meishu-Sama: “Aqueles que têm elevada compreensão podem virar tão facilmente para a direita quanto para a esquerda, conforme a situação. Esses são os que estão preparados para levar a obra divina adiante”. Com isso em mente, vamos alegremente seguir em direção à nova fase.

Gostaria de dizer aos nossos membros locais: “Continuem tendo firme fé no plano de Deus. Fiquem juntos e orem em um só espírito, com completa confiança na orientação divina. Então, ponham sua fé em ação, orando com atitude positiva. Façam o melhor para ajudar o maior número possível de pessoas através do *Johrei*, com coragem e determinação. Deus, certamente, abrirá um caminho para vocês”.

Deixem-me dar-lhes três recomendações. Primeiro, orem com uma postura positiva e uma forte determinação de colocar em prática aquilo que estão orando. Deus assim irá dotá-los de grande força espiritual. Segundo, tentem elevar o seu *yukon* aumentando sua vibração tanto quanto possível, através do servir e do *Johrei*. Desse modo, vocês serão instrumentos mais eficazes de Deus. Conforme suas vibrações aumentam, as pessoas que tenham afinidade espiritual com vocês serão atraídas, de modo que vocês possam encaminhá-las à nossa Igreja. E terceiro, tornem-se pessoas confiáveis. Isto é, tentem viver com o pensamento voltado para Deus primeiro e em harmonia com a vontade divina. Vocês podem estar em harmonia com a vontade divina se orarem sempre pelo bem-estar dos outros e se agirem coerentemente com esse pensamento. Deus trabalha através de pessoas assim qualificadas e lhes envia outras pessoas que estão prontas para a obra.

Recentemente, li um relatório sobre um Johrei Center no Havaí. Era um lugar difícil para difundir o caminho da Luz e, por um longo tempo, não cresceu. Certa feita, o número de fiéis chegou perto dos cem, mas, depois que o membro que conduzia a unidade faleceu, a frequência caiu para a metade ou menos. Então, com a orientação de um bom ministro, alguns líderes do grupo foram despertados para o verdadeiro caminho da oração, de forma que mudaram sua atitude e começaram do zero, colocando em prática os três pontos que mencionei. Milagres começaram a ocorrer, um após o outro.

O número de novos membros aumentou, e agora há mais de 300 membros, e o grupo continua crescendo. Eles estão trabalhando para atingir o objetivo de 500 membros.

O mesmo pode acontecer com este grupo no Valley Center. Tudo depende de seu pensamento, de sua atitude mental. Por essa razão, permaneçam juntos, conforme lhes disse anteriormente, orem e trabalhem juntos na obra divina, em harmonia e com grande entusiasmo, e serão abençoados com mais oportunidades de difundir a Luz às outras pessoas.

Agora, digo a todos os membros: “Vamos todos aceitar a vontade de Deus com uma atitude sempre positiva, vamos nos preparar para a nova fase, e seguir adiante com grande determinação de ajudar no plano divino para o estabelecimento do paraíso nos Estados Unidos”.

Obrigada e Deus os abençoe. (HIGUCHI, 1994, p. 201-204)

Referências

- AJIKI, H. *Soul Evolution* [A evolução da alma]. Tucson: 2011.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BELLAH, R. Cultural Identity and Asia Modernization. In: *Modernization in Asian Countries: Proceedings of Kokugakuin University Centennial Symposium*. Institute for Japanese Culture and Classics, Kokugakuin University, 1983. Disponível em: <<http://www2.kokugakuin.ac.jp/ijcc/wp/cimac/bellah.html>>. Acesso em: 17 nov. 2018.
- BOSCH, D. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. 4ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 2014.
- BURKE, P.; HSIA, R. Po-chia (Org.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa moderna*. São Paulo: UNESP, 2009.
- CARSON, R. *Primavera Silenciosa*. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. 1ª ed. São Paulo: Gaia, 2010.
- CLARKE, P. B. *Japanese New Religions in global perspective*. Richmond, Surrey: Curzon Press, 2000.
- CLARKE, P. B. Movimentos milenaristas japoneses e o papel do Brasil na construção do paraíso na Terra: a Igreja Messiânica Mundial (Sekai Kyusei Kyo). In: *ILHA – Revista de Antropologia*, Florianópolis, UFSC, Trad. Maria Amélia Schmidt Dickie, v. 2, n. 1, p. 104-122, 2000.
- CLARKE, P. B. A construção de um mundo sem doença e violência: o alvo da Sekai Kyusei Kyo (Igreja Messiânica Mundial). In: *Revista Eletrônica REVER*, n. 4, p. 20-33, 2002. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2002/t_clarke.htm>. Acesso em: 17 nov. 2018.
- DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. *Os tradutores na história*. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- FUNDAÇÃO MOKITI OKADA (Org.). *Luz do Oriente*, v. 3. 1ª ed. São Paulo: FMO, 1983.
- FUNDAÇÃO MOKITI OKADA (Org.). *Fiquei mais feliz*. 2ª ed. São Paulo: FMO, 1985.
- GEBARA, I. *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.
- GEFFRÉ, C. *Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- GUARÇONI, L. T. *O médico e o missionário – história da difusão messiânica no estado do Maranhão*. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2003.
- HIGUCHI, K. *Sekai Meshiya-kyo no Tebiki: Kaigai Nyushinsha no Tame ni* [Introdução à Igreja Messiânica Mundial – Guia para Ingressantes no Exterior]. Japão: Sekai Kyusei Kyo, 1953.
- HIGUCHI, K. Beikoku Fukyo Kichou Houkoku [Relatório: retornando da missão nos EUA]. In: *Tijo Tengoku*, Japão, Sekai Kyusei Kyo, n. 64, 1954.
- HIGUCHI, K. Amerika no Genjyo: Amerika de Fukyo shite Jyo [Realidade dos EUA: Difusão nos EUA – 1ª parte]. In: *Tijo Tengoku*, Japão, Sekai Kyusei Kyo, n. 115, 1959.
- HIGUCHI, K. Atarashi tochi ni wa chigatta hana ga saku [Em novas terras, diferentes flores florescem]. In: *Tijo Tengoku*, Japão, Sekai Kyusei Kyo, n. 139, 1961.

- HIGUCHI, K. Sukou na seishin wo motomete Hippii zoku ga zokuzoku kyoukai e [Em busca da sublime espiritualidade: Vinda dos hippies à Igreja]. In: *Tijo Tengoku*, Japão, Sekai Kyusei Kyo, n. 836, 1969.
- HIGUCHI, K. *America fukyo nijyu nen shi (Kari-sho)* [Título provisório: Vinte anos da história da difusão na América]. Japão: Sekai Kyusei Kyo [não publicado], 1973.
- HIGUCHI, K. *The Light of Jobrei*. USA: Johrei Fellowship, 1994.
- HIGUCHI, K. Watashi no Meishu-Sama - Goson-i kanau beku – Jyo. In: *Izunome nº 82*. Atami: Izunome Kyodan Publishing Dept., 2009.
- HIGUCHI, K. Watashi no Meishu-Sama - Goson-i kanau beku – Chu. In: *Izunome nº 83*. Atami: Izunome Kyodan Publishing Dept., 2009.
- HIGUCHI, K. Watashi no Meishu-Sama - Goson-i kanau beku – Ge. In: *Izunome nº 84*. Atami: Izunome Kyodan Publishing Dept., 2010.
- HIGUCHI, K. Minha vida com Meishu-Sama: para corresponder à Vontade Divina – 1ª parte. Trad. Anna Michele Sakaguti e Amadeus Valdrigue. In: *Saberes em Ação*, São Paulo, Faculdade Messiânica, n. 3, p. 105-111, jan./jun. 2014.
- HIGUCHI, K. Minha vida com Meishu-Sama: para corresponder à Vontade Divina – 2ª parte. Trad. Anna Michele Sakaguti e Amadeus Valdrigue. In: *Saberes em Ação*, São Paulo, Faculdade Messiânica, n. 4, p. 191-197, jul./dez. 2014.
- HIGUCHI, K. Minha vida com Meishu-Sama: para corresponder à Vontade Divina – 3ª parte. Trad. Vania Dias Mendonça e Veronica Hayako Nagae. In: *Saberes em Ação*, São Paulo, Faculdade Messiânica, n. 5, p. 167-175, jan./jun. 2015.
- HIMITIAN, J. A importância do evangelho do Reino de Deus. In: *Um só corpo - USC*, 2014. Disponível em: <<http://umsocorpo.com.br/a-importancia-do-evangelho-do-reino-de-deus/>>. Acesso em: 8 maio 2019.
- IZUNOME ASSOCIATON USA (Org.). *Fragments from the Teachings of Meishu-Sama*. USA: Izunome Associaton USA, 2015.
- JOSEPHSON, J. A. *The Invention of Religion in Japan*. USA: The University of Chicago Press, 2012.
- KWOK, P-L. *Chinese Women and Christianity 1860-1927*. USA: American Academy of Religion Academy Series, 1992.
- KWOK, P-L. *Discovering the Bible in the non-biblical World*. New York: Orbis Books, 1995.
- KWOK, P-L. *Postcolonial Imagination and Feminist Theology*. London: SCM Press, 2005.
- MAGALHÃES, A. Invenções religiosas no cotidiano e teologia narrativa. In: *Estudos Teológicos*, América do Norte, n. 45, p. 90-106, mar. 2013. Disponível em: <http://est.tempsite.ws/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/542/503>. Acesso em: 17 nov. 2018.
- MAGALHÃES, A. Narrativa e hermenêutica teológica. In: *Caminhando*, v. 7, n. 1 [9], p. 6-22 [edição on-line], 2002. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/viewFile/1490/1509>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

- MATTELART, A.; NEVEU, É. *Introdução aos estudos culturais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MENDONÇA, A. G. Religiosidade no Brasil: imaginário, pós-modernidade e formas de expressão. In: *Estudos de Religião*, UMESP, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, ano XII, n. 15, p. 39-50, 1998.
- MEISHU-SAMA. *Ensinamentos de Meishu-Sama: coletânea Alicerce do Paraíso*, v. 3. São Paulo: FMO-MOA, 2008.
- MEISHU-SAMA. *Ensinamentos de Meishu-Sama: coletânea Alicerce do Paraíso*, v. 1. 6ª ed. rev. e ampl. São Paulo: FMO-MOA, 2017.
- MEISHU-SAMA. *Os Novos Tempos*. 3ª ed. rev. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2018.
- MIGNOLO, W. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- NONGBRI, B. *Before religion: a history of a modern concept*. USA: Yale University, 2013.
- NÖRNBERG, M.; TREIN, H. A. Perspectivas para o diálogo intercultural – A missão da IECLB e os povos indígenas. In: *Estudos Teológicos*, Faculdade EST, São Leopoldo, ano 47, n. 2, p. 145-156, 2007.
- OKADA, M. *Amerika wo sukuu* [Salvar os Estados Unidos]. Atami: Sekai Kyusei Kyo, 1953.
- PAIVA, J. M. *Colonização e catequese*. São Paulo: Arké, 2006.
- PETERSON, D. R.; WALHOF, D. R. (Ed.). *The invention of religion: rethinking belief in politics and history*. USA: Rutgers University Press / New Jersey, 2002.
- SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. Coleção Companhia de Bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SATO, T. Nanbei Kaitaku Fukyo Kotohajime [Início da difusão pioneira na América do Sul]. In: *Revista Izunome*, Atami, Izunome Kyodan Publishing Dept., n. 72, 2007.
- SANTOS, B. S. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SEKAI KYUSEI KYO. *Meishu-Sama to Sendatsu no Hitobito* [Meishu-sama e os pioneiros]. Japan: Sekai Kyusei Kyo, 1986.
- SEKAI KYUSEI KYO. *Tengoku no Ishizue Rokkan. Shukyo Jyo* [Alicerce do Paraíso 6 tomos – volume Religião 1]. Atami: Sekai Kyusei Kyo, 1993.
- SUNG, J. M.; WIRTH, L. E.; MÍGUEZ, N. *Missão e educação teológica*. São Paulo: ASTE, 2011.
- SUNG, J. M. O Johrei e os três pilares. In: *Saberes em Ação*, São Paulo, Faculdade Messiânica, ano 1, n. 1, p. 83-95, 2013.
- STAEMMLER, B.; DEHN, U. *Establishing the Revolutionary: An Introduction to new Religions in Japan*. Berlin: LIT Verlag, 2011.
- TOMITA, A. G. S. *Religiões japonesas e a Igreja Messiânica no Brasil: integração religiosa e cultural*. 2ª ed. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2016.
- VASCONCELLOS, P. L. Metodologias de estudos das “escrituras” no campo da Ciência da Religião. In: PASSOS, J. D.; USARSKI, F. (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

WATANABE, K. *Cem histórias da minha fé*, v. 1-3. São Paulo: FMO, 1986.

WATANABE, M. Sekai Kyusei Kyo Jyorei no Kiseki to Ikusei Shisutemu [IMM – Os milagres do *Johrei* e o Sistema de Formação]. In: *Burajiru Nikkei Shinshukyo no Tenkai: Ibunka Fukyo no Wadai to Jissen* (Developmental Processes of Japanese New Religions in Brazil: Tasks and Achievements of Missionary Work in Brazilian Culture). Tokyo: Toshindo, 2001.

YAMADA, Y. Healing, conversion and ancestral spirits: religious experiences among the Japanese members of the Church of Messianity in Los Angeles, California. In: *Japanese Religions in California: a report on research within and without the Japanese-American community*, Tokyo, Department of Religious Studies University of Tokyo, mar. 1983.

Lista de figuras

Figura 1 – Reverenda Kiyoko Higuchi	p. 4
Figura 2 – Kiyoko Higuchi com familiares	p. 17
Figura 3 – Reverenda Higuchi e Thelma Dowd em visita a Nidai-Sama	p. 23
Figura 4 – Reverenda Kiyoko Higuchi e reverendo Harutami Ajiki	p. 33
Figura 5 – Reverenda Kiyoko Higuchi com jovens hippies	p. 33
Figura 6 – Reverenda Kiyoko Higuchi com membros no Valley Center averiguando as laranjeiras recém-plantadas	p. 37
Figura 7 – Visita à Unity Church em Santa Ana com reverendo Fujieda e outros	p. 40
Figura 8 – Reverenda Higuchi com a editora Lisa Henderson no Monte Nokoguri	p. 52
Figura 9 – Capas dos livros <i>Fragments from the Teachings of Meishu-Sama</i> e <i>Os Novos Tempos</i>	p. 54
Figura 10 – Kiyoko Higuchi – Conselheira da Igreja Messiânica Mundial	p. 58
Figura 11 – Capa do livro <i>Amerika wo suku</i> (Salvar os Estados Unidos)	p. 60
Figura 12 – Reverenda Kiyoko Higuchi embarcando para o Havaí	p. 63
Figura 13 – Reverenda Higuchi, relatando sobre a difusão nos EUA, na Igreja Hakuai	p. 63
Figura 14 – Kiyoko Higuchi – Conselheira da Igreja Messiânica Mundial	p. 64
Figura 15 – Chegada a Honolulu, Havaí	p. 65
Figura 16 – Perante os membros havaianos, proferindo uma palestra	p. 66
Figura 17 – Honolulu, Havaí – terra onde foi iniciada a difusão pioneira nos EUA	p. 68
Figura 18 – Participação em um acampamento de verão ao lado de membros norte-americanos no Valley Center	p. 69
Figura 19 – Reverendas McKinstry, Higuchi e Dowd no Valley Center em 1970	p. 70
Figura 20 – Valley Center: local de prática da Agricultura Natural	p. 71
Figura 21 – Reverenda Higuchi durante palestra aos membros norte-americanos no Valley Center	p. 75
Figura 22 – Reverenda Higuchi com membros americanos em caravana ao Japão	p. 77
Figura 23 – Reverenda Higuchi com Sandai-Sama	p. 82
Figura 24 – Comemoração de aniversário da reverenda Higuchi	p. 82
Figura 25 – Capa do livro <i>The Light of Jobrei</i> , coleção de palestras da reverenda Kiyoko Higuchi	p. 83

Posfácio

Neide Hissae Nagae²⁸

A leitura de *Novas terras, diferentes flores: a vida missionária da reverenda Higuchi* é uma fonte de rico aprendizado não apenas aos estudiosos das Ciências da Religião e da Teologia, mas também para todos aqueles que buscam passear pelos caminhos da compreensão mútua. O livro mostra como os propósitos acolhedores visando a um bem maior por meio do exemplo de um espírito de luz e amor vão além do entendimento humano. Firme em suas convicções na construção de um mundo fraterno, Higuchi efetivamente soube colher flores e deixou frutos e sementes em terras norte-americanas, no Japão, seu país de origem, e no Brasil, por meio deste trabalho da Dra. Andréa Gomes Santiago Tomita.

Seu título já remete de modo poético a um dos principais aspectos de que trata: o encontro com o diferente de uma mulher corajosa, de fé inabalável que abriu e desbravou caminhos exemplares no enfrentamento com a adaptação e aculturação em terras norte-americanas para difundir suas convicções entre pessoas que estavam em busca de uma solução para seus problemas e de um mundo melhor.

O foco nos estudos coloniais e pós-coloniais e na tradução intercultural revela o olhar aguçado de uma pesquisadora curiosa e inquiridora pela própria vida que trilhou: brasileira que abraçou uma religião nova de origem japonesa, muito diferente dos traços cultivados desde a infância no seio familiar, e que a levou a seguir a carreira missionária com coragem e determinação, assim como Higuchi que ainda não conhecia na época.

A trajetória das duas, pesquisadora e pessoa pesquisada, é semelhante sobretudo quanto aos seus objetivos e desafios. Higuchi, japonesa nativa, utilizou seus conhecimentos da língua inglesa para traduzir e divulgar os ensinamentos de Meishu-Sama. Tomita aprendeu o japonês, dedicou-se ao serviço missionário e à tradução e direcionou seus estudos à Teologia e às Ciências da Religião. Como diz o professor Jung Mo Sung no prefácio, ambas se apresentam como pessoas imbuídas de uma missão que as mantém perseverantes em seu caminho por meio de uma força externa. A expressão *tariki shinkō*, cujo sentido sintético é a crença em um poder superior externo, move essas duas figuras femininas cheias de paixão pelo que fazem.

Andréa, além de ter vivido no Japão e cursado sua graduação em Letras na Tokyo University of Foreign Studies, contraiu um casamento interétnico com um nipo-brasileiro e essa experiência pessoal desponta em suas ideias e visões que também é possível lermos por meio deste trabalho. Seu encontro com o diferente, mais que o “novo”, e seu respeito para com as alteridades faz com que seu olhar se volte para a vida de Higuchi de modo especial.

²⁸ Graduada em Letras, doutorou-se em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP). É Professora Associada da Universidade de São Paulo e atua na Graduação em Letras Japonês e no Programa de Pós-Graduação em Língua Literatura e Cultura Japonesa, com foco em Literatura, Tradução e Pensamento Japonês.

Particularmente, Andréa é um exemplo de pessoa destemida. Nossos laços se uniram por meio do caminho da flor em um estudo para professores da Ikebana Sanguetsu. Foi nesse viés da formação humana, nossa própria e de outros, que nossas afinidades só fizeram crescer. Parcerias surgiram também no âmbito acadêmico desde o tempo em que eu atuava na UNESP, com muitos projetos envolvendo o ensino de língua japonesa e a tradução, a teologia e as artes, todas com muitas reflexões sobre o pensamento japonês. E continuam, neste momento específico, em nova vivência também como colegas de trabalho na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Neste livro, que é o resultado de seu pós-doutoramento em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Kiyoko Higuchi surge em sua exposição, acompanhada por um misto de admiração e respeito, por todas as suas realizações e conquistas, mas, pelo que pudemos observar, pela sabedoria e espírito empreendedor de ler as situações e de lidar com o outro, ora avançando, ora recuando, sempre se apoiando nos ensinamentos de seus Mestres e imbuída de profundo amor e consideração pelas pessoas.

Um dos pontos que chama a atenção é que na apresentação do trabalho missionário da reverenda Higuchi, Andréa discorre sobre a teologia prática, os principais assuntos e temas discutidos na época nos Estados Unidos como a questão da alimentação saudável, dos riscos da poluição ambiental, e que mostram de forma concreta que a atividade de salvação religiosa inclui o lado da vida humana em sua integridade mental e física, ética e espiritual.

A tradução de textos é abordada no âmbito da tradução intercultural e como atividades de colaboração, sendo a adaptação cultural um dos enfoques dos exemplos apontados. Nesse quesito, as escolhas são pautadas em tópicos relevantes para a transmissão e inserção de novos conceitos e práticas que estavam sendo introduzidos em terras estrangeiras, com exemplos concretos que levam ao esclarecimento.

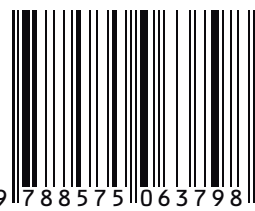
Além da visão dos diversos estudiosos que norteiam suas reflexões, a autora traz os depoimentos e registros de pessoas que estiveram presentes na vida de Kiyoko Higuchi, tornando este livro um estudo recheado de histórias de vidas.

Andréa, com sua visão aguçada, contribui, assim, para lançar luz sobre as novas religiões japonesas apresentando alguns conceitos-chave da fé messiânica sem perder de vista a objetividade da pesquisadora de uma “religião abrangente” e a importância do respeito às diversidades culturais. Transitando por vários saberes e disciplinas, a autora nos proporciona uma instigante aventura pela vida de uma mulher que, como nos foi mostrado, estava muito além de seu tempo.

Espero que este trabalho inspire muitos outros na área das Ciências da Religião, da Teologia e da Tradução Cultural para somarem-se aos estudos japoneses no Brasil.



ISBN 978-85-7506-379-8



9 788575 063798